

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
DOUTORADO EM PSICOLOGIA

Tese de Doutorado

**Teste de Apercepção Familiar: sistema de categorização
das respostas e fidedignidade entre avaliadores**

Liza Fensterseifer

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Blanca Susana Guevara Werlang

Porto Alegre, novembro de 2008.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
DOUTORADO EM PSICOLOGIA**

**Teste de Apercepção Familiar: sistema de categorização
das respostas e fidedignidade entre avaliadores**

Liza Fensterseifer

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Blanca Susana Guevara Werlang

Porto Alegre, novembro de 2008.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
DOUTORADO EM PSICOLOGIA

**Teste de Apercepção Familiar: sistema de categorização
das respostas e fidedignidade entre avaliadores**

Liza Fensterseifer

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutora em Psicologia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Blanca Susana Guevara Werlang

Porto Alegre, novembro de 2008.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
DOUTORADO EM PSICOLOGIA**

LIZA FENSTERSEIFER

**Teste de Apercepção Familiar: sistema de categorização
das respostas e fidedignidade entre avaliadores**

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Blanca Susana Guevara Werlang
Presidente

Prof^ª. Dr^ª. Anna Elisa de Villemor-Amaral
Universidade São Francisco

Prof^ª. Dr^ª. Denise Ruschel Bandeira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof^ª. Dr^ª. Maria Lúcia Tiellet Nunes
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, novembro de 2008.

Para Eduardo, minha escolha de afeto, por tudo o que significa para mim o que temos e vivemos juntos. Para meus pais, por seu amor incondicional. Para Pedro, pela fraternidade.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

À minha orientadora, profa. Dra. Blanca Susana Guevara Werlang, pela presença, pela marca que fez em minha vida, pelo modelo de profissional que representa para mim. Parte do que sou hoje devo a ela, que me acompanhou no mestrado e no doutorado. Agradeço pela orientação, sempre exigente e criteriosa, pela amizade, pela segurança, pelo zelo e seriedade com todo o material produzido, pelos laços de afeto construídos sobre base sólida e perene.

AGRADECIMENTOS

Nossos projetos nunca são fruto apenas de nosso próprio esforço. Como seres humanos, somos e vivemos em relação com os outros e, por isso, no momento da conclusão desta etapa, eu não poderia deixar de agradecer a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, estiverem presentes e próximos, contribuindo para que eu pudesse chegar até aqui.

A meu marido, Carlos Eduardo, por aceitar me dividir com o doutorado, por me apoiar sempre que precisei (e só nós sabemos o quanto eu precisei!), por tolerar com bom humor as minhas ausências, em tantos momentos em que tive que me dedicar a este ideal.

A meus pais, Ivo e Liâne, por tudo o que sou. Vocês sempre foram pais especiais, presentes, interessados, amorosos, que me estimularam a buscar e alcançar minhas metas. Vocês vibraram com cada conquista, estiveram ao meu lado, sendo “bons” pais, sempre que eu estava desanimada, cansada, perdida. Obrigada por estarem tão perto, mesmo estando tão longe.

A meu irmão, Pedro, pela fraternidade e, mesmo longe, pelo seu apoio (talvez nem ele saiba o quanto isso foi importante para mim).

A Maiara, pela pessoa que é, sempre positiva, pelo que representa em nossa família.

A Daniela de Oliveira Moreira, amiga verdadeira, esteio importante e necessário em minha vida, agradeço pela presença, pelo interesse, pela relação fraterna que conquistamos e cultivamos.

A Vivian Roxo Borges e Samantha Dubugras Sá, com quem sempre pude e posso contar, trocar idéias. Vocês são amigas queridas com quem construí uma relação em função da pós-graduação, mas com quem tenho, hoje, algo que extrapola esta formalidade e se constitui, realmente, num laço genuíno de afeto.

A Gabriela Quadros de Lima, pela ajuda na coleta dos dados, na organização constante do material, pelas trocas, pela eterna e carinhosa disponibilidade, pela oportunidade de tê-la como amiga.

A Mariana Esteves Paranhos, outra importante amiga conquistada no percurso da pós-graduação, que também não mediu esforços para ajudar na coleta dos dados, na organização e realização deste trabalho.

A Caroline de Oliveira Cardoso, Cristina Fiad Aragonez, Fabiana Fagundez, Katherine Flach, Larissa Bittencourt da Silva, Laura de Oliveira Tomasi, Luciana Balestrin Redivo, Mariana Aguilar Baldo, Mateus Luz Levandowski, Maura Marques de Souza Nunes, Rafaela Degani, Raquel de Oliveira Santiago, Roberta Louzada Salvatori, Samanta Antoniazzi e Virgínia Wassermann, bolsistas de iniciação científica, auxiliares e colegas do grupo de pesquisa, que ao longo destes quatro anos, participaram, de alguma forma, da execução deste trabalho. A Roberta, um agradecimento especial, pela organização do banco de dados, pela ajuda e disponibilidade, por conseguir articular e driblar as dificuldades criadas pelos quilômetros que me separam de Porto Alegre.

A Liara Lopes Krüger, pelas contribuições e sugestões teóricas, pelos ensinamentos em “terras sistêmicas”, inicialmente desconhecidas por mim.

A Leanira Kesseli Carrasco, pela disponibilidade em ajudar no trabalho com o FAT.

A todas as escolas que concordaram em participar deste estudo e acolheram nossa proposta.

A todos os pais e responsáveis pelas crianças e adolescentes, por consentirem a participação dos mesmos neste estudo, pois sem sujeitos de pesquisa não se faz pesquisa.

A Capes, pela bolsa concedida, auxílio financeiro que viabilizou a execução e conclusão do doutorado.

A todos que estiveram comigo e que participam do que sou, meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

O teste projetivo *Family Apperception Test* (FAT) objetiva avaliar, do ponto de vista de quem responde ao teste, o processo de funcionamento e a estrutura familiar. O FAT é constituído por 21 lâminas com cenas familiares, e a proposta é que o examinando conte uma história para cada uma delas. Considerando a importância da adaptação de instrumentos psicológicos para a realidade em que são utilizados, este estudo teve como principal objetivo criar subsídios para a adaptação e uso do FAT à realidade brasileira. Para isso, a presente tese de doutorado foi organizada em três seções. A primeira discute, teoricamente, o papel da capacidade de resolver conflitos como um indicador de saúde em famílias, destacando que a disfuncionalidade destas não se atesta pela presença de problemas, mas sim por sua incapacidade de buscar estratégias para o enfrentamento dos mesmos. A segunda seção descreve o processo de construção e desenvolvimento de um sistema de categorização para analisar as respostas dadas ao FAT. Foram examinados estudos publicados sobre o assunto e realizou-se um exame sistemático do conteúdo das categorias de análise propostas na versão original do FAT, para verificar sua adequação. Feito isso, definiu-se uma nova configuração de categorias para composição do sistema de categorização das respostas, a partir do qual as verbalizações de 30 crianças e adolescentes foram escrutinadas, de forma independente, por duas pesquisadoras. Com esta ação a consistência lógica das respostas foi verificada e chegou-se, assim, à forma definitiva deste sistema. Na última seção apresenta-se um estudo de fidedignidade entre avaliadores, para o qual foi realizada uma pesquisa quantitativa, envolvendo 160 crianças e adolescentes das cidades de Belo Horizonte e Porto Alegre. Os instrumentos utilizados foram uma ficha de dados sociodemográficos; o Teste Matrizes Progressivas de Raven, para medida de *screening* da capacidade cognitiva dos sujeitos; e o FAT. Para a coleta dos dados contataram-se escolas públicas e privadas e, antes da administração dos instrumentos, foi enviada uma carta e um termo de consentimento aos pais ou responsáveis pelos estudantes, sendo que trazê-lo assinado era condição para a participação dos mesmos. As histórias contadas para o FAT foram gravadas em material de áudio, transcritas e submetidas ao exame de três juízes (J1, J2 e J3), que fizeram avaliações independentes. Para verificar o grau de concordância entre os mesmos foi utilizada a estatística Kappa. Os resultados obtidos foram altamente satisfatórios, uma vez que a concordância alcançada foi substancial em algumas categorias, e quase perfeita na grande maioria delas. Isso significa que os três juízes concordaram quase que integralmente em suas avaliações. Os resultados desta tese colaboram com a adaptação do FAT à realidade brasileira, uma vez que, de posse de um sistema sólido de categorização das respostas, foi possível chegar a índices satisfatórios de fidedignidade entre avaliadores, dando um importante passo no processo de qualificação de suas propriedades psicométricas. O FAT pode possibilitar uma ampliação da compreensão dos relacionamentos e processos presentes dentro de uma família, sob várias perspectivas, figurando como um instrumento capaz de avaliar e decodificar dados, tanto para uso em pesquisas, quanto para avaliação clínica.

Palavras-chave: Teste de Apercepção Familiar (FAT); Estrutura e funcionamento familiar; Sistema de categorização das respostas; Fidedignidade entre avaliadores.

Área conforme classificação CNPq: 7.07.00.00-1 (Psicologia)

Sub-área conforme classificação CNPq: 7.07.01.00-8 (Fundamentos e Medidas da Psicologia)

ABSTRACT

The projective *Family Apperception Test* (FAT) intends to assess the family structure and functioning process from the point of view of the person who answers to it. FAT includes 21 pictures with family scenes, and the examinee shall tell a story on each of them. Considering the importance of adjusting the psychological instruments to the reality where they are used, the objective of this study was supporting FAT use and adaptation to the Brazilian reality. For such purpose, this Doctoral Dissertation was organized in three sections. The first one theoretically discusses the capacity of solving conflicts as a health indicator of families, highlighting that their disfunctionality is not assessed by the existence of problems, but instead by their incapacity to search for strategies to face them. The second section describes the building and development process of a categorization system to analyze the answers to the FAT. Studies published on this subject were reviewed, and a systematic content examination of the proposed categories of analysis on FAT original version was performed in order to assess its adequacy. After that, a new configuration was proposed to the answer categorization system, from which verbalizations of 30 children and youngsters were independently scrutinized by two researchers. This action has allowed the assessment of the logical consistency of the answers, leading to a definitive shape of the system. The final section shows a study on the reliability among evaluators, which was based upon a quantitative research involving 160 children and youngsters from two Brazilian cities: Belo Horizonte and Porto Alegre. The instruments used were a sociodemographic datasheet; the Raven Progressive Matrices Test, to screen the subjects' cognitive capacity; and the FAT. Data were collected after contacting public and private schools, sending a letter and having informed consents signed by the students' parents or responsible persons to take part of the research. The stories told for the FAT were tape-recorded, transcribed in written, and submitted to three different judges (J1, J2 e J3), who made independent evaluations. To check the agreement rate, Kappa statistics was used. The results obtained were highly satisfactory, as the agreement was substantial in several categories, and almost perfect in most the analyzed items. That means the three judges have agreed almost completely in their evaluations. The findings of this Dissertation contribute to the adaptation of FAT to the Brazilian reality, as a solid categorization system of the answers has allowed reaching satisfactory reliability rates among evaluators, taking an important step towards the qualification of its psychometric properties. FAT may allow wider understanding of family relationships and processes under several perspectives, representing an instrument capable of evaluating and decoding data for both research and clinical evaluation.

Keywords: Family Apperception Test (FAT); Family structure and functioning; Answer Categorization System; Reliability among evaluators.

CNPq classification area: 7.07.00.00-1 (Psychology)

CNPq sub-classification area: 7.07.01.00-8 (Psychology fundamentals and measurements)

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| LISTA DE TABELAS | 12 |
| LISTA DE FIGURAS | 14 |
| LISTA DE QUADROS | 15 |
| LISTAS DE SIGLAS | 16 |
| INTRODUÇÃO..... | 17 |
| SEÇÃO I..... | 29 |
| A capacidade de resolução de conflitos como indicador de saúde em famílias | 29 |
| SEÇÃO II | 45 |
| Desenvolvimento de um Sistema de Categorização de Respostas para o FAT | 45 |
| SEÇÃO III..... | 86 |
| Estudo de fidedignidade entre avaliadores do Teste de Apercepção Familiar – FAT..... | 86 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS DA TESE | 119 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 123 |
| Anexo A – Aprovação da Comissão Científica da Faculdade de Psicologia da PUCRS | 130 |
| Anexo B – Aprovação do Comitê de Ética da PUCRS..... | 131 |
| Anexo C – Carta aos pais | 132 |
| Anexo D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido..... | 133 |
| Anexo E – Ficha de Dados Sociodemográficos | 134 |
| Anexo F – Aprovação no Exame de Qualificação..... | 136 |
| Anexo G – Protocolo de categorização das respostas do FAT..... | 137 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|-----|
| Tabela 1. Distribuição em termos de frequência e porcentagem da série atual freqüentada pelos participantes do estudo, nas cidades de Belo Horizonte e Porto Alegre (n=160)..... | 24 |
| Tabela 2. Distribuição em termos de frequência e porcentagem das pessoas com quem a criança ou adolescente residem, nas cidades de Belo Horizonte e Porto Alegre (n=160)..... | 24 |
| Tabela 3. Distribuição em termos de frequência e porcentagem da renda familiar mensal dos participantes, nas cidades de Belo Horizonte e Porto Alegre (n=160)..... | 25 |
| Tabela 4. Distribuição em termos de frequência e porcentagem da classe econômica dos participantes, nas cidades de Belo Horizonte e Porto Alegre (n=160)..... | 93 |
| Tabela 5. Sumário do resultado da medida de concordância entre J1-J2, J1-J3, J2-J3 e J1-J2-J3, em todas as 10 categorias, na Lâmina 1 (n=160)..... | 94 |
| Tabela 6. Sumário do resultado da medida de concordância entre J1-J2, J1-J3, J2-J3 e J1-J2-J3, em todas as 10 categorias, na Lâmina 2 (n=160)..... | 95 |
| Tabela 7. Sumário do resultado da medida de concordância entre J1-J2, J1-J3, J2-J3 e J1-J2-J3, em todas as 10 categorias, na Lâmina 3 (n=160)..... | 96 |
| Tabela 8. Sumário do resultado da medida de concordância entre J1-J2, J1-J3, J2-J3 e J1-J2-J3, em todas as 10 categorias, na Lâmina 4 (n=160)..... | 97 |
| Tabela 9. Sumário do resultado da medida de concordância entre J1-J2, J1-J3, J2-J3 e J1-J2-J3, em todas as 10 categorias, na Lâmina 5 (n=160)..... | 98 |
| Tabela 10. Sumário do resultado da medida de concordância entre J1-J2, J1-J3, J2-J3 e J1-J2-J3, em todas as 10 categorias, na Lâmina 6 (n=160)..... | 99 |
| Tabela 11. Sumário do resultado da medida de concordância entre J1-J2, J1-J3, J2-J3 e J1-J2-J3, em todas as 10 categorias, na Lâmina 7 (n=160)..... | 100 |
| Tabela 12. Sumário do resultado da medida de concordância entre J1-J2, J1-J3, J2-J3 e J1-J2-J3, em todas as 10 categorias, na Lâmina 8 (n=160)..... | 101 |
| Tabela 13. Sumário do resultado da medida de concordância entre J1-J2, J1-J3, J2-J3 e J1-J2-J3, em todas as 10 categorias, na Lâmina 9 (n=160)..... | 102 |
| Tabela 14. Sumário do resultado da medida de concordância entre J1-J2, J1-J3, J2-J3 e J1-J2-J3, em todas as 10 categorias, na Lâmina 10 (n=160)..... | 103 |

| | |
|--|-----|
| Tabela 15. Sumário do resultado da medida de concordância entre J1-J2, J1-J3, J2-J3 e J1-J2-J3, em todas as 10 categorias, na Lâmina 11 (n=160)..... | 104 |
| Tabela 16. Sumário do resultado da medida de concordância entre J1-J2, J1-J3, J2-J3 e J1-J2-J3, em todas as 10 categorias, na Lâmina 12 (n=160)..... | 105 |
| Tabela 17. Sumário do resultado da medida de concordância entre J1-J2, J1-J3, J2-J3 e J1-J2-J3, em todas as 10 categorias, na Lâmina 13 (n=160)..... | 106 |
| Tabela 18. Sumário do resultado da medida de concordância entre J1-J2, J1-J3, J2-J3 e J1-J2-J3, em todas as 10 categorias, na Lâmina 14 (n=160)..... | 107 |
| Tabela 19. Sumário do resultado da medida de concordância entre J1-J2, J1-J3, J2-J3 e J1-J2-J3, em todas as 10 categorias, na Lâmina 15 (n=160)..... | 108 |
| Tabela 20. Sumário do resultado da medida de concordância entre J1-J2, J1-J3, J2-J3 e J1-J2-J3, em todas as 10 categorias, na Lâmina 16 (n=160)..... | 109 |
| Tabela 21. Sumário do resultado da medida de concordância entre J1-J2, J1-J3, J2-J3 e J1-J2-J3, em todas as 10 categorias, na Lâmina 17 (n=160)..... | 110 |
| Tabela 22. Sumário do resultado da medida de concordância entre J1-J2, J1-J3, J2-J3 e J1-J2-J3, em todas as 10 categorias, na Lâmina 18 (n=160)..... | 111 |
| Tabela 23. Sumário do resultado da medida de concordância entre J1-J2, J1-J3, J2-J3 e J1-J2-J3, em todas as 10 categorias, na Lâmina 19 (n=160)..... | 112 |
| Tabela 24. Sumário do resultado da medida de concordância entre J1-J2, J1-J3, J2-J3 e J1-J2-J3, em todas as 10 categorias, na Lâmina 20 (n=160)..... | 113 |
| Tabela 25. Sumário do resultado da medida de concordância entre J1-J2, J1-J3, J2-J3 e J1-J2-J3, em todas as 10 categorias, na Lâmina 21 (n=160)..... | 114 |
| Tabela 26. Sumário do resultado da medida de concordância entre J1-J2, J1-J3, J2-J3 e J1-J2-J3, em todo o teste, na categoria Circularidade disfuncional (n=160)..... | 115 |
| Tabela 27. Sumário do resultado da medida de concordância entre os juízes em cada uma das 11 categorias, considerando todas as 21 lâminas (n=160)..... | 115 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1. Processo de amostragem nas cidades de Belo Horizonte e Porto Alegre (n=160)..... | 23 |
|---|----|

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|----|
| Quadro 1. Aspectos temáticos contidos nas lâminas do FAT..... | 50 |
| Quadro 2. Sistema original de categorização das respostas do Teste de Apercepção Familiar (FAT)..... | 52 |
| Quadro 3. Sistema de categorização das respostas do Teste de Apercepção Familiar (FAT)..... | 54 |
| Quadro 4. Definições operacionais da Categoria Conflito..... | 58 |
| Quadro 5. Definições operacionais da Categoria Tipo de Resolução do Conflito..... | 60 |
| Quadro 6. Definições operacionais da Categoria Imposição de Limites..... | 61 |
| Quadro 7. Definições operacionais da Categoria Qualidade do Relacionamento..... | 62 |
| Quadro 8. Definições operacionais da Categoria Fronteiras..... | 63 |
| Quadro 9. Definições operacionais da Categoria Coalizão..... | 65 |
| Quadro 10. Definições operacionais da Categoria Relações Abusivas..... | 66 |
| Quadro 11. Definições operacionais da Categoria Modulação Emocional..... | 67 |
| Quadro 12. Definições operacionais da Categoria Tipo de Comunicação..... | 68 |
| Quadro 13. Definições operacionais da Categoria Respostas Incomuns e Rejeições..... | 69 |
| Quadro 14. Definições operacionais da Categoria Circularidade Disfuncional..... | 70 |
| Quadro 15. Categorias de resposta que indicam presença ou ausência de disfuncionalidade na família, de acordo com a percepção do sujeito avaliado..... | 73 |

LISTAS DE SIGLAS

ABEP – Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa

BH – Belo Horizonte

CFP – Conselho Federal de Psicologia

FAT – *Family Apperception Test*

POA – Porto Alegre

INTRODUÇÃO

A presente tese de doutorado, intitulada “Teste de Apercepção Familiar: sistema de categorização das respostas e fidedignidade entre avaliadores”, foi produzida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), e vincula-se a um projeto maior que está sendo desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa coordenado pela Prof^a. Dr^a. Blanca Susana Guevara Werlang. Este projeto maior tem como principal objetivo criar subsídios para a adaptação brasileira do *Family Apperception Test* (FAT), em português, Teste de Apercepção Familiar, com o intuito de oferecer um instrumento confiável para o diagnóstico e a compreensão da dinâmica familiar. O referido grupo de pesquisa trabalha em dois projetos guarda-chuva; é especificamente em um deles, denominado “Desenvolvimento e adaptação de instrumentos de avaliação e intervenção clínica”, que esta tese se insere.

Desde a Resolução nº 002/2003 do Conselho Federal de Psicologia (CFP) ficou em evidência a idéia da exigência de parâmetros psicométricos mínimos para instrumentos psicológicos. Através dela o CFP determinou alguns requisitos obrigatórios para todos os instrumentos de avaliação psicológica: 1) especificação do constructo que o instrumento em questão pretende avaliar; 2) caracterização fundamentada na literatura da área; 3) evidências empíricas de validade, de fidedignidade e das propriedades psicométricas dos itens. Logo, todo instrumento de avaliação psicológica, psicométrico ou projetivo, antes de ser editado, comercializado e utilizado, deve passar por um exame de suas qualidades psicométricas (CFP, 2007).

Estes cuidados e exigências ganham destaque quando se pensa que processos de avaliação psicológica são realizados visando à tomada de decisão em relação a determinada questão sobre a vida de um indivíduo, em diferentes contextos. Portanto, é mister que as ferramentas utilizadas pelos psicólogos – leia-se, os instrumentos e testes psicológicos – sejam precisas e confiáveis, na dimensão em que isso se faz possível na área da Psicologia. Não é de hoje que os psicólogos têm-se empenhado na prática de avaliações com objetivos bastante claros e definidos, visando encontrar respostas a determinadas questões e, conseqüentemente, solucionar problemas. Entretanto, na atualidade, mais que em outros tempos, a sociedade tem exigido garantias sobre a qualidade técnica dos testes

psicológicos; frente a essa necessidade social o CFP se posicionou, editando resoluções sobre a questão e instaurando uma equipe permanente de profissionais especialistas na área, a Comissão Consultiva em Avaliação Psicológica, com a tarefa de avaliar a qualidade dos instrumentos que lhe são enviados para apreciação.

Existem duas grandes “famílias” de instrumentos psicológicos, classificadas de acordo com sua objetividade e padronização: os testes psicométricos e os testes projetivos. Ambos têm seu papel e lugar definidos em um processo de avaliação, mas, no que tange à investigação de suas qualidades psicométricas, é sabido que os segundos enfrentam maiores dificuldades para atingir os requisitos exigidos. Isso se deve, em grande parte, à inadequação dos métodos disponíveis para a investigação de dados de validade e fidedignidade de técnicas projetivas, e às tentativas de simplesmente transpor os norteadores da psicometria tradicional a esse outro tipo de instrumento, baseado em princípios diferentes. Mesmo com tantas críticas, muitos autores ainda defendem que as técnicas projetivas estão longe de serem extintas (Lowenstein, 1987; Alves, 2004; Villemor-Amaral & Pasqualini-Casado, 2006), pois representam um acesso de extrema importância à dinâmica interna do sujeito, dado valioso para a sua avaliação psicológica.

Os métodos projetivos baseiam-se no conceito de projeção e nos fundamentos da psicologia projetiva. Em 1939 L. K. Frank utilizou esta expressão pela primeira vez, para se referir a três técnicas que representavam um modelo de investigação dinâmica e global da personalidade (Teste de Associação de Palavras de Jung, Rorschach e Teste de Apercepção Temática – TAT). De maneira geral, essas técnicas caracterizavam-se por uma situação-estímulo, sem um significado estabelecido pelo examinador ou aplicador do instrumento, sobre a qual o sujeito imprime um sentido particular, singular e próprio (Montagna, 1989; Bunchaft & Vasconcellos, 2006).

A existência das técnicas projetivas sustenta-se na hipótese de que por trás de toda atividade humana encontra-se a individualidade do sujeito que a empreendeu, o que faz com que a interpretação de suas condutas sirva de base para a compreensão de aspectos de sua personalidade e de seu funcionamento, sejam estes adaptativos ou não (Rapaport, 1971). Neste tipo de instrumento psicológico é comum que o sujeito atribua suas próprias qualidades, percepções e necessidades a estímulos externos, sem que tome consciência disso. Em oposição à tradição psicométrica, que valoriza os procedimentos quantitativos, estatísticos e normativos, as técnicas baseadas na projeção enfatizam os aspectos qualitativos e psicológicos do sujeito avaliado, identificando tendências espontâneas,

motivadas por necessidades implícitas (Villemor-Amaral & Pasqualini-Casado, 2006).

Neste contexto é que toma forma o conceito de apercepção, entendido como o “processo pelo qual uma experiência é assimilada e transformada pelo resíduo da experiência passada, ou seja, é a interpretação subjetiva da percepção, que é apenas a interpretação objetiva de um estímulo” (Werlang, 2002b, p. 410). De acordo com seus conteúdos internos e suas vivências, cada pessoa, frente a uma percepção, fará uma “deformação” aperceptiva do que percebeu, e é justamente por isso que suas respostas retratam algo dela mesma. Devido a essa característica e, conseqüentemente, à riqueza do material que produzem é que a popularidade do uso clínico das técnicas projetivas continua muito expressiva, apesar de nem sempre apresentarem resultados psicométricos positivos (Anastasi & Urbina, 2000).

Em função de possuírem características e princípios próprios e distintos de outros instrumentos psicológicos, é certo que as concepções que guiam a interpretação e o uso de técnicas projetivas devem ser explicitadas e estudadas, buscando-se cada vez mais solidez e confiança em seus resultados. Entretanto, Villemor-Amaral e Pasqualini-Casado (2006) afirmam que o critério de cientificidade não se pode fundamentar apenas nos parâmetros da psicometria, desprezando-se o raciocínio clínico e o estudo dos aspectos idiográficos. Exigir dos testes projetivos os mesmos requisitos demandados dos testes psicométricos, quanto à sua validade e fidedignidade, é estabelecer algo impossível de se satisfazer. Os resultados obtidos com os testes projetivos têm evidenciado a necessidade de se abandonar a dicotomia entre dados quantitativos e qualitativos, pois ambos são importantes para o estudo da personalidade humana, e é preciso que existam técnicas adequadas para o manejo de cada um deles. Certamente esse manejo já se constituía num desafio quando do surgimento da psicologia projetiva e, hoje, permanece como o estandarte dos testes projetivos, na discussão a respeito de sua utilidade e confiabilidade.

Nesta tese procurou-se, portanto, contribuir para a adaptação de uma técnica projetiva, o Teste de Apercepção Familiar, para que possa ser usado por psicólogos que desejem avaliar a estrutura e a dinâmica de uma família, sob o ponto de vista de um de seus membros. O objetivo geral foi criar subsídios para o uso do FAT na realidade brasileira, enfocando, principalmente, o desenvolvimento de um sistema de categorização das respostas dadas ao instrumento para, a partir disso, empreender estudos sobre a fidedignidade entre avaliadores.

Para o desenvolvimento desta tese, inicialmente foi elaborado e encaminhado para

apreciação e avaliação da Comissão Científica da Faculdade de Psicologia da PUCRS um projeto intitulado “Teste de Apercepção Familiar: estudo de fidedignidade” (ver Anexo A), que, como mencionado, insere-se em um projeto maior (“Teste de Apercepção Familiar: estudo de fidedignidade e validade”), que foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS (ver Anexo B). Obtidas essas aprovações, foram realizados contatos com instituições escolares públicas e privadas das cidades de Belo Horizonte-MG e Porto Alegre-RS, que possuíam estudantes com idade entre 06 e 15 anos, para buscar a autorização para sua participação, no intuito de operacionalizar o estudo. A pesquisa foi explicada aos diretores das escolas; àqueles que acolheram sua proposta foram entregues cartas para serem encaminhadas aos pais ou responsáveis dos estudantes (ver Anexo C), juntamente com os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (ver Anexo D) e uma Ficha de Dados Sociodemográficos (ver Anexo E). Posteriormente, este material foi enviado aos pais através dos alunos, tendo participado da coleta de dados apenas aqueles estudantes que trouxeram, no dia previamente agendado, o termo assinado e a ficha de dados preenchida.

Através da realização da coleta de dados foi possível desenvolver o estudo-piloto (publicado nos Anais da XIII Conferência de Avaliação Psicológica: Formas e Contextos, da Universidade do Minho), previsto no projeto, que contou com as verbalizações de 30 crianças e adolescentes para a construção do sistema de categorização das respostas dadas ao FAT, e de 32 para a investigação da fidedignidade entre avaliadores. O estudo-piloto (Werlang & Fensterseifer, 2008), realizado conforme os procedimentos previstos no projeto, para coleta e análise de dados, mostrou sua viabilidade e adequação aos propósitos da pesquisa, proporcionando consistente material para responder aos objetivos da investigação.

Paralelamente ao estudo-piloto foi elaborado um trabalho teórico, o Ensaio Temático (publicado em forma de capítulo no livro “Atualizações em Métodos Projetivos para a Avaliação Psicológica”), intitulado “Reflexões sobre o *status* científico das técnicas projetivas na atualidade” (Fensterseifer & Werlang, 2008). Nele discutiu-se a história do termo ‘projeção’, a psicologia projetiva e as origens das técnicas projetivas, à luz dos aportes teóricos de Freud (1894/1986b, 1896/1986a, 1913/1994), Anzieu (1981), Abt, (1984) e Abt e Bellak (1984). Foram realizados apontamentos a respeito da afiliação das técnicas de cunho projetivo com a teoria psicanalítica, citando autores que têm usado e sustentado sua prática com estes instrumentos, apoiados em outras abordagens teóricas,

tais como a gestáltica, ou simplesmente através da técnica da análise de conteúdo, trabalhando com o que o sujeito relata em cada lâmina (Telles, 2000), a abordagem transacional (Bunchaft & Vasconcelos, 2006) e a humanista-existencial (Azevedo, 2002).

O principal tópico abordado por esse ensaio temático foi a atribuição de um maior ou menor grau de cientificidade aos métodos projetivos. Dados sobre a validade e a fidedignidade desse tipo de instrumento psicológico têm sido alvo de críticas há várias décadas (Lilienfeld, 1999; Lilienfeld, Wood & Garb, 2000; Garb, Wood, Lilienfeld & Nezworski, 2002), e seu *status* científico é, ainda, ponto de controvérsia. Considerando isso, foram apresentadas as críticas e os pontos fortes das técnicas projetivas, apontando métodos mais e menos adequados para a investigação de suas propriedades psicométricas. Por fim, foram feitas considerações que dão a estes instrumentos um lugar importante nos processos de avaliação psicológica, pois possibilitam a emergência de manifestações pessoais e o acesso, de maneira mais individualizada, ao mundo interno dos sujeitos. É indiscutível que os testes projetivos não podem ser avaliados, no que diz respeito às suas características, da mesma forma que os psicométricos, visto ter cada um sua tarefa e sua função. Justamente por isso é que Silva, Ebert e Miller (1984) salientam que toda técnica projetiva, desde que permanentemente estudada e pesquisada, sempre terá lugar na avaliação psicológica.

Concluídos o Projeto de Tese com o Estudo-Piloto, e o Ensaio Temático, foi realizado o Exame de Qualificação no dia 19 de dezembro de 2007, sendo a Comissão Examinadora composta pelos professores Dr^a. Blanca Susana Guevara Werlang (Orientadora Presidente, PUCRS), Dr^a. Anna Elisa de Villemor-Amaral (USF), Dr^a. Denise Ruschel Bandeira (UFRGS) e Dr^a. Maria Lúcia Tiellet Nunes (PUCRS). Obtida a aprovação (ver Anexo F) e considerando os apontamentos e sugestões feitos pela banca, deu-se seguimento ao estudo.

Para tanto, inicialmente, retomou-se o conceito de ‘projeção’, termo introduzido na área da Psicologia por Freud, tendo suas raízes fortemente assentadas na Psicanálise. Por consequência, as técnicas projetivas, fundamentadas nesse conceito, também têm sua origem na mesma corrente teórica e mostram-se úteis para a investigação da dinâmica e do funcionamento da personalidade dos indivíduos. Esta íntima relação com a teoria psicanalítica gerou um desafio no momento em que se trabalhou com o Teste de Apercepção Familiar – FAT, que é uma técnica projetiva, mas que possui como sustentação teórica a teoria sistêmica. Alguns estudos (Telles, 2000; Ribeiro, Pompéia &

Bueno, 2005) têm apontado para a possibilidade do uso de técnicas que se fundamentam no conceito de projeção, assim como postulado pela psicanálise freudiana, mas compreendê-las à luz de outras abordagens teóricas, tais como a *gestalt* (Telles, 2000), a transacional (Bunchaft & Vasconcellos, 2006) e a humanista-existencial (Azevedo, 2002).

Neste sentido, Telles (2000) salienta que, historicamente, a designação de projetivo parece obrigar o pesquisador a partir de um referencial teórico básico – o psicanalítico –, tomando-o *a priori* e como algo inquestionável, esquecendo-se de que esta postura não lhe oferece a única interpretação dos dados, mas apenas uma das possíveis. De um ponto de vista epistemológico, a autora argumenta que não há nada que obrigue as técnicas projetivas a serem interpretadas apenas conforme uma única teoria, acreditando que esse fato está alicerçado na idéia de que, por tratar-se do fenômeno da projeção, automaticamente as técnicas só pudessem ser consideradas pela vertente psicanalítica.

Nas técnicas projetivas o sujeito constrói uma hipótese que dá sentido à imagem ou cena que lhe foi apresentada, obrigando-o a recorrer a recursos próprios, construindo um sentido a partir da sua subjetividade, do seu mundo interno. Através desta descrição, Telles (2000) e Bunchaft e Vasconcellos (2006) argumentam que não apenas a projeção está em jogo em testes projetivos, mas também a percepção e a cognição, o que possibilita a sustentação dessas técnicas em outras abordagens teóricas que não a psicodinâmica. No momento em que um indivíduo responde o que percebe em cada prancha de um teste projetivo temático, por exemplo, tem-se uma medida do funcionamento deste em relação às variadas circunstâncias da vida, avaliando se a forma com que se posiciona frente a isso é adaptativa ou não, criativa ou não, sem que, para isso, se recorra, necessariamente, a uma compreensão intrapsíquica e inconsciente deste indivíduo (Telles, 2000; Ribeiro et al., 2005; Bunchaft & Vasconcellos, 2006).

Estes apontamentos reforçam o pressuposto de que as histórias contadas para as lâminas do FAT sejam analisadas à luz de postulados da teoria sistêmica, tais como existência de conflito, capacidade de resolução do conflito, estabelecimento de fronteiras e comunicação. Certamente isso representa um desafio, uma vez que, conforme mencionado, histórica e conceitualmente os testes projetivos são vinculados às interpretações psicanalíticas. Entretanto, a literatura aponta não apenas para novas propostas de compreensão teórica, mas também para a riqueza dos dados que podem ser acessados dessa forma. No caso especificamente do FAT, destaca-se a possibilidade de se ter em mãos um instrumento que possa avaliar a influência de variáveis de ordem familiar na dinâmica e,

eventualmente, nos sintomas de um indivíduo.

Neste contexto, o estudo empírico que sustenta a presente tese foi realizado a partir da administração de dois instrumentos (Raven – Escala Geral e Especial, conforme a idade do participante – e FAT) em 160 crianças e adolescentes, com idade entre 06 e 15 anos. Chegou-se a este número através de um cálculo amostral que maximizasse a variância, com um nível de confiança de 95% e um erro máximo de 8%. Destes 160 participantes, 80 são de Belo Horizonte e 80 de Porto Alegre. Em cada uma das cidades, esses 80 indivíduos foram organizados da seguinte forma: a partir do critério de classificação sexo (masculino ou feminino), foram criados dois subconjuntos de 40 cada. Novamente cada um destes 2 grupos foi subdividido em 2 grupos de 20 estudantes, de acordo com o tipo de escola que freqüentam (pública ou privada), sexo masculino e feminino. Estes grupos foram novamente subdivididos em 2 grupos (10 estudantes), de acordo com a idade dos indivíduos, sendo um de menor idade (6 a 10 anos) e o outro de maior idade (11 a 15 anos). Dessa forma, trabalhou-se com oito grupos de amostragem de cada uma das cidades participantes do presente estudo. Para melhor compreensão da organização da amostra, ver Figura 1.

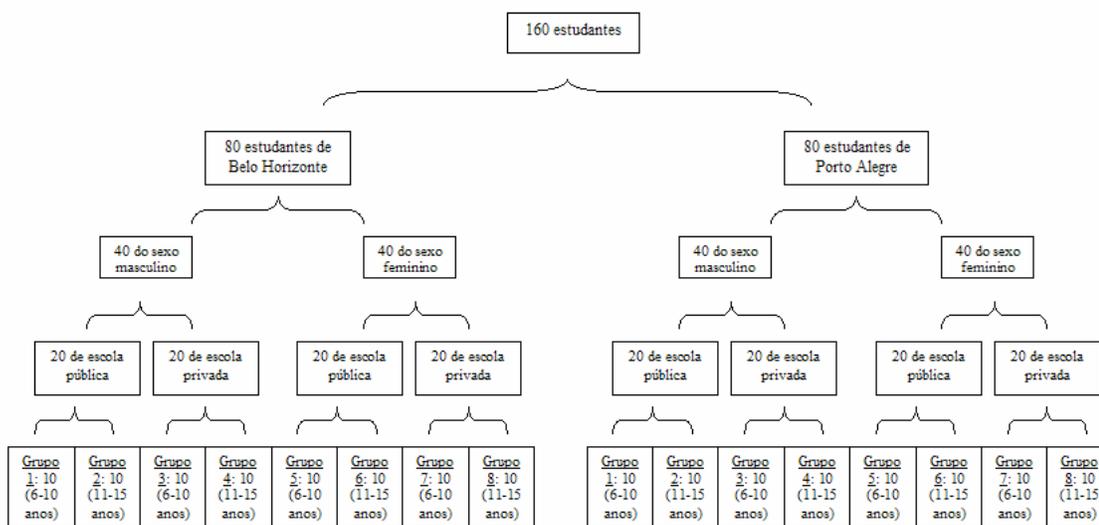


Figura 1. Processo de Amostragem nas cidades de Belo Horizonte e Porto Alegre (n=160)

Para caracterização da amostra contou-se com uma Ficha de Dados Sociodemográficos, preenchida pelos pais ou responsáveis do estudante. A partir dela

observou-se que participaram do presente estudo crianças e adolescentes de 33 escolas, 18 da cidade de Belo Horizonte (12 escolas públicas e 6 escolas privadas) e 15 da cidade de Porto Alegre (9 escolas públicas e 6 escolas privadas). Em relação à série que os 160 participantes do estudo freqüentam atualmente, os dados podem ser visualizados na Tabela 1.

Tabela 1. Distribuição em termos de freqüência e porcentagem da série atual freqüentada pelos participantes do estudo, nas cidades de Belo Horizonte e Porto Alegre (n=160)

| Série | Belo Horizonte | | Porto Alegre | |
|-----------------------------|----------------|------------|--------------|------------|
| | f | % | f | % |
| Pré-escola | 3 | 3,7 | 0 | 0 |
| 1ª série Ensino Fundamental | 5 | 6,3 | 11 | 13,7 |
| 2ª série Ensino Fundamental | 13 | 16,3 | 6 | 7,5 |
| 3ª série Ensino Fundamental | 11 | 13,7 | 11 | 13,7 |
| 4ª série Ensino Fundamental | 5 | 6,3 | 8 | 10 |
| 5ª série Ensino Fundamental | 8 | 10 | 16 | 20 |
| 6ª série Ensino Fundamental | 13 | 16,3 | 9 | 11,3 |
| 7ª série Ensino Fundamental | 10 | 12,4 | 13 | 5 |
| 8ª série Ensino Fundamental | 11 | 13,7 | 4 | 16,3 |
| 1º ano Ensino Médio | 1 | 1,3 | 2 | 2,5 |
| Total | 80 | 100 | 80 | 100 |

Dos 160 participantes, apenas 9 (5,6%) repetiram alguma série, resultado em consonância com o fato de que, na opinião dos pais ou responsáveis, a grande maioria dos estudantes tem um desempenho escolar entre ótimo e bom (95,1% em BH e 87,5% em POA). Sobre o núcleo familiar em que os participantes estão inseridos, os dados coletados revelam que a maioria reside com o pai e a mãe. Detalhes sobre estes resultados e sobre a renda familiar dos participantes podem ser observados nas Tabelas 2 e 3.

Tabela 2. Distribuição em termos de freqüência e porcentagem das pessoas com quem a criança ou adolescente residem, nas cidades de Belo Horizonte e Porto Alegre (n=160)

| Com quem mora? | Belo Horizonte | | Porto Alegre | |
|----------------------------|----------------|------------|--------------|------------|
| | f | % | f | % |
| Pai e mãe | 62 | 77,5 | 55 | 68,8 |
| Apenas com a mãe | 13 | 16,3 | 19 | 23,8 |
| Apenas com o pai | 2 | 2,5 | 3 | 3,7 |
| Com outros (avós, tios...) | 3 | 3,7 | 3 | 3,7 |
| Total | 80 | 100 | 80 | 100 |

Tabela 3. Distribuição em termos de frequência e porcentagem da renda familiar mensal dos participantes, nas cidades de Belo Horizonte e Porto Alegre (n=160)

| Renda familiar | Belo Horizonte | | Porto Alegre | |
|-----------------------------|-----------------------|------|---------------------|------|
| | f | % | f | % |
| Até 1 salário mínimo | 7 | 8,7 | 3 | 3,7 |
| De 1 a 3 salários mínimos | 19 | 23,7 | 19 | 23,7 |
| De 3 a 5 salários mínimos | 16 | 20 | 23 | 28,8 |
| Acima de 5 salários mínimos | 37 | 46,3 | 34 | 42,5 |
| Não informou | 1 | 1,3 | 1 | 1,3 |
| Total | 80 | 100 | 80 | 100 |

Com relação à presença de doença física, das 160 crianças e adolescentes, 7 (4,3%) sofrem de doenças respiratórias (asma, bronquite) ou de algum tipo de alergia, como a rinite. Não há referência, na amostra, da presença de transtornos psicológicos. Perguntou-se, igualmente, se os participantes fazem ou fizeram tratamento especializado, e os dados coletados revelaram que 21 (13,1%) tratam alergias ou asma e bronquite, e 4 (2,5%), sem especificar o motivo, são acompanhados por psicólogos, em sessões de psicoterapia. Quanto ao uso de medicamentos, 15 participantes referem utilizar anti-histamínicos, substância prescrita para o tratamento de alergias.

A aplicação dos instrumentos foi feita individualmente, na própria escola da criança ou adolescente, em horário escolar, em dois encontros. No primeiro foi aplicado o Teste Matrizes Progressivas Coloridas de Raven – Escala Especial (Angelini et al., 1999), para sujeitos de até 11 anos e meio, e Matrizes Progressivas de Raven – Escala Geral (Raven, 2003) para os demais, e as primeiras 10 lâminas do FAT. O Raven foi utilizado com a intenção de avaliar a capacidade cognitiva dos participantes, excluindo aqueles que, neste teste, apresentassem algum tipo de comprometimento intelectual. No segundo encontro foram administradas as outras 11 lâminas do FAT.

Com base na operacionalização do Projeto de Tese, no estudo do material bibliográfico e na análise dos dados coletados, foi possível organizar três seções, que representam a Tese de Doutorado. A organização da tese sob este formato segue as orientações do Ato Normativo 002/07 do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS.

A primeira seção, intitulada “A capacidade de resolução de conflitos como indicador de saúde em famílias”, constitui-se de uma reflexão teórica e aborda a questão da

presença de problemas em uma família não como algo patológico, uma vez que todas as famílias têm dificuldades, referindo que o que diferencia as funcionais das disfuncionais é a sua capacidade de lidar com os problemas. Trabalhando com os postulados de Minuchin (1982), Olson (2000) e Walsh (2005), dentre outros, enuncia-se o papel e a função da família na constituição do sujeito, apontando sua habilidade na resolução de conflitos como um forte indicador de seus recursos e, conseqüentemente, de sua saúde. Contribuem para esta discussão a Teoria da Crise (Hill, 1949; McCubbin & Patterson, 1982), o Modelo Circumplexo de Olson (2000), a Teoria do Apego de Bowlby (1984) e o conceito de resiliência familiar (Walsh, 2005).

Na segunda seção, denominada “Desenvolvimento de um Sistema de Categorização das Respostas dadas ao FAT”, é apresentado o processo de construção de um sistema para avaliação e interpretação das histórias contadas para cada uma das 21 lâminas que compõem o teste. Sabe-se que o estudo de propriedades psicométricas de técnicas projetivas é, muitas vezes, um desafio, pois os métodos tradicionais da psicometria nem sempre se aplicam a estes instrumentos. Para que sejam empreendidas investigações desta ordem, é imprescindível contar com um sistema claro e objetivo de avaliação das respostas produzidas pela aplicação da técnica projetiva. Sendo o objetivo do FAT avaliar, do ponto de vista de quem responde ao instrumento, o processo de funcionamento e a estrutura familiar, foi necessário examinar o conteúdo de cada categoria do Sistema de Categorização de Respostas para determinar se essas cobriam o aspecto a ser medido (funcionamento e estrutura familiar), e, assim, definir a escolha das categorias mais apropriadas. Para isso, três juízes analisaram a representatividade das categorias em relação aos conceitos e aos objetivos do instrumento, empreendendo, dessa forma, uma investigação da validade de conteúdo (Fachel & Camey, 2002) do FAT. Dessa forma, encontra-se nesta seção a descrição do processo que partiu do sistema original, criado pelos autores do FAT, e evoluiu para um novo sistema de categorização e análise das respostas, organizado em forma de glossário e exemplificado com as verbalizações de alguns participantes. Ao final da seção é apresentado e discutido, de maneira mais detalhada, a título de ilustração, um protocolo do FAT e sua correção, a partir do sistema desenvolvido.

Intitulada “Estudo de fidedignidade entre avaliadores do Teste de Apercepção Familiar – FAT”, a terceira e última seção desta tese apresenta a investigação de uma das várias formas através das quais é possível demonstrar a precisão de uma medida: a fidedignidade entre juízes. Destaca-se que esta seção responde ao projeto de tese, que se

propunha, justamente, à realização de uma pesquisa quantitativa, de tipo transversal, com uma amostra de 160 crianças e adolescentes de 06 a 15 anos, dos sexos feminino e masculino, de escolas públicas e privadas das cidades de Belo Horizonte e Porto Alegre.

Em testes que se baseiam, em alguma medida, na interpretação do examinador, a técnica da concordância entre juízes independentes figura como uma boa possibilidade para investigação de sua fidedignidade. Altos índices de correlação entre as avaliações feitas por diferentes juízes atestam a confiabilidade dos resultados que o teste produz, o que tem relação direta com o sistema ou formato pelos quais as respostas dadas ao teste foram analisadas. Em meio às críticas feitas às técnicas projetivas, no que diz respeito ao seu *status* científico, reforça-se a idéia de que só se manterão vigentes aqueles instrumentos que tiverem seus sistemas de avaliação e interpretação refinados e aprimorados, sustentados por investigações científicas de suas propriedades psicométricas. Os resultados de concordância encontrados no presente estudo foram satisfatórios. Neste contexto é que toma relevância o estudo realizado com o FAT, um instrumento promissor e valoroso na avaliação da dinâmica e do funcionamento familiar, ligando a avaliação do indivíduo à de sua família.

Esta Tese de Doutorado contou com o trabalho de toda uma equipe de pesquisadores, bolsistas de iniciação científica, auxiliares de pesquisa e colegas do grupo de pesquisa “Prevenção e Intervenção em Comportamentos Violentos”, que, além de contribuírem na coleta dos dados, foram peças importantes nas discussões empreendidas ao longo de todo o processo de adaptação do FAT. Nos tempos atuais, os esforços de pesquisadores da área da avaliação psicológica têm-se centrado em estudos como este, com a intenção de aprimorar e oferecer a devida sustentação para o uso adequado de instrumentos psicológicos. A importância da investigação de dados como a fidedignidade e a validade dos mesmos reside no fato de que é necessário garantir a qualidade dos instrumentos e técnicas utilizados na avaliação psicológica, resguardando tanto o indivíduo avaliado quanto o psicólogo responsável pela avaliação.

Desse modo, as ações envolvendo a pesquisa das qualidades psicométricas dos instrumentos estão a serviço do profissional e dos sujeitos, pois a subjetividade do avaliador exerce menos influência se este faz uso de testes devidamente validados. Entretanto, vale lembrar que bons instrumentos não prescindem de bons profissionais, pois é sabido que o todo é mais do que a simples soma das partes, o que significa dizer que os sujeitos são bem mais do que a soma dos resultados em diferentes testes. É tarefa do

profissional contextualizar o sujeito e sua história, integrando os dados encontrados; por isso se deve investir, igualmente, na formação de psicólogos, buscando garantir que a ação profissional da avaliação será feita de maneira altamente técnica, responsável e ética.

SEÇÃO I

A capacidade de resolução de conflitos como indicador de saúde em famílias

Pertencer a uma família inscreve o ser humano no mundo, o que possibilita seu crescimento e desenvolvimento. A vida familiar existe em praticamente todas as sociedades humanas, mesmo naquelas em que há hábitos educativos, sexuais e de convívio diferentes dos usuais, encontrados nas famílias ocidentais. A família é, pois, um fenômeno universal, baseado, até o momento, na união de um homem, de uma mulher e de sua prole. Isso quer dizer que a família supõe uma aliança (casamento) e uma filiação (os filhos) (Roudinesco, 2003).

O modelo tradicional de família nuclear, típico da década de 1950, já não é mais tão comum, e vem se modificando; em seu lugar surge uma nova configuração familiar, com estruturas múltiplas. A família dita contemporânea ou pós-moderna impõe-se a partir dos anos 60 e possui como princípio a união de dois indivíduos, por um tempo relativo, em busca de relações íntimas e realização sexual. Segundo Roudinesco (2003), o casamento, que já não é mais indissolúvel, perde sua força simbólica e passa a representar “um rito festivo que acontece não mais como ato fundador de uma célula familiar única e definitiva, mas como um contrato mais ou menos duradouro entre duas pessoas” (p. 153). Nasce, com isso, a noção de família recomposta, que, se por um lado dessacraliza o casamento, por outro humaniza os laços de parentesco, recriando entre homens e mulheres maior equilíbrio e afetividade nas relações.

Nesta mesma direção, Walsh (2005) afirma que a grande maioria das pessoas ainda encara o relacionamento comprometido e minimamente estável como algo importante, pois deseja compartilhar sua vida com alguém e busca um relacionamento íntimo que lhe proporcione conforto e gratificação. Essas variadas configurações, ao contrário do que se pensava tempos atrás, podem ser funcionais, pois a resistência da família relaciona-se aos processos familiares e à qualidade dos relacionamentos estabelecidos, não ao tipo e à forma do arranjo – família intacta, com pai/mãe solteiro, recasada, homossexual. É certo que famílias diferentes enfrentam desafios diferentes e contam com recursos diferentes, mas nenhuma configuração ou estruturação é potencialmente ou inerentemente saudável ou

patológica.

Historicamente a família deve atender a dois diferentes objetivos: proteção psicossocial de seus membros (objetivo interno) e acomodação e transmissão de uma cultura (objetivo externo). É no seio de uma família que os indivíduos constituem-se como sujeitos singulares e separados, ao mesmo tempo que pertencem a um determinado grupo. A família é a matriz da identidade, demarcando os primeiros processos de socialização dos sujeitos, modelando e programando seus comportamentos, sinalizando para o fato de que o contexto influencia o indivíduo que está inserido nele, mas também, da mesma forma, o indivíduo influencia seu contexto, estabelecendo um ciclo que se retroalimenta. No processo de ser no ambiente, a família desempenha um papel de extrema importância, funcionando como “um grupo social natural, que governa as respostas de seus membros aos *inputs* de dentro e de fora. Sua organização e estrutura peneiram e qualificam as experiências dos membros da família” (Minuchin, 1982, p. 16).

O indivíduo que vive numa família é membro de um sistema social, sendo necessário que ele se adapte a isso. Assim como o todo, as partes do sistema sempre serão consideradas e, por isso, quando um familiar estressa uma parte do sistema, a reação pode ser percebida no todo. É possível dizer que o contexto familiar afeta os processos internos de cada um de seus membros; em função disso, parece relevante pensar que, para se entender uma pessoa, é preciso conhecer os elementos de seu sistema familiar (Minuchin, 1982). Conforme Werlang (2002a), não se pode esquecer que o ser humano não é um ser isolado, não podendo ser considerado e pensado fora de seu ambiente familiar. Uma vez que cada indivíduo interage e se relaciona intensamente com os outros membros da família, é certo que os problemas individuais passam a ter uma função no contexto em que surgem.

Após esses apontamentos iniciais, explicita-se a idéia de que é no seio da família que os indivíduos aprendem a ser, a viver e a interagir. As experiências e as referências vivenciadas “em casa” provavelmente serão reproduzidas “fora de casa”. Isso significa que as relações construídas e estabelecidas dentro de uma família são protótipos para os relacionamentos posteriores. Neste contexto, tem-se evidenciado a importância da capacidade de administração e resolução de conflitos e dificuldades, pois é sabido que estes fazem parte da vida de qualquer pessoa. A adequação de uma família ou mesmo de um indivíduo não reside na ausência de problemas, mas na busca de modos saudáveis e adaptativos para o seu enfrentamento.

Na presente seção será percorrido um caminho que pretende enunciar o papel e a função da família na constituição do sujeito, descrevendo seus principais mecanismos de funcionamento. O tópico central de discussão abordará a questão do conflito e do estresse na dinâmica familiar e do significado da incapacidade de lançar mão de estratégias adequadas para resolvê-los. Alguns postulados teóricos, tais como a Teoria da Crise, o Modelo Circumplexo de Olson, a Teoria do Apego de Bowlby e o conceito de resiliência familiar entram como ferramentas para compreender por que algumas famílias possuem recursos pobres e pouco eficientes para o enfrentamento dos problemas, em contraponto a outras que até se fortalecem depois da crise. Para finalizar, são tecidas algumas considerações sobre o conflito como propulsor ou não de desenvolvimento e, especialmente, sobre a capacidade de resolução dos problemas e dificuldades como um importante indicador do nível de adaptação e de saúde em famílias.

A família e o desenvolvimento de seus membros

A família é uma unidade dinâmica, constituindo-se como a matriz das relações de cunho afetivo, social e cognitivo que os indivíduos estabelecem com o mundo. Dessen e Polonia (2007) enfatizam a ação da família como mediadora dos processos de socialização vividos pelo ser humano e como responsável pela transmissão de modelos, valores, crenças e padrões culturais, devendo assegurar a continuidade, a proteção e o bem-estar de seus membros. Justamente por isso é que a família exerce um “impacto significativo e uma forte influência no comportamento dos indivíduos (...) que aprendem as diferentes formas de existir, de ver o mundo e de construir suas relações sociais” (p. 22).

Nos anos de 1940, Ludwig von Bertalanffy desenvolveu a Teoria Geral dos Sistemas, baseada no fato de que em muitos aspectos a família assemelha-se a outros sistemas vivos, pois tem propriedades estruturais e formais que a definem e organizam, e é dotada de fronteiras que demarcam limites para o cruzamento e a troca de informações e interações (Bloch & Rambo, 1998; Nichols & Schwartz, 2007). Logo, numa perspectiva sistêmica, isso significa que uma família não é apenas uma coleção de indivíduos, mas uma rede complexa de relacionamentos. Por outro lado, diferente de outros sistemas, a família só admite novos membros através de nascimento, casamento e adoção, e o seu desligamento só acontece com a morte, se é que acontece; ou seja, uma vez membro de uma família, para sempre um membro dela. Carter e McGoldrick (2001) enfatizam que nenhum outro sistema está sujeito a essas limitações, e apontam para a importância de o

indivíduo encontrar uma maneira própria de funcionar dentro do sistema familiar.

O sistema familiar é constituído por diferentes subsistemas, determinados por sexo, geração, interesse ou pela natureza das tarefas a serem cumpridas, e podem ser constituídos por um único sujeito, por dois (subsistema conjugal e parental) ou por vários membros (subsistema fraternal). É comum que os membros de uma família participem de mais de um subsistema, jogando com papéis diferentes e com formas diferenciadas de poder (Goldbeter-Merinfeld, 1998). Por exemplo, um pai pode fazer parte do subsistema esposo-esposa, assim como do pai-filho. A organização dos subsistemas de uma família auxilia cada membro a pôr em prática e manter a idéia de que cada indivíduo é diferente dos demais, além de possibilitar o exercício das habilidades de relacionamento interpessoal em diferentes níveis.

Para o funcionamento dos subsistemas existem regras que definem quem participa das transações que se operam entre os membros, as quais Minuchin (1982) chamou de fronteiras, e que têm como principal função a manutenção e a proteção da diferenciação entre os sistemas. Assim, para este autor, “cada subsistema familiar tem funções específicas e faz exigências específicas a seus membros” (p. 59), e a forma com que estes se relacionam entre si e com os demais é baseada no tipo de interferência que existe entre os subsistemas. Para que cada subsistema exista como tal, é preciso que haja fronteiras separando-os e diferenciando-os dentro da família.

Para que uma família funcione de maneira adequada, é imprescindível que as fronteiras de cada subsistema sejam claras, permitindo que seus membros desempenhem seus papéis e funções, sem interferências indevidas, mas mantendo contato tanto com aqueles que fazem parte do subsistema, quanto com os demais familiares. A composição do subsistema interessa menos que o estabelecimento nítido de linhas de responsabilidade e autoridade. A nitidez das fronteiras dentro de uma família é um dos parâmetros para avaliação de seu funcionamento. Quando as fronteiras são excessivamente rígidas ou difusas, a comunicação entre os subsistemas se torna falha e, conseqüentemente, a família carece de mecanismos adaptativos para o enfrentamento dos problemas (Minuchin, 1982; Goldbeter-Merinfeld, 1998; Nichols & Schwartz, 2007).

Para compreender uma família, é preciso perceber que ela se caracteriza e opera através de determinados padrões transacionais de funcionamento, diretamente relacionados à sua estrutura. Minuchin (1982) refere que “a estrutura familiar é o conjunto invisível de exigências funcionais que organiza as maneiras pelas quais os membros da família

interagem” (p. 57). Goldbeter-Merinfeld (1998) complementa esta idéia destacando que uma família não se reduz à soma das dinâmicas dos membros que a compõem, mas que não se pode esquecer que as interações entre estes estão inseridas em uma moldura pré-organizada, constituindo a estrutura desta família.

Determinada estrutura familiar gera formas repetidas de relacionamento entre os indivíduos, estabelecendo padrões de como, com quem e quando se relacionar dentro da família, reforçando o modo de funcionamento do sistema. Esses padrões podem ser mais ou menos rígidos e definem a forma com que a família enfrentará situações de desequilíbrio. É muito importante que a estrutura familiar seja capaz de se adaptar a circunstâncias novas, lançando mão de padrões transacionais alternativos ou de flexibilidade para modificar os vigentes, sempre que necessário. Mesmo se adaptando para atender a demandas diferenciadas, a família deve continuar proporcionando um modelo de referência aos seus membros (Minuchin, 1982).

Considerando estes apontamentos, é importante enfatizar que é certo que os laços de consangüinidade sempre estarão presentes na definição das famílias, mas na atualidade, mais do que em outros tempos, eles perderam destaque, uma vez que entra em jogo uma rede complexa e dinâmica de interações com significados particulares e singulares. As configurações familiares têm evoluído e as famílias podem assumir diferentes combinações e formas, tais como nuclear tradicional, recasada, monoparental e homossexual. As mudanças pelas quais a sociedade passa requerem a adaptação da família, que vai se transformando e se acomodando. Da mesma maneira, os novos arranjos familiares vão provocando mudanças nos papéis e nas funções desempenhadas por cada um dos membros, nos valores e, de certa forma, no desenvolvimento dos indivíduos. Para o enfrentamento dessas mudanças as famílias devem poder contar com redes de apoio que lhes darão suporte e as auxiliarão na superação das dificuldades, destacando-se como o principal apoio as relações positivas entre os próprios membros da família (Dessen & Polonia, 2007).

Neste sentido, a família configura-se como um espaço relacional fundamental para o desenvolvimento do ser humano, oportunizando o aprendizado e a elaboração de diferentes dimensões da vida de interação com os demais. Apesar de as configurações familiares assumirem expressões diversas na atualidade, a família continua tendo funções importantes para o crescimento saudável de seus membros. Os pais são modelos para os filhos, e nestas relações é que as crianças aprendem noções de autoridade, formas de

manejar conflitos e adquirem o sentido de filiação e de pertença familiar (Alarcão, 2000). No cotidiano de uma família, em que se cruzam regras universais de organização, heranças e expectativas específicas de seus membros, é que os papéis de cada um vão-se definindo, os modelos de relação se afinam e as identidades pessoais são reescritas. Para que este processo dinâmico de construção, de negociações e ensaios possa ser vivido, é preciso que a família tenha um mínimo de coerência e previsibilidade, oferecendo estabilidade ao percurso do desenvolvimento de seus membros (Alarcão & Gaspar, 2007).

Murray Bowen, estudioso e teórico da terapia de família, acredita em duas forças vitais que se contrabalançam e se imbricam: as que levam a pessoa à união com sua família e as que a impulsionam rumo à individuação e à libertação (Bowen, 1989). Logo, quando este autor emprega o termo 'sistema' para se referir à família, ele quer dizer que a ligação entre seus membros é de tal ordem que qualquer evento que afeta um deles automaticamente afeta os demais, bem como o funcionamento de todo o grupo, que pode ir do ótimo à total disfunção e falência. As famílias tendem a desenvolver padrões repetitivos de comportamento, como formas de reações a determinadas situações e condições, o que lhes confere um certo grau de previsibilidade. Mudanças nas circunstâncias que impulsionam o funcionamento da família resultam em mudanças em seus comportamentos, sejam elas adaptativas ou não adaptativas (Papero, 1998).

Por outro lado, a imprevisibilidade, entendida como falta de consistência nos padrões de comportamento dentro de uma família, perturba a homeostase, que oferece maiores recursos para, por exemplo, o enfrentamento de problemas. Um sistema familiar desequilibrado é aquele em que os pais ou seus substitutos não são capazes de cumprir, consistentemente, suas responsabilidades e em que as regras e/ou papéis de cada membro são indefinidos. Assim, as pessoas crescem, convivem e interagem em um ambiente com normas frouxas, falta de contenção e de afeto. Ross e Hill (2000), em seus estudos, descrevem a relação entre saúde mental e física e a percepção que o indivíduo tem do meio em que está inserido. Eles relatam que níveis elevados de imprevisibilidade e instabilidade são mais presentes em famílias com baixo envolvimento afetivo, confusão de papéis, baixa capacidade de resolução de problemas, dificuldades de comunicação e respostas inconsistentes ou inadequadas no que diz respeito à disciplina.

Na mesma direção estão os postulados de Oliveira e Bastos (2000) e Dessen e Polonia (2007), que defendem que o desenvolvimento saudável de uma família tem relação direta com os laços afetivos formados entre pais e filhos, possibilitando ao indivíduo um

ajustamento adequado em todos os ambientes de que participa. O apoio psicológico necessário para o enfrentamento do estresse provocado por dificuldades do cotidiano é assegurado pelo laço afetivo que existe entre os membros de uma família, que fomentam o sentimento de pertença e de segurança, e possibilitam a busca por soluções para as adversidades. Neste sentido, evidencia-se que os acontecimentos e as experiências familiares geram repertórios de comportamentos, ações e estratégias de resolução de problemas. É no ambiente familiar que o sujeito aprende a expressar seus sentimentos, controlar suas emoções, manejar e resolver seus conflitos e lidar com as adversidades. Logo, se a família funciona de maneira pouco adaptativa, com fronteiras pouco nítidas, que beiram o excesso ou a falta de contenção afetiva de seus membros, é provável que estes tenham mais dificuldade para enfrentar as adversidades. Assim, reforça-se a idéia de que famílias com padrões disfuncionais de relacionamento carecem de uma rede de apoio que as ajude a superar o estresse e a resolver seus conflitos, uma vez que não encontram o apoio de que precisam nelas próprias.

O conflito na família e a capacidade para resolvê-lo

No contexto familiar, em que diferentes indivíduos têm diferentes opiniões e idéias sobre as coisas, não é raro que surjam discordâncias e conflitos. Conflitos caracterizam-se por oposição/interação de forças antagônicas, representando diferenças de valores, divergência de idéias, luta entre duas partes. O importante, então, para Breitman e Porto (2001), não é não ter conflitos, e sim, saber administrá-los. Famílias funcionais certamente encontrarão formas adequadas e sadias para enfrentar seus conflitos e dificuldades. De modo contrário, famílias disfuncionais não conseguirão manejá-los, ou o farão de maneira negativa e pouco construtiva.

Determinados momentos na vida de uma família podem ser mais propícios ao surgimento de conflitos, pois, assim como os indivíduos, as famílias também têm um ciclo vital, um processo ordenado, mas não contínuo, caracterizado por platôs e obstáculos desenvolvimentais que exigem mudanças. Períodos mais turbulentos que requerem adaptações tendem a ser seguidos por períodos de relativa estabilidade. Carter e McGoldrick (2001) referem que, no momento em que se pensa em um ciclo de vida familiar, destaca-se a idéia de que as famílias precisam se reorganizar para acomodar o crescimento e a mudança de seus membros, o que faz com que qualquer alteração em um dos indivíduos gere impacto nos demais. Cada estágio deste ciclo produz um processo

emocional de transição e mudanças no *status* familiar, necessário para que a família continue avançando e se desenvolvendo. Os estágios citados pelas autoras são: 1) sair de casa: adulto jovem solteiro; 2) união de famílias pelo casamento: o novo casal; 3) famílias com filhos pequenos; 4) famílias com adolescentes; 5) lançando os filhos e seguindo em frente; 6) famílias na vida mais tardia.

Ao longo deste ciclo vital a família sofre a influência de pressões internas, provenientes de mudanças evolutivas de seus próprios membros e subsistemas; e externas, provenientes do ambiente exterior. Para responder a estas exigências, ela deve ser capaz de se modificar, alterando e transformando as relações que os membros estabelecem entre si. O estresse gerado pelo movimento de acomodação a situações novas é inerente a todas as famílias, e o que vai diferenciá-las é a forma que encontram para lidar com ele. Por isso é que Minuchin (1982) salienta que as aflições da acomodação não podem ser vistas como patológicas, e sugere que este rótulo seja utilizado para famílias que frente ao estresse e ao conflito aumentam a rigidez e as barreiras de seus padrões de funcionamento, evitando qualquer exploração de novas alternativas, mostrando-se incapazes de resolver o problema de maneira satisfatória.

Minuchin (1982) complementa essa idéia destacando que é a presença de uma estrutura funcional capaz de lidar com problemas e adversidades que distingue famílias sadias de patológicas. Toda família passa por momentos de ajustes e adaptação, e a natureza destes modifica-se de acordo com os estágios do ciclo de vida familiar, assim como pelas crises situacionais que cada um de seus membros está vivendo. Uma nova união requer, numa primeira instância, acomodação e criação de fronteiras. A vida cotidiana, para ser enfrentada, exige a acomodação de cada um dos dois indivíduos que compõem este novo casal. É preciso coordenar rituais diários e concordar, ou pelo menos encontrar o meio termo para uma série de questões importantes (onde morar, se e quando ter filhos...) (Carter & McGoldrick, 2001; Walsh, 2005). Dessa forma, fica claro que a família normal sentirá ansiedade e, muitas vezes, sofrerá com a necessidade de adaptação que se impõe. O que a diferenciara da família não sadia é que, em vez de enrijecer sua estrutura, ela modificará o que for preciso para se acomodar às novas circunstâncias, flexibilizando sua forma de funcionar. Já que os problemas sempre existirão, famílias funcionais os enfrentarão e não evitarão o conflito para se proteger da dor e do sofrimento.

Para algumas famílias, no entanto, a inabilidade no enfrentamento das adversidades mostra-se tão expressiva que é preciso recorrer a instâncias externas, que as auxiliem na

resolução dos conflitos. A mediação familiar é uma prática que surgiu, inicialmente, para proteger filhos e cônjuges das conseqüências negativas do divórcio, mas que atualmente tem ampliado muito seu espectro de aplicação. As situações de conflito ou desagregação dos núcleos familiares que chegam às varas de família têm sido encaminhadas à mediação, com a intenção de auxiliar os envolvidos na busca do respeito à singularidade de cada um e de uma solução mais adaptativa e criativa para a crise (Serpa, 1999).

Assim, evidencia-se que a disfuncionalidade relaciona-se diretamente à incapacidade da família de lidar com as dificuldades. É certo que todo sistema familiar funciona através de padrões pré-estabelecidos, mas sua força “depende de sua capacidade de mobilizar padrões transacionais alternativos, quando condições internas ou externas da família exigem a sua reestruturação” (Minuchin, 1982, p. 69). O papel das fronteiras familiares, neste contexto, é de serem firmes, mas suficientemente flexíveis, permitindo sua reorganização e redistribuição, sempre que as circunstâncias assim o exigirem.

Algumas teorias para a compreensão da capacidade de resolução de conflitos

Que a maior ou menor capacidade para resolver conflitos é um dos indicadores de adaptação e saúde das famílias é ponto pacífico. Mas o que faz com que as famílias tenham diferentes níveis de habilidade no enfrentamento dos problemas? É sabido que, frente a circunstâncias estressantes, algumas famílias se desorganizam e outras encaram e superam as dificuldades. Mas por que isso acontece? O que determina a aquisição de mais ou menos recursos para lidar com as adversidades? Na busca de possíveis explicações para este fenômeno, algumas teorias mostraram-se profícuas, apontando para alguns fatores que podem ser contribuintes e, eventualmente, determinantes para o desenvolvimento da capacidade de resolução de conflitos.

A primeira delas é a *Crisis Theory* (Teoria da Crise), que aborda a forma com que as famílias reagem às situações de crise. Essa teoria é derivada do trabalho de Hill, que em 1949 desenvolveu um modelo baseado na idéia de que a adaptação das famílias é “testada” em eventos adversos, e que o que define o impacto que estes irão causar são os recursos dos quais a família pode dispor para enfrentá-los. Quanto maior a capacidade da família de preservar a unidade de seu sistema familiar, maior a quantidade de recursos para lidar com as crises (Hill, 1949). Da mesma forma, quanto mais recursos uma família tem, maiores as condições de se manter como uma unidade, estabelecendo-se, então, um ciclo que se retroalimenta. Na década de 80, McCubbin e Patterson (1982) adicionaram ao modelo

desenvolvido por Hill a idéia de que, com o passar do tempo, as famílias podem refinar sua capacidade de enfrentamento das crises, pois as respostas dadas hoje podem ser ainda mais adaptativas e adequadas no futuro, demarcando a importância da vivência de um processo dinâmico de relacionamento.

Outra teoria que contribui para esta discussão é o Modelo Circumplexo de Olson (2000), no qual o nível de funcionalidade de uma família varia de acordo com três dimensões, que também têm sido consideradas e estudadas por outras teorias da família: coesão, flexibilidade e comunicação. O conceito de coesão familiar tem seu foco em como a família equilibra a separação e a proximidade de seus membros, podendo ser definida como o vínculo emocional que existe entre os mesmos. Algumas variáveis relacionadas à coesão e que ajudam no momento em que se deseja avaliá-la são fronteiras, coalizões, tempo e espaço de cada um, presença de amigos, capacidade de tomar decisões, tipos de interesses e de vínculos emocionais. O Modelo Circumplexo considera quatro níveis de coesão, que variam de desengajado (coesão muito baixa), a separado (coesão baixa a moderada), a conectado (coesão moderada a alta) e a emaranhado (coesão muito alta). É sabido que as famílias que têm níveis moderados de coesão (separada ou conectada) são mais capazes de distribuir o estar só e o estar em conjunto de uma maneira mais adequada e funcional.

A flexibilidade familiar é entendida como o potencial da família para se adaptar, seja a novos papéis, novas lideranças ou novas regras de funcionamento do sistema, oportunizando a negociação e a mudança, se esta for necessária. No centro do conceito de flexibilidade reside a habilidade de equalizar estabilidade de um lado, e mudança de outro. Os quatro níveis de flexibilidade variam de rígido (flexibilidade muito baixa), a estruturado (baixa para moderada), a flexível (moderada para alta) e a caótico (muito alta). Assim como para a coesão, níveis centrais de flexibilidade (estruturado ou flexível) propiciam um funcionamento familiar mais ajustado. Olson (2000) afirma que um dos fatores que distingue famílias funcionais das disfuncionais é a sua capacidade de mudar quando isso se faz necessário, por exemplo, frente a conflitos ou crises.

A terceira dimensão que compõe o Modelo Circumplexo é a comunicação, considerada como facilitadora e, por isso, não é avaliada em níveis, tais como as outras duas (coesão e flexibilidade). Acredita-se que a capacidade de comunicação é responsável por uma circulação mais ou menos fácil dos membros de uma família, entre as outras dimensões. A comunicação pode ser avaliada de acordo com as habilidades da família,

como grupo, de escutar de forma empática e atenta, falar sobre si e sobre os outros, compartilhar sentimentos, demonstrar respeito e consideração por si mesmo e pelos demais membros. Famílias com bom nível de comunicação tendem a ter melhores habilidades na resolução de problemas. Em situações de adversidade e crise, famílias com níveis moderados de coesão e flexibilidade, e boa comunicação, têm maiores chances de conseguir responder aos problemas, enfrentando-os de um modo funcional e ajustado, demonstrando capacidade de se adaptar, mesmo frente à crise (Olson, 2000).

O Modelo Circumplexo de Olson e a Teoria da Crise assinalam a importância da capacidade da família de se adaptar aos desafios e às dificuldades. Com isso, evidencia-se que a qualidade dos relacionamentos, da estrutura e da dinâmica de uma família não será avaliada pela presença ou não de conflitos, mas por sua capacidade de resolvê-los. Bradburry, Finchman e Beach (2000) afirmam que em todo casamento há problemas, mas que a qualidade conjugal explicita-se na forma com que os cônjuges resolverão os problemas, idéia facilmente aplicável às famílias.

Mesmo com teorias que auxiliam na compreensão das influências sistêmicas sobre o comportamento dos membros de uma família, a Teoria do Apego (*Attachment Theory*), de John Bowlby, ainda figura como uma importante ferramenta para a identificação de raízes mais profundas da dinâmica dos relacionamentos de um indivíduo, uma vez que remonta aos vínculos primitivos estabelecidos entre mãe e bebê. Observando duplas de mães com seus bebês, Bowlby (1984) concluiu que o vínculo (apego) baseia-se em um impulso biológico que conduz à proximidade e à busca de conforto, o que forma uma base segura para a exploração do mundo. Só são capazes de enfrentar os desafios os bebês que tiveram uma figura de apego (geralmente a mãe) que realmente tenha lhes proporcionado a segurança afetiva necessária para um desenvolvimento seguro.

Nesta formulação teórica, acredita-se que melhores recursos para o enfrentamento das adversidades têm relação com os vínculos primitivos estabelecidos entre a criança e o seu cuidador. Na base das formulações de Bowlby está a idéia de que a função principal de um vínculo próximo com a figura de cuidado (figura de apego) é a necessidade de proteção e de segurança. É graças a uma base segura que a criança passa a ter condições de explorar o ambiente, e as relações estabelecidas neste contexto é que irão regular e servir de modelo para as que serão estabelecidas posteriormente. Neste sentido, Bowlby (1984) destaca que o desenvolvimento de modelos internos de apoio e valorização é fruto das relações de apego do indivíduo, pois ele organiza um padrão seguro ou inseguro de vinculação com os

outros, a partir do modelo que introjetou na relação com sua figura de vinculação. O tipo de vínculo ou de apego estabelecido pela criança em suas relações primitivas define um modelo interno para os relacionamentos que serão estabelecidos no futuro.

Assim, destaca-se a dependência como uma tendência humana natural, uma necessidade básica, pois é isso que dá confiança e segurança para a exploração do mundo. A hipótese sustentada pela aplicação da Teoria do Apego à compreensão de famílias é que os estilos de apego da infância se repetem nos relacionamentos adultos. O apego inicial entre mãe e bebê é um elemento crucial para o desenvolvimento sadio da criança. Embora este tenha sua base nos primeiros relacionamentos da infância, Bowlby (1984) refere que todas as interações com os outros, e não apenas as primeiras, moldam as crenças do indivíduo sobre a disponibilidade e a sustentação das pessoas ao seu redor.

Considerando a perspectiva relacional da constituição dos fenômenos e o conceito de apego embutido em uma rede de relações dinâmicas, é possível estender os postulados de Bowlby para a compreensão de famílias. Frosch, Mangelsdorf e McHale (2000) observaram em seus estudos que casais engajados em trocas afetivas satisfatórias estabelecem relações de apego mais seguras com seus filhos, tornando-os mais capazes de reagir e enfrentar de maneira adequada, mesmo situações adversas e negativas. Isso aponta para a diferença entre a díade e os sistemas familiares de um lado, e para a sua inter-relação de outro, permitindo a integração da teoria dos sistemas com a teoria do apego (Pontes, Silva, Garotti & Magalhães, 2007). Nichols e Schwartz (2007) destacam, inclusive, que o “destino da família é amplamente determinado pelo desenvolvimento inicial das personalidades individuais que a constituem. Se os pais forem adultos maduros e sadios, a família será feliz e harmoniosa” (p. 231). Entretanto, os mesmos autores afirmam que, por mais que esta pareça ser uma hipótese tanto possível quanto elucidativa, nenhuma pesquisa conseguiu confirmar a relação entre experiências primitivas de apego e os relacionamentos afetivos e íntimos estabelecidos na vida adulta.

As contribuições do conceito de resiliência familiar

Para compreender os processos interacionais que fazem com que as famílias consigam sobreviver aos desafios e adversidades capazes, muitas vezes, de desorganizar a vida de seus membros, Walsh (2005) usa o termo resiliência familiar. Mais do que nunca, em tempos turbulentos e de incertezas, os sujeitos e as famílias precisam encontrar formas para enfrentar as dificuldades. Neste contexto, a resiliência surge como a capacidade de

renascer da adversidade, fortalecido e com mais recursos, sendo uma resposta à crise, contrariando a crença de que os traumas não podem ser desfeitos e de que a adversidade sempre prejudica e perturba as pessoas. Ser resiliente, mais do que sobreviver, apesar dos problemas, é se movimentar pelos problemas, sendo capaz de se fortalecer na dor e no sofrimento, e cada vez mais tem-se a certeza de que a resiliência é estimulada por relacionamentos de apoio. Isso quer dizer que, se os indivíduos souberem lidar com as crises, eles podem despertar o melhor deles, assim como escreveu Albert Camus, citado por Walsh (2005, p. 7): “No meio do inverno eu finalmente percebi que havia em mim um verão invencível”.

Mas o que faz com que alguns indivíduos sejam mais resilientes que outros? Walsh (2005) cita alguns estudos que apontam para a importância da presença, na vida de uma criança, de pelo menos um adulto que lhe ofereça apoio incondicional, independentemente de sua inteligência, beleza física ou temperamento. Os estudos que envolveram a investigação das contribuições familiares na aquisição de resiliência apontam para a importância da ternura, da afeição, do apoio emocional, de uma estrutura e de limites claros. Com isso destaca-se a idéia de que a resiliência é tecida em uma rede de relacionamentos inter e transgeracionais, e que, para compreendê-la, são necessárias perspectivas transacionais entre os sistemas familiar e social.

Considerando que pouco se fala dos potenciais de uma família para se fortalecer com as dificuldades, e da tradição de se trabalhar apenas os *déficits* familiares, Walsh (2003) arrisca-se em dizer que uma família normal pode ser definida como aquela que ainda não foi avaliada, pois, se o for, certamente não será mais considerada normal. Isso se relaciona à crença de que a normalidade de uma família é medida/avaliada pela ausência de problemas. Pautando-se no modelo médico, a saúde só está presente na isenção de problemas, sendo a sua existência entendida como sintomática, e esta noção tem sido aplicada às famílias. Daí a posição da autora sobre a normalidade familiar associada à sua não-avaliação. Walsh (2005) reforça a idéia de que “o que distingue as famílias saudáveis não é a ausência de problemas, mas a maneira de enfrentá-los e a competência para resolvê-los” (p. 15), e concorda com Minuchin (1982), que afirma que esta crença patologiza equivocadamente famílias comuns que tentam enfrentar os estresses que fazem parte da vida. Nesta perspectiva, ganham mais destaque, no funcionamento saudável de uma família, os processos familiares, e menos a forma com que a família se organiza.

Walsh (2005) apresenta três elementos que considera fundamentais para a

construção da resiliência familiar: 1) os sistemas de crença familiar, em que destaca a importância de se extrair significado e de ter uma perspectiva positiva da adversidade, além de contar com algum nível de espiritualidade; 2) os padrões organizacionais da família, salientando a flexibilidade, a conexão e o acesso a recursos sociais e econômicos; e 3) os processos de comunicação entre os membros do sistema familiar, enfatizando a necessidade de que sejam claros, que oportunizem a expressão aberta das emoções e a resolução cooperativa dos problemas.

Discutindo um pouco mais cada um desses elementos, a autora afirma que as crenças das pessoas definem a forma com que elas percebem o mundo, englobando valores, convicções, atitudes, tendências e suposições, formando um conjunto de premissas básicas que orientam suas ações, decisões e emoções. Frente a uma crise, as crenças que regem o funcionamento e a percepção da realidade de determinado indivíduo podem facilitar ou dificultar a resolução da mesma (Walsh, 2005). Estes postulados tomam forma em outras teorias, tais como no modelo da depressão de Aaron Beck, que se ancora justamente em crenças específicas sobre a subestimação de potencialidades, a ampliação da gravidade de cada erro ou problema e a catastrofização das situações, fazendo com que o sujeito perceba tudo o que está ao seu redor filtrado por estas idéias (Beck, Rush, Shaw & Emery, 1997).

Quanto ao segundo elemento – padrões organizacionais da família – destaca-se a importância de as famílias realizarem tarefas que oportunizem o crescimento e o bem-estar de seus membros, mobilizando recursos adequados para o enfrentamento das adversidades. Para que isso aconteça, é imprescindível que elas desenvolvam uma estrutura e um funcionamento flexíveis, mas estáveis, ou seja, devem manter padrões regulares, mas capazes de uma certa variação. A estabilidade da família requer regras, papéis e padrões de interação previsíveis e consistentes. Assim, para Walsh (2005), “os membros precisam saber o que se espera deles e o que podem esperar um do outro” (p. 78). Esta característica deve ser contrabalançada com a flexibilidade, capacidade de se adaptar a circunstâncias alteradas, especialmente em meio a crises. É justamente o equilíbrio entre a estabilidade e a mudança que mantém o sistema familiar estável, ao mesmo tempo em que o torna capaz de responder aos desafios da vida.

Além da flexibilidade, assim como Olson (2000), em seu Modelo Circumplexo, refere a importância da coesão entre os membros de uma família, marcada pelos vínculos emocionais estabelecidos entre seus membros; Walsh (2005) usa o termo conexão para

definir o equilíbrio entre separação/autonomia e apoio mútuo/colaboração entre os membros. É necessário que os familiares respeitem as diferenças que existem entre eles, mas que também sejam capazes de se unir e se conectar em épocas de crise e dificuldades. Por último, quanto aos padrões de organização, a autora enfatiza o acesso a recursos sociais e econômicos, especialmente os vinculados às redes de apoio, idéia presente, igualmente, nos postulados de outros autores, como mencionado anteriormente. É de extrema importância que a família possa contar com o apoio e auxílio de outras pessoas, especialmente em circunstâncias adversas.

Finalizando a apresentação dos elementos fundamentais para a resiliência familiar, Walsh (2005) aborda a questão da comunicação, definindo-a como um dos aspectos mais importantes para um bom funcionamento da família. Olson (2000) aponta-a como mediadora e facilitadora de todos os outros processos vividos pela mesma. Neste sentido, aumentar a competência de seus membros para se expressar é sempre um dos focos da terapia familiar, assim como impulsionar modificações em sua estrutura, o que, conseqüentemente, instrumentaliza-os com novas estratégias para a resolução de seus problemas (Minuchin, 1982).

Toda comunicação tem duas funções: transmitir informações, sentimentos, opiniões; e definir a natureza do relacionamento que existe entre os que se comunicam. Além disso, três aspectos da comunicação são cruciais para a resiliência familiar: clareza, expressão emocional aberta e resolução colaborativa dos problemas. Isso significa que famílias que se comunicam bem são diretas, específicas, honestas, claras e consistentes em suas comunicações, dizendo o que pretendem e pretendendo o que dizem. Além disso, os familiares sentem-se seguros para expressar seus sentimentos, pois sabem que serão aceitos e apoiados, o que possibilita o compartilhamento das dificuldades e a participação mútua no enfrentamento dos problemas (Walsh, 2005).

Para concluir

Na atualidade, mais do que em outros tempos, as famílias têm-se deparado com situações e dificuldades que lhes têm exigido plasticidade, criatividade, resiliência e boa capacidade para o enfrentamento dos problemas. A família contemporânea ou pós-moderna, constituída pelos laços de consangüinidade, mas também pelos puramente afetivos e construídos nos relacionamentos, tem sido posta à prova quanto à sua competência para lidar com o inusitado. Se por um lado a família é o primeiro espaço de

socialização dos sujeitos, em que os mesmos se sentem apoiados e pertencentes a algo, por outro, exige que eles se relacionem, que aprendam a conviver com os desejos e necessidades comuns, além dos seus próprios.

Apesar destas implicações e das mudanças na organização familiar, pesquisas sociológicas apontam que nada impede que a família seja “reivindicada como o único valor seguro ao qual ninguém quer renunciar. Ela é amada, sonhada e desejada por homens, mulheres e crianças de todas as idades, de todas as orientações sexuais e de todas as condições” (Roudinesco, 2003, p. 198). Mas por que isso acontece? Por que as pessoas têm um “desejo de família”? Acredita-se que, a despeito das dificuldades, a família figura como um lugar de resistência, calcado no princípio fundador do equilíbrio entre o um e o múltiplo, necessário à construção de identidade de todo sujeito. Mais uma vez na história da humanidade, de acordo com as características do mundo atual, a família e o pertencer a uma família precisam ser reinventados. Talvez por isso é que atualmente tem-se aceitado que a satisfação familiar exista mesmo entre membros que vivenciam conflitos e discordam em algumas questões, desde que eles encontrem formas de resolver suas divergências. De certa forma, é possível dizer que a qualidade nos relacionamentos familiares é o resultado de um processo interativo entre o contexto, os recursos de cada um dos membros e os processos de adaptação, enfrentamento e superação das dificuldades.

Como ponto essencial para a sobrevivência ajustada da família encontra-se, então, a capacidade de administrar e resolver conflitos, algo que requer tolerância, habilidade de negociação e de discussão das opções existentes, pesando prós e contras para todos os membros da família e, por fim, abertura para tentar a implementação de novas soluções, definindo uma abordagem flexível e criativa para o enfrentamento dos problemas. A saúde da família como sistema e dos membros que a compõem tem, certamente, uma relação íntima com estes postulados, o que faz com que qualquer avaliação e intervenção nestes níveis devam levá-los em consideração.

SEÇÃO II

Desenvolvimento de um Sistema de Categorização de Respostas para o FAT

Do artigo 5º da Resolução nº 002/2003, do Conselho Federal de Psicologia (CFP), consta que todo instrumento de avaliação psicológica deve possuir um corpo teórico que sustente o constructo ou as variáveis que pretende avaliar, devendo apresentar um sistema claro de categorização e interpretação das respostas. Neste sentido, diferentes autores têm criticado a falta e/ou o alto nível de especulação e subjetividade na interpretação das técnicas projetivas (Lilienfeld, 1999; Lilienfeld, Wood & Garb, 2000; Sendín, 2000; Seitz, 2001). Entretanto, algumas dessas críticas podem ser rebatidas se alguns cuidados e, atualmente, se as exigências do CFP forem consideradas. O primeiro deles diz respeito à fundamentação teórica do instrumento, que além de ser apresentada solidamente, demarcando a estrutura e a direção que dá ao teste, deve enfatizar e definir o constructo a ser avaliado, seus objetivos e os contextos para os quais um instrumento específico foi desenvolvido. Lilienfeld e colegas (2000) destacam que é preciso saber exatamente as capacidades e as limitações de cada técnica projetiva, pois sem a certeza de que ela produz resultados úteis que contribuem para a avaliação e para a intervenção junto a determinado sujeito, é difícil justificar seu uso. Essa certeza associa-se, pelo menos em parte, a um referencial teórico que norteia o alcance das análises e interpretações dos resultados gerados pela técnica.

Outro elemento de extrema relevância para a validação dos métodos projetivos relaciona-se ao sistema de categorização das respostas, e para este, o CFP exige que se explicita a lógica que embasa o procedimento, em função do sistema adotado. Para evitar que as respostas sejam analisadas e interpretadas de maneira muito distinta por diferentes avaliadores, o sistema de categorização é fundamental. Vane e Guarnaccia (1989) referem que “sem um sistema padronizado de avaliação não é possível determinar se as respostas são apropriadamente analisadas” (p. 11). Um sistema claro e teoricamente fundamentado de avaliação das respostas evita uma das principais críticas às técnicas projetivas: “que a interpretação não seja contaminada pela personalidade do avaliador (...) tirando conclusões de suas próprias projeções” (Alves, 2004, p. 365).

Em se tratando de técnicas projetivas, vale ressaltar que qualquer esforço para sua validação sempre será relativo a um sistema específico de classificação e interpretação. Neste tipo de instrumento, mais do que em outros, o sistema de interpretação é o responsável por transformar uma “massa de dados qualitativos (as respostas livres do sujeito) em uma forma manipulável: antes de ser possível codificar, é preciso ter definido as categorias fundamentais em função das quais as respostas vão ser classificadas” (Anzieu, 1981, p. 228). O sistema interpretativo de um teste vincula-se a um sistema de classificação das respostas, que só têm sentido em função da interpretação que estas suscitam.

Com base nestes apontamentos, a presente seção aborda o desenvolvimento e a construção de um sistema de categorização das respostas dadas a uma técnica projetiva familiar. Assim sendo, foi examinado por especialistas (em avaliação psicológica e em Teoria Sistêmica) o conteúdo de cada categoria do Sistema de Categorização de Respostas original (organizado nos Estados Unidos), para determinar se elas cobriam o aspecto a ser medido (funcionamento e estrutura familiar), e assim definir a escolha das categorias mais apropriadas. O *Family Apperception Test* (FAT – Teste de Apercepção Familiar) foi criado por Sotile, Julian III, Henry e Sotile (1991), nos Estados Unidos, destinado, especialmente, a crianças e adolescentes de 06 a 15 anos de idade. Seu objetivo é avaliar, do ponto de vista de quem responde ao teste, o processo de funcionamento e a estrutura familiar, com base na Teoria Geral dos Sistemas, que preconiza que o comportamento e as características pessoais dos indivíduos só podem ser entendidos como resultantes da interação com os outros membros da família. Para compreender a individualidade, então, parte-se da premissa de que é necessário avaliar, igualmente, as variáveis do sistema familiar, oportunizando que se estabeleça uma ponte entre a avaliação individual e familiar de determinado indivíduo. Cada vez mais a variável ‘sistema familiar’ tem-se mostrado de extrema importância para que se possa fazer uma leitura adequada da problemática de um sujeito que busca auxílio psicológico. Entretanto, atualmente os profissionais podem contar com poucas ferramentas clínicas capazes de realizar a avaliação sistêmica das famílias. Neste contexto, o FAT surge como um instrumento especificamente desenhado e elaborado para que variáveis do sistema familiar do indivíduo avaliado possam ser evocadas.

Funcionamento e Estrutura Familiar

As famílias desenvolvem uma estrutura característica, um padrão bem definido e

repetitivo de papéis e regras, dentro dos quais os seus membros funcionam. Segundo Minuchin (1982), elas modelam e programam o comportamento e a identidade de seus membros, funcionando como um sistema aberto auto-regulado, com uma história comum, que define normas e padrões transacionais próprios. As características da dinâmica do sistema em relação à coesão, flexibilidade e comunicação podem revelar a capacidade ou não da família e de seus membros de encontrar soluções sadias, novas e criativas para seus problemas (Elkaïm, 1998; Vasconcelos, 2002; Walsh, 2002).

A rede de relações que determina e forma a organização de uma família é, portanto, pré-existente ao sujeito, que mantém a vinculação com seus semelhantes para a satisfação de suas necessidades. Em uma família existem relações conjugais, paterno-filiais, relações fraternas, e cada uma delas tem um significado diferente para o indivíduo, suprindo, da mesma forma, necessidades múltiplas e diferenciadas. Cada uma dessas relações e vínculos marca o sujeito e deixa registros em sua história, que o influenciarão por toda a vida (Werlang, 2002a).

Cada família funciona de acordo com regras próprias, que organizam e regulam seus comportamentos, modos de funcionamento, hierarquias, interdependências e a expectativa recíproca que existe entre os membros, principalmente no que concerne às formas específicas de intercâmbios afetivos e emocionais (Goldbeter-Merinfeld, 1998). Intimamente ligadas a essas regras estão as fronteiras, que definem quem e como cada membro participa das transações que acontecem na família. A clareza das fronteiras de um grupo familiar é um importante parâmetro de avaliação de seu funcionamento, e disso depende a possibilidade de cada um desempenhar, sem problemas, sua função específica.

Outro elemento que caracteriza o funcionamento das famílias são seus subsistemas, determinados por geração, gênero ou interesses comuns. Cada membro participa e desempenha papéis distintos em cada um dos subsistemas dos quais faz parte, podendo haver, dentro de uma família, díades, tríades e outras alianças e coalizões. O que regula o contato que cada indivíduo ou membro vai ter com o outro, nesses agrupamentos, são as fronteiras, cuja função é proteger a autonomia da família e dos subsistemas, definindo proximidades e hierarquias (Nichols & Schwartz, 2007). Logo, a qualidade das fronteiras estabelecidas por uma família e por seus subsistemas é determinada pelo padrão de interação entre seus membros, e um funcionamento familiar normal implica, necessariamente, em um estabelecimento adequado dessas fronteiras.

A comunicação é outro elemento que pode atuar como facilitador do

funcionamento familiar adequado e saudável, em que regras e padrões existem, mas podem ser modificados ou adaptados. Winter (1998) destaca que uma das chaves “da vinculação entre os seres humanos reside na característica de flexibilidade e funcionalidade da comunicação que estes estabelecem” (p. 121-122). Os padrões que governam os sistemas familiares podem ser identificados quando se evidenciam os efeitos recíprocos da comunicação estabelecida entre seus membros, fato que demarca a importância da mesma para a compreensão da estrutura e do funcionamento familiar. Olson (2000) refere que comunicação em uma família deve ser avaliada pela capacidade de seus membros de ouvir e falar, com empatia, sendo capazes de compartilhar com os outros seus sentimentos sobre si mesmos e sobre as relações. Sistemas familiares balanceados e funcionais tendem a ter uma comunicação aberta e clara, e os disfuncionais tendem a ter uma capacidade de comunicação pobre ou, até mesmo, nenhuma abertura para o diálogo e a comunicação entre seus membros.

No contexto familiar não é raro que surjam conflitos, e os autores (Minuchin, 1982; Olson, 2000; Breitman & Porto, 2001; Walsh, 2005) são unânimes em apontar que o que determina a saúde de uma família não é a ausência de problemas, mas sim sua capacidade em resolvê-los. Sublinha-se, assim, o papel fundamental que a família desempenha no funcionamento e na estruturação individual de cada um de seus membros, e daí a importância de se avaliar o contexto familiar daquele de quem é solicitada uma avaliação psicológica. Minuchin (1982) ainda aponta que a evolução do indivíduo depende, de certo modo, do papel exercido pelo seu sistema familiar, pois a identidade é uma construção envolvendo os sentimentos de pertencimento e de separação. Para este autor, as famílias funcionam como laboratórios onde estes dois ingredientes são administrados e misturados, atuando como matrizes da identidade individual dos sujeitos, bem como instrumentos para sua socialização. Famílias bem estruturadas podem ser definidas como sistemas que encorajam a socialização, oferecendo o apoio, a regulação e as satisfações necessárias ao desabrochar pessoal e relacional dos indivíduos.

O Teste de Apercepção Familiar

O FAT é constituído por uma série de 21 lâminas-estímulo, que representam diversas situações comuns de famílias em seu cotidiano e que induzem a diversas associações projetivas a respeito do processo e da estrutura familiar, bem como sentimentos vinculados ao relacionamento específico da família (Sotile et al., 1991). Os

títulos das 21 lâminas são: Jantar, Som, Castigo, Vestido, Assistindo televisão, Faxina, Andar superior, *Shopping center*, Cozinha, *Baseball*, Atraso, Tarefas escolares, Hora de dormir, Brincadeira, Jogo, Chaves, Maquiagem, Viagem, Trabalho, Espelho e Encontro/Despedida.

Diferentemente de outras técnicas aperceptivas, o FAT não objetiva a exploração de aspectos da dinâmica intrapsíquica do sujeito, e sim a percepção que este tem de sua família. Isso acontece através da elaboração de narrativas, para uma série de imagens familiares, que denunciam dados sobre a natureza dos vínculos afetivos, a qualidade das relações familiares, a identificação de conflitos manifestos, dentre outros elementos.

A administração do FAT é similar a de outros testes projetivos temáticos, tal como o TAT (Teste de Apercepção Temática) e o CAT (Teste de Apercepção Temática Infantil). Pede-se ao sujeito que, para cada lâmina apresentada, conte uma história com início, meio e fim; caso a história esteja incompleta ou gere dúvidas, faz-se um inquérito adicional, perguntando, por exemplo: “o que está acontecendo?”, “o que aconteceu antes?”, “e depois?”, “como os personagens estão se sentindo?”, “como a história termina?”.

Os autores do FAT, sustentados em conceitos teóricos sistêmicos, desenvolveram um sistema de categorização de respostas, com base na análise de verbalizações de crianças e adolescentes, a partir dos aspectos temáticos contidos em cada uma das 21 lâminas do instrumento. Cada lâmina traz, de certa forma, uma temática específica, envolvendo o relacionamento entre pais, filhos, irmãos e outros integrantes da família extensa, que tende a ser suscitada pelas ilustrações de cada estímulo. Ressalta-se que nas lâminas que são hipoteticamente mais neutras, a presença de conflitos na história contada sinaliza para um importante grau de conflito na família do sujeito avaliado.

No momento em que para cada lâmina o sujeito é convidado a contar uma história, através da projeção, suas narrações irão denunciar fatores que determinam o funcionamento e a estrutura da família em questão. No quadro abaixo podem ser visualizadas as descrições temáticas das lâminas-estímulo do FAT, conforme consta do manual (Sotile et al., 1991) e a partir de adaptações que se mostraram adequadas e necessárias, ao longo do presente estudo.

Quadro 1. Aspectos temáticos contidos nas lâminas do FAT

| Lâmina | Variáveis |
|-----------------------------------|--|
| Lâmina 1 – Jantar | Cenário facilitador para a manifestação de conflito familiar (entre pais e filhos) e conjugal, para a qualidade dos relacionamentos e as fronteiras estabelecidas na família. É freqüente a temática do divórcio e as conseqüências afetivas deste para as crianças. |
| Lâmina 2 – Som | Relações entre irmãos ou entre mãe e filhos. Usualmente a lâmina evoca histórias com temáticas neutras. |
| Lâmina 3 – Castigo | Aborda o modelo de imposição de limites utilizado pela família, podendo trazer à tona informações sobre abuso físico e sobre o sentimento da criança a respeito da justiça, dentro de sua família. |
| Lâmina 4 – Vestido | Evoca a qualidade do relacionamento mãe/filha, especialmente com relação à resolução de conflitos e imposição de limites. |
| Lâmina 5 – Assistindo Televisão | Lâmina neutra, que revela informações abordadas por outras lâminas, tais como a qualidade do relacionamento entre os membros de uma família. |
| Lâmina 6 – Faxina | Estimula conteúdos relacionados à qualidade do relacionamento mãe/filho, principalmente no que diz respeito à imposição de limites e à resolução de conflitos. |
| Lâmina 7 – Andar superior | Tende a revelar temas que envolvem conflitos familiares ou conjugais e os sentimentos que estes geram nas crianças. Além disso, em adolescentes, é comum a lâmina eliciar respostas que tratem da quebra de regras e, conseqüentemente, da imposição de limites. |
| Lâmina 8 – <i>Shopping center</i> | Aborda as relações entre mãe e filhos, entre irmãos ou entre os pares. São comuns os temas envolvendo dependência e rivalidade entre irmãos. |
| Lâmina 9 – Cozinha | Tende a revelar informações sobre conflitos familiares ou conjugais e a sua forma de resolução. É freqüente a revelação de histórias envolvendo o abuso físico e de substâncias. |
| Lâmina 10 – <i>Baseball</i> | Evoca informações sobre o subsistema de irmãos e sobre o relacionamento entre os pares. É freqüente a indicação de competências não acadêmicas. |
| Lâmina 11 – Atraso | Aborda conflito familiar e entre gerações, estilo de resolução de conflitos e imposição de limites, especialmente nas questões que envolvem a adolescência. |
| Lâmina 12 – Tarefas escolares | Estimula informações sobre como a família maneja as questões vinculadas a tarefas escolares/acadêmicas. Pode revelar as atitudes da criança e da família no que diz respeito à responsabilidade. |
| Lâmina 13 – Hora de dormir | Trata da qualidade do relacionamento pai/filho(a), principalmente no que diz respeito a forma com que a família lida com um de seus membros emocionalmente chateado, indisposto ou mesmo doente. |
| Lâmina 14 – Brincadeira | Aborda a qualidade do relacionamento com a figura do pai ou com a figura do avô, bem como os relacionamentos entre irmãos, especialmente percepções de favoritismo dentro da família. |
| Lâmina 15 – Jogo | Facilita conteúdos sobre a qualidade do relacionamento entre irmãos e sobre os processos de resolução de conflitos deste subsistema. |
| Lâmina 16 – Chaves | Elicia respostas sobre o relacionamento entre pai e filho, especialmente no que diz respeito ao grau de competência deste último, percebida pelo pai. Histórias envolvendo o abuso de substâncias são freqüentes. |
| Lâmina 17 – Maquiagem | Aborda a qualidade do relacionamento entre mãe e filha ou entre irmãs, podendo produzir informações sobre as relações familiares quanto às diferenças entre as gerações. Eventualmente pode evocar temas de infidelidade conjugal. |
| Lâmina 18 – Viagem | Evoca respostas de conflito, tanto familiar quanto conjugal, tratando, |

| | |
|--------------------------------|---|
| | também, diretamente, de sua resolução, da imposição de limites, das fronteiras estabelecidas e da qualidade de relacionamento entre os membros da família. |
| Lâmina 19 – Trabalho | Elicia informações sobre o relacionamento pai/filhos e temas vinculados à conquista de privilégios ou o recebimento de alguma punição. Respostas que tratem das relações com figuras de autoridade são comuns. |
| Lâmina 20 – Espelho | Esta lâmina é apontada como a mais puramente projetiva, pois revela informações sobre autoconceito e auto-estima, relacionadas à confusão de papéis ou de identidade sexual. |
| Lâmina 21 – Encontro/Despedida | Evoca conteúdos da dinâmica familiar. Com frequência aparecem informações relacionadas à demonstração de afeto e afeição entre os membros da família. Pode eliciar, também, respostas associadas a conflito e agressividade e a abuso físico. |

Com as informações sobre cada lâmina que constitui o FAT é possível observar que as principais situações ou eventos que marcam o ciclo vital da família estão contemplados. No momento em que os estímulos constantes nas lâminas tendem a evocar conteúdos como as fronteiras familiares, a imposição de limites, a qualidade dos relacionamentos, a presença de coalizões, a predominância de determinadas emoções e sentimentos, a existência de conflitos, as estratégias usadas pela família para resolvê-los e a presença de comportamentos disfuncionais e patológicos, tais como abuso físico ou de substâncias, em cenas envolvendo membros de diferentes subsistemas, como pode ser observado na descrição dos aspectos temáticos das lâminas do FAT (Quadro 1), acredita-se que os elementos necessários à avaliação de uma família estão contidos na análise proposta pelo referido instrumento.

Método

Com o objetivo de criar subsídios para o uso do Teste de Apercepção Familiar na realidade brasileira, o primeiro passo executado foi analisar o sistema original de categorização das respostas do FAT, constante do manual do instrumento (ver Quadro 2), tarefa esta que foi realizada por duas psicólogas clínicas, com experiência em avaliação psicológica, e por uma terapeuta de família e casais, de orientação sistêmica.¹

¹ Blanca Guevara Werlang, Liza Fensterseifer e Liara Lopes Krüger.

Quadro 2. Sistema original de categorização das respostas do Teste de Apercepção Familiar (FAT)

| Categorias | Possibilidades de pontuação |
|-------------------------------|--|
| Conflito Manifesto | Familiar Conjugal Outros Ausência |
| Tipo de resolução do conflito | Positiva Negativa ou sem resolução |
| Imposição de limites | Adequada/obediente Adequada/desobediente Inadequada/obediente Inadequada/desobediente |
| Qualidade do relacionamento | Mãe = aliada Pai = aliado Irmão = aliado Cônjuge = aliado Outro = aliado Mãe = estressora Pai = estressor Irmão = estressor Cônjuge = estressor Outro = estressor |
| Fronteiras | Emaranhadas Desengajadas Coalizão Mãe/Criança Coalizão Pai/Criança Coalizão Outro Adulto/Criança Sistema aberto Sistema fechado |
| Circularidade disfuncional | Presente |
| Relações abusivas | Abuso físico Abuso sexual Negligência/abandono Abuso de substâncias |
| Resposta incomum | Presente |
| Rejeição | Presente |
| Modulação emocional | Tristeza/Depressão Raiva/Hostilidade Preocupação/Ansiedade Felicidade/Satisfação Outra emoção |

Fonte: Sotile et al., 1991, p. 7.

A validade é uma propriedade psicométrica necessária aos testes psicológicos e trata daquilo que um instrumento mede e através de que conceitos ele faz isso (Fachel & Camey, 2002). De maneira geral, os testes foram criados para refinar o modo de quantificação dos processos psicológicos e, neste sentido, a validade define-se a partir da

capacidade dos mesmos de fazer inferências precisas sobre o constructo (Urbina, 2007). O julgamento feito por juízes, especialistas na área ou na temática avaliada, do conteúdo de um instrumento ou, no caso de técnicas projetivas, do sistema de categorização de suas respostas, é um método de investigação da validade de conteúdo que, diferentemente dos demais tipos de validade, não é determinado estatisticamente. Dessa forma, as psicólogas e a terapeuta, citadas anteriormente, atuaram como juízes, para realizar, de forma independente, um exame sistemático do conteúdo das categorias de análise do FAT, na sua proposta original (ver Quadro 2), para verificar se essas categorias estavam apropriadas e eram relevantes para avaliar o funcionamento e a estrutura familiar. Para compreender os constructos da teoria sistêmica que compõem o sistema original de avaliação de respostas, as três juízas examinaram os estudos de Buchanan (1987), Gingrich (1987), Lundquist (1987) e Eaton (1988), estudos esses que mostram a evolução do processo de organização do sistema original de categorização das respostas do Teste de Apercepção Familiar (FAT).

Ainda, para qualificar a execução desta etapa, foi realizada a administração do instrumento em 10 crianças e adolescentes, com idade entre 6 e 15 anos (um indivíduo para cada faixa etária). A partir das respostas obtidas para cada uma das lâminas, e da intenção de classificá-las e analisá-las, trabalharam como juízas² sete psicólogas, com experiência em avaliação psicológica, e uma terapeuta de família e casais, promovendo discussões em conjunto e, consensualmente, definiram uma nova configuração de categorias (ver Quadro 3), construída a partir de uma lista pré-determinada de variáveis (ver Quadro 2), baseada nos estudos citados anteriormente (Buchanan, 1987; Gingrich, 1987; Lundquist, 1987; Eaton, 1988), no próprio manual do teste e em um acervo de observações clínicas e teóricas. Concomitantemente a esta ação, o referencial teórico disponível a respeito das categorias definidas foi analisado pelas três primeiras juízas (Haley, 1978; Minuchin, 1982; Calil, 1987; Minuchin & Fishman, 1990; Elkaïm, 1998; Goldbeter-Meinfeld, 1998; Winter, 1998; Olson, 2000; Breitman & Porto, 2001; Vasconcelos, 2002; Walsh, 2002; Werlang, 2002a; Walsh, 2005; Nichols & Schwartz, 2007), buscando sustentação para a conceituação das mesmas, bem como para a definição de quando cada item deve ou não ser assinalado pelo avaliador das respostas às 21 lâminas do FAT.

² Blanca Guevara Werlang, Gabriela Quadros de Lima, Leanira Kesseli Carrasco, Liara Lopes Krüger, Liza Fensterseifer, Mariana Esteves Paranhos, Samantha Dubugras Sá e Vivian Roxo Borges.

Quadro 3. Sistema de categorização das respostas do Teste de Apercepção Familiar (FAT)

| Categorias | Possibilidades de pontuação |
|---------------------------------------|--|
| Conflito | Familiar Conjugal Outros Ausência |
| Tipo de resolução do conflito | Positiva Negativa ou sem resolução Mágica |
| Imposição de limites | Adequada/obediente Adequada/desobediente Inadequada/obediente Inadequada/desobediente |
| Qualidade do relacionamento | Confortável Desconfortável |
| Fronteiras | Nítidas Difusas Rígidas |
| Coalizão | Presente Ausente |
| Relações abusivas | Abuso físico e/ou psicológico Abuso sexual Abuso de substâncias |
| Modulação emocional | Depressão Alegria Raiva Ansiedade |
| Tipo de comunicação | Aberta/clara Fechada/confusa |
| Respostas Incomuns e Rejeições | Resposta incomum Rejeição |
| Circularidade disfuncional (no teste) | Presente Ausente |

Dessa forma, entende-se que os principais conceitos das escolas do pensamento sistêmico fazem parte do sistema de interpretação proposto pelo FAT, uma vez que a premissa básica para uma compreensão sistêmica é que o comportamento de um membro da família só pode ser compreendido como resultado da interação com os demais, e tende a exercer uma função dentro da dinâmica deste grupo, e as lâminas-estímulo exigem, justamente, que o sujeito avaliado se coloque em relação aos outros (Sotile et al., 1991). Retomando pressupostos fundamentais para o entendimento do funcionamento e da estrutura familiar, encontram-se as idéias de Minuchin (1982), Olson (2000), Walsh (2005) e Nichols e Schwartz (2007), para citar apenas alguns, que com seus postulados sobre padrões de regras e papéis, fronteiras que oportunizam o desempenho adequado das

funções de cada membro de uma família, funcionamento de subsistemas (díades, tríades, coalizões), enfrentamento de conflitos e problemas, capacidade de comunicação como mediadora das relações, organizam e sinalizam para os pontos-chave na investigação e avaliação familiar. Neste sentido, o FAT não poderia deixar de abordar, em sua análise, todos estes elementos, reforçando que a avaliação é feita a partir do ponto de vista e da percepção que o sujeito avaliado tem de sua própria família.

Determinadas as categorias que iriam compor o sistema de categorização das respostas dadas ao FAT (ver Quadro 3), procedeu-se à realização de contatos com instituições escolares públicas e privadas das cidades de Belo Horizonte-MG e Porto Alegre-RS, que possuíam alunos com idades entre 06 e 15 anos, para obter a autorização para a testagem dos estudantes. Para a coleta dos dados utilizou-se uma Ficha de Dados Sociodemográficos (ver Anexo E), para caracterização da amostra, contendo itens para registrar informações sobre sexo, idade, escolaridade, composição do núcleo familiar, dados socioeconômicos, entre outros. Para *screening* da capacidade cognitiva dos participantes foi aplicado, de forma individual, o Teste Matrizes Progressivas Coloridas de Raven – Escala Especial (Angelini et al., 1999), para os sujeitos com idade entre 6 e 11 anos e meio, e o Teste Matrizes Progressivas – Escala Geral (Raven, 2003), para os de 11 anos e 7 meses a 15 anos. A administração foi realizada seguindo as instruções usuais que constam dos manuais, prevendo-se uma duração média de 20 a 30 minutos. O escore bruto encontrado foi transformado em percentil, através do uso de uma tabela específica constante do manual dos instrumentos, em associação com a idade do sujeito, para que pudesse ser estimado o nível intelectual de cada participante da amostra. Por fim, aplicou-se o FAT, instrumento-alvo deste estudo, constituído de 21 lâminas, que foram apresentadas uma a uma ao sujeito, em dois encontros. Para cada uma delas o participante elaborou uma história sobre o que estaria ocorrendo, enfatizando que acontecimentos haviam levado àquela situação e qual seria o desfecho, caracterizando-se como uma história com início, meio e fim. Ao final de cada história, quando necessário, foi realizado um inquérito para aprofundar e esclarecer aspectos da narrativa. As histórias contadas foram coletadas em dois encontros individuais, de aproximadamente 30 minutos, sendo as verbalizações gravadas em áudio, com a devida autorização do sujeito.

Previamente à administração dos instrumentos foi encaminhada uma carta aos pais ou responsáveis dos alunos (ver Anexo C), acompanhada da Ficha de Dados Sociodemográficos (ver Anexo E) e de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

(ver Anexo D), com o objetivo de explicar a natureza e a relevância do trabalho a ser desenvolvido, bem como obter (dos pais e/ou responsáveis) autorização de participação da criança ou adolescente. De posse do consentimento de participação e da ficha sociodemográfica, a administração dos instrumentos foi realizada de forma individual, em dois encontros (um para o Teste Raven e 10 lâminas do FAT e outro para as outras 11 lâminas), na própria instituição, durante o período escolar. A coleta dos dados foi seguida da transcrição das histórias de cada criança ou adolescente.

Para verificar a adequação da nova configuração organizada para o sistema de categorização das respostas dadas ao FAT foram colhidas respostas de 30 crianças e adolescentes (15 de Belo Horizonte e 15 de Porto Alegre), dos sexos masculino e feminino, com idades entre 06 e 15 anos, da população geral (não clínica), matriculados em escolas públicas ou privadas, das duas cidades.

Determinadas as categorias que iriam compor o sistema de categorização das respostas dadas ao FAT, as verbalizações das 30 crianças e adolescentes foram escrutinadas de forma independente por duas pesquisadoras, com experiência clínica e em avaliação psicológica,³ visando à verificação da consistência lógica das respostas, com relação ao constructo implícito nas categorias com as quais a resposta se relacionava. Além disso, buscou-se averiguar se as respostas poderiam ser categorizadas conforme as alternativas disponíveis, e se o material permitia a identificação de variáveis descritoras ou categorias não previstas anteriormente, com base na revisão bibliográfica e na teoria consultada.

Dessa forma, foi possível construir um sistema de categorização para analisar as respostas dadas às 21 lâminas do FAT, visando ao levantamento de hipóteses que pudessem ser generalizadas, a respeito do sistema familiar do sujeito testado, através da avaliação de um único membro da família. Com isso, esse sistema de categorização para pontuação do FAT pretende possibilitar uma compreensão dos relacionamentos e processos presentes dentro de uma família, sob várias perspectivas. Neste contexto, destaca-se o intuito de criar um instrumento capaz de avaliar e decodificar dados, tanto com fins de pesquisa, quanto para avaliação clínica.

A seguir, apresenta-se o sistema de categorização das respostas, no qual, para cada aspecto analisado, assinala-se o item ou a alternativa que melhor representa o que está expresso nas histórias contadas a partir de cada lâmina-estímulo. O sistema de

³ Blanca Guevara Werlang e Liza Fensterseifer.

categorização foi organizado sob a forma de glossário, de forma a oferecer conceitos precisos sobre as categorias e suas alternativas de pontuação, possibilitando aos examinadores formular diretrizes claras para a classificação dos itens conflito, tipo de resolução do conflito, imposição de limites, qualidade do relacionamento, fronteiras, coalizão, relações abusivas, modulação emocional, tipo de comunicação, respostas incomuns e rejeições e circularidade disfuncional, com base no referencial sistêmico. Além disso, para cada categoria são apresentados exemplos, que objetivam esclarecer ainda mais o momento em que determinado item deve ser pontuado. Nos Quadros 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13 e 14 podem ser visualizadas as definições operacionais das categorias e subcategorias.

Quadro 4. Definições operacionais da Categoria Conflito

| CATEGORIA 1: CONFLITO |
|---|
| <p>A presença de conflito remete a histórias em que há, em determinada situação, atitudes, sentimentos, desejos, opiniões e/ou ações que são divergentes, discordantes e que evidenciem desentendimentos e desarmonia. Vale destacar que se trata, aqui, de conflitos manifestos, nos quais fica claro o desentendimento entre pessoas, não incluindo questões relacionadas a conflitos intrapsíquicos. Na presença de mais de um tipo de conflito, seguir a ordem de importância (maior representatividade): familiar > conjugal > outros. Esta categoria pode ser classificada em:</p> |
| <p>Familiar: Presença de desentendimento entre dois ou mais membros da família, como, por exemplo, entre irmãos, entre pais e filhos e/ou entre outros membros da família.</p> <p><u>Exemplos:</u> A mãe está vendo a bagunça que o filho fez no quarto e ela está xingando o filho pela bagunça, e fala para ele arrumar a cama, camiseta, livro, meias. O filho fica muito bravo, se chateia, não arruma o quarto e sai batendo a porta. (L.6, menino, 11 anos)</p> <p>São dois irmãos brigando. Eles estavam jogando <i>baseball</i>. Eles brigam porque o irmão mais novo não sabe jogar direito. (L.10, menina, 10 anos)</p> |
| <p>Conjugal: Presença de divergência entre o casal marital, entre marido e esposa. O tema da discussão deve referir-se à relação entre homem e mulher.</p> <p><u>Exemplos:</u> O filho não está com sono, não quer dormir e está escutando a discussão dos pais, que brigam porque a mãe quer sair para jantar e o pai não. (L.7, menino, 11 anos)</p> <p>É uma família jantando e o pai está discutindo com a mãe sobre a festa em que eles foram ontem. Ele disse que ela deu mais atenção para um outro homem do que para ele. As crianças estão tristes porque estão ouvindo. (L.1, menina, 10 anos)</p> |
| <p>Outros: Presença de divergência entre indivíduos que não fazem parte da mesma família, como por exemplo, entre amigos ou colegas de escola. Ou ainda, quando na história houver conflito pessoal (afetivo, profissional, relacionado a auto-estima). Se esta categoria for marcada, conseqüentemente não há como categorizar imposição de limites (3), qualidade do relacionamento (4), fronteiras (5), coalizão (6) e comunicação (9).</p> <p><u>Exemplo:</u> Era uma vez duas amigas. Elas estavam se arrumando para ir numa festa. Daí elas começaram a brigar por causa de um menino que as duas gostavam. Elas discutiram tanto que nem foram mais na festa e nunca mais foram amigas. (L.17, menina, 8 anos)</p> |
| <p>Ausência de Conflito: Ausência de situação, atitudes, sentimentos, desejos, opiniões e/ou ações que são divergentes. Vale lembrar que, mesmo quando não há conflito, as demais categorias de análise podem ser assinaladas.</p> <p><u>Exemplo:</u> Mãe e filha limpando a casa. A mãe falou que elas começariam pelo quarto, depois limpariam a sala e, por fim, arrumariam a cozinha. Elas fizeram desse jeito e ficou bom, a casa ficou bem arrumada. (L.6, menina, 10 anos)</p> |

Cada categoria analisada pelo FAT tem sua importância para a compreensão de uma família, e a identificação da presença ou não de conflitos, sejam eles familiares ou

conjugais, ganha destaque neste cenário. É sabido que a rede de relações que determina e forma a organização de uma família é pré-existente ao sujeito, que mantém a vinculação com seus semelhantes para a satisfação de suas necessidades. Em uma família existem relações conjugais, paterno-filiais, fraternas, sendo que cada uma delas tem um significado diferente para o indivíduo, suprimindo, da mesma forma, necessidades múltiplas e diferenciadas. Cada uma dessas relações e vínculos marca o sujeito e deixa registros em sua história, que o influenciarão por toda a vida, determinando características e padrões de funcionamento (Werlang, 2002a).

Conviver com pessoas diferentes, que têm opiniões e idéias diferentes sobre os eventos não é tarefa fácil e exige recursos adequados para o seu enfrentamento. Estas discordâncias geram conflitos nos quais o que preocupa não é a sua existência, mas a incapacidade de algumas famílias para resolvê-los. Os autores da área são unânimes em afirmar que a funcionalidade e adaptação de uma família não devem ser avaliadas pela ausência de conflitos entre seus membros, mas por sua habilidade em administrá-los (Minuchin, 1982; Olson, 2000; Breitman & Porto, 2001; Walsh, 2005). Famílias funcionais encontrarão formas adequadas para manejar suas dificuldades e problemas, e as disfuncionais, em contrapartida, tenderão a não resolvê-los, ou buscarão formas negativas ou pouco construtivas de enfrentamento.

Considerando-se, então, que as relações estabelecidas no contexto familiar marcam a história e, conseqüentemente, a estruturação e o funcionamento de seus membros, é de se esperar que os padrões estabelecidos perdurem, determinando a forma com que indivíduo irá se movimentar pelas relações e pela vida. Daí a importância de se avaliar o contexto familiar daquele de quem é solicitada uma avaliação psicológica, sendo relevante a possibilidade de identificar a presença de conflitos e o manejo que se faz deles (próxima categoria de análise no sistema de categorização de respostas dadas ao FAT, denominada Tipo de Resolução de Conflitos). A identificação de padrões para a resolução de conflitos é uma informação bastante esclarecedora para uma adequada avaliação familiar.

Quadro 5. Definições operacionais da Categoria Tipo de Resolução do Conflito

| CATEGORIA 2: TIPO DE RESOLUÇÃO DO CONFLITO |
|---|
| Nesta categoria avalia-se a presença ou não de resolução do conflito (capacidade de transformar a dissonância em consonância), assim como as características ou o modo dessa resolução, podendo ser esta assim classificada: |
| <p>Positiva: Os personagens demonstram capacidade de resolver o conflito de forma produtiva, gerando a satisfação dos interesses dos envolvidos, através de ações ou atitudes que sugerem o enfrentamento do conflito.</p> <p><u>Exemplo:</u> A menina foi na sala do diretor do colégio, porque ela estava brigando com uma amiga dela. Então, o diretor conversou com ela, que pensou naquilo e fez as pazes com a amiga dela. (L.19, menino, 13 anos)</p> |
| <p>Negativa ou sem resolução: Os personagens não encontram uma solução adequada ou satisfatória para o conflito existente, optando por ações ou atitudes (paliativas ou negativas) que não geram a satisfação dos interesses dos envolvidos, sugerindo o não-enfrentamento ou mesmo a evitação do conflito.</p> <p><u>Exemplo:</u> Estes dois irmãos estavam jogando <i>baseball</i> quando começaram a brigar para ver quem ia jogar primeiro. Aí o pai veio e decidiu que era o irmão mais velho que tinha o direito de rebater primeiro. Daí ele tomou o taco da mão do mais novo e deu para o outro. (L.10, menino, 12 anos)</p> |
| <p>Mágica: Os personagens resolvem magicamente o conflito manifesto, através de efeitos extraordinários, contrários às leis naturais, da manipulação de forças impessoais, da reparação de infortúnios. A solução identificada é pouco provável, pouco factível e irreal.</p> <p><u>Exemplo:</u> Esta família era muito pobre. O pai e a mãe estavam discutindo na cozinha, porque não tinha dinheiro para comprar nada, eles foram até despejados. A mãe estava cozinhando só água, porque não tinham nada para comer. Mas no fim, eles ganharam na sena, mais de 500 bilhões de reais e puderam comprar tudo o que quiseram. Eles ficaram ricos, milionários. (L.9, menina, 11 anos)</p> |

Quadro 6. Definições operacionais da Categoria Imposição de Limites

| CATEGORIA 3: IMPOSIÇÃO DE LIMITES |
|--|
| Nesta categoria avalia-se a atitude dos pais em relação à imposição (impor, estabelecer, obrigar) de limites para com os filhos, e a aceitação destes em relação aos limites determinados ou impostos pelos pais. A imposição de limites pode ser classificada como: |
| <p>Adequada/Obediente: Descrição adequada da imposição de limites estabelecida pelos personagens pais, e de uma atitude de obediência dos personagens filhos.</p> <p><u>Exemplo:</u> Aqui é uma menina estudando, porque tomou uma recuperação. Os pais determinaram que ela deveria estudar, pois só com estudo a pessoa chega a algum lugar. Ela aceitou o que eles falaram e começou a estudar mais e se sair melhor nas provas. (L.12, menino, 12 anos)</p> |
| <p>Adequada/Desobediente: Descrição adequada da imposição de limites estabelecida pelos personagens pais, e de uma atitude de desobediência dos personagens filhos.</p> <p><u>Exemplo:</u> Aqui está mostrando o menino, e os pais dele sempre dizem que ele deve ir dormir cedo, porque senão fica cansado e não aproveita a escola no outro dia, só que ele não gosta de dormir cedo. Aí ele ligou a televisão e ficou de vigia na porta pra ver se alguém ia chegar, que aí ele ia correr, desligar a TV e ir pra baixo das cobertas, fingir que estava dormindo. (L.7, menino, 12 anos)</p> |
| <p>Inadequada/Obediente: Descrição de uma imposição de limites inadequada por parte dos personagens pais, demonstrando excesso ou falta de limites, e de uma atitude de obediência dos personagens filhos.</p> <p><u>Exemplo:</u> A mãe deles chegou, e ela não gostava daquelas músicas, e por isso deixou eles de castigo no quarto. Depois eles pediram para sair, mas ela não deixou. Eles ficaram quietos no quarto, não reclamaram, e mesmo assim tiveram que ficar lá muito tempo. (L.2, menina, 9 anos)</p> |
| <p>Inadequada/Desobediente: Descrição de uma imposição de limites inadequada por parte dos personagens pais, demonstrando excesso ou falta de limites, e de uma atitude de desobediência dos personagens filhos.</p> <p><u>Exemplo:</u> O menino está no quarto dele, de castigo. Ele não fez um trabalho da escola e a mãe dele descobriu. Aí ela deixou ele trancado no quarto dois dias, sem nem poder comer. Mas ele fugiu pela janela e foi se esconder na casa de um colega. (L.7, menina, 8 anos)</p> |

Entender a forma com que os membros da família reagem uns aos outros, em momentos de conflito, oferece preciosa informação sobre eles próprios. Segundo Haley (1978), mais importante do que avaliar o nível de disfuncionalidade de uma família é avaliar os padrões de relacionamento hierárquico estabelecidos entre seus membros. A capacidade de imposição de limites revela a hierarquia de poder dentro da família, que pode variar de excessivamente rígida a excessivamente complacente. Diferentes estudos apontam a associação entre distúrbios em crianças e adolescentes e a falta ou demasiada imposição de limites pelos pais (O'Connor et al., 1998; Alvarenga & Piccinini, 2001;

Bolsoni-Silva & Marturano, 2002). Os pais e os filhos precisam ter clareza de seu papel e função na família, e limites claros nesta relação são imprescindíveis.

Quadro 7. Definições operacionais da Categoria Qualidade do Relacionamento

| CATEGORIA 4: QUALIDADE DO RELACIONAMENTO |
|--|
| <p>A qualidade do relacionamento familiar é avaliada com base no conforto ou desconforto existente no relacionamento que os membros da família estabelecem uns com os outros. <u>Duas opções podem ser identificadas</u> (pontuadas), uma vez que pode aparecer na história a idéia de que existem membros aliados e membros estressores. Dessa forma, a qualidade do relacionamento pode ser classificada como:</p> |
| <p>Confortável: O(s) membro(s) da família é(são) percebido(s) como unido(s), ligado(s), com afinidade para uma ação comum, como fonte de compreensão, suporte e educação, para qualquer outro membro do grupo familiar. Os membros têm uma relação boa e confortável.</p> <p><u>Exemplo:</u> Este pai e esta filha têm uma relação muito boa, eles sempre foram próximos um do outro. Ele gosta muito da filha e está perto dela, perguntando se ela está se sentindo mal, se está com febre. A filha fica alegre com o apoio que tem do pai. (L.13, menina, 10 anos)</p> |
| <p>Desconfortável: O(s) membro(s) da família é(são) percebido(s) como um estressor (agente de perturbação) para qualquer outro membro do grupo familiar, estabelecendo relações marcadas pelo estresse ou pelo desconforto.</p> <p><u>Exemplo:</u> O pai desta família estava indo viajar. Todos estavam alegres com isso, porque ele vai ficar uma semana fora, e assim, eles vão ter um pouco de paz em casa. O pai é muito nervoso e irritado, e briga com todo mundo, mesmo com quem não fez nada. (L.21, menino, 15 anos)</p> |

Para que possa ser realizada uma avaliação detalhada da família, é necessário que se tenha informações sobre a qualidade das relações estabelecidas dentro dela (Sotile et al., 1991). Cada vez mais tem-se apontado o apoio que o indivíduo encontra no seio de sua família como um fator determinante para sua adequada estruturação psíquica. Walsh (2005), em seus estudos sobre a resiliência, salienta que esta é tecida na rede de relacionamentos e experiências vividas ao longo da vida, e o suporte oferecido pelos membros familiares exerce papel-chave neste processo. A autora utiliza a expressão conexão para se referir ao apoio mútuo, à proteção e à orientação, padrões organizacionais que costumam estar presentes em famílias mais integradas e resilientes.

Olson (2000), por sua vez, faz menção a eventos semelhantes quando aborda a coesão familiar, que tem seu foco em como a família equilibra a separação e a proximidade de seus membros, e pode ser representada pelo vínculo emocional estabelecido entre eles.

O ideal é que os familiares encontrem o apoio necessário para o enfrentamento das dificuldades, vivendo em um nível de coesão nem excessivamente baixo e desengajado, nem excessivamente alto e emaranhado. Com estes apontamentos, toma sentido a investigação, no FAT, da qualidade do relacionamento estabelecido entre os indivíduos, que pode ser baseada no conforto ou no desconforto que sentem na relação.

Quadro 8. Definições operacionais da Categoria Fronteiras

| CATEGORIA 5: FRONTEIRAS |
|--|
| <p>As fronteiras ou os limites de um sistema ou subsistema familiar são as divisórias entre os territórios, físicos e psíquicos, determinados pelas regras que presidem o estabelecimento das relações entre os familiares. As fronteiras têm uma função de distinção interior-exterior, de proteção e diferenciação de subsistemas, bem como de intercâmbio com os subsistemas e com outros sistemas que rodeiam o indivíduo, caracterizando a proximidade ou a distância com que os membros de uma família se relacionam. As fronteiras podem ser classificadas como:</p> |
| <p>Nítidas: Há flexibilidade nas relações, de acordo com as regras: há proximidade entre os familiares, quando necessário, e distanciamento, quando necessário. Os membros da família respeitam mutuamente seus espaços.</p> <p><u>Exemplo:</u> Isso aqui são os pais ensinando à menina o dever de casa, porque ela tira nota ruim no colégio. Aí, agora eles estão vendo todo dia se ela está fazendo o dever de casa certo, e ficam na cola dela. A menina está satisfeita com isso, porque já começou a melhorar na escola, desde que os pais a acompanham de perto. (L.12, menino, 12 anos)</p> |
| <p>Difusas: Os membros da família invadem um o espaço do outro. Os familiares estão tão próximos uns dos outros que não se percebe a fronteira entre os membros, ficando dispersa a delimitação dos espaços e das divisórias entre cada um.</p> <p><u>Exemplo:</u> Aqui é uma mãe e uma filha que estão se arrumando para ir numa boate. Elas são como amigas, e como a mãe é separada ela também sai com a turma da filha e namora os mesmos caras que a filha. A filha considera a mãe como uma irmã, não como mãe, mas às vezes ela sente falta de ter uma mãe. (L.17, menina, 13 anos)</p> |
| <p>Rígidas: Cada membro está tão separado dos demais que não cultiva um sentimento de pertencimento a uma unidade familiar. As divisórias entre os membros e subsistemas da família, e destes com outras pessoas são rigidamente definidas. As fronteiras rígidas impedem trocas, como, por exemplo, a entrada e a saída de integrantes no sistema familiar.</p> <p><u>Exemplo:</u> A menina foi numa loja para comprar um vestido para a formatura dela. Queria muito que a mãe tivesse vindo ajudá-la, mas a mãe não quis e ainda falou: vai te virar sozinha! A menina se sentia muito isolada na família dela, ninguém ligava para ninguém, era sempre cada um por si. (L.4, menina, 12 anos)</p> |

As fronteiras estabelecidas pelas famílias constituem outro tópico fundamental para que se compreenda seu funcionamento, uma vez que são, em grande parte, responsáveis pela forma com que uma família funciona e, justamente por isso, também são analisadas

através do FAT. O que diferencia as famílias são os subsistemas de membros que as compõem, determinados por geração, gênero ou interesses comuns. Cada membro participa e desempenha papéis distintos em cada um dos subsistemas dos quais faz parte, podendo haver, dentro de uma família, díades, tríades e outras alianças e coalizões. O que regula o contato que cada indivíduo ou membro vai ter com o outro, nestes agrupamentos, são as fronteiras, cuja função é proteger a autonomia da família e dos subsistemas, definindo proximidades e hierarquias (Minuchin, 1982; Nichols & Schwartz, 2007).

A qualidade das fronteiras estabelecidas por uma família e por seus subsistemas é determinada pelo padrão de interação entre seus membros, ou seja, por comportamentos padronizados, “governados por regras que definem quem participa em cada subsistema e de que maneira se dá essa participação” (Calil, 1987, p. 34). Em algumas famílias a distância entre os membros é muito tênue, caracterizando a presença de fronteiras difusas. Fronteiras difusas geram pouca diferenciação entre os membros da família, o que oportuniza a excessiva intromissão de uns membros da família no espaço psicológico dos outros, às custas da independência e da autonomia dos indivíduos. Outras famílias têm fronteiras tão rigidamente definidas, que seus membros pouco se comunicam ou relacionam, funcionando de maneira autônoma e desengajada. O distanciamento entre os membros é tão expressivo que estas famílias precisam estar sob intenso estresse para que se mobilizem em apoio mútuo (Minuchin, 1982; Calil, 1987; Minuchin & Fishman, 1990; Nichols & Schwartz, 2007). Dessa forma, para que haja um desenvolvimento familiar normal, é preciso haver uma estrutura familiar funcional, e isso implica, necessariamente, um estabelecimento adequado das fronteiras que separam cada um de seus membros, e que limites sejam definidos e impostos de maneira apropriada.

Quadro 9. Definições operacionais da Categoria Coalizão

| CATEGORIA 6: COALIZÃO |
|--|
| <p>A coalizão (acordo, coligação, fusão para um fim comum) é uma propriedade fundamental das tríades e consiste na aliança de duas pessoas ou unidades sociais, contra uma terceira. As alianças baseiam-se no estabelecimento de um acordo (positivo ou negativo) entre dois dos membros de uma tríade, enquanto o terceiro encontra-se em uma situação de desacordo. A coalizão em uma família pode ser classificada da seguinte forma:</p> |
| <p>Presente: Numa relação triangular, dois membros da tríade estão unidos contra um terceiro, seja protegendo-se deste ou tiranizando-o.</p> <p><u>Exemplos:</u> A mãe e a filha sempre foram muito amigas, mas o pai brigava muito com elas. Ele dizia que elas eram fúteis, que gastavam muito dinheiro, que se preocupavam só com bobagens. E elas eram tão unidas que, às vezes, quando o pai brigava só com a mãe ou só com a filha, querendo até bater nelas, uma sempre defendia a outra. (L.12, menina, 8 anos)</p> <p>O filho e a mãe se dão muito bem. Mas eles não se dão bem como o pai, e por isso o pai nunca está com eles. A mãe sempre diz para o filho que o pai é um inútil, que não serve para nada, e o filho concorda com ela e também fala sempre isso para o pai. (L.8, menino, 10 anos)</p> |
| <p>Ausente: Ausência de coalizões na família.</p> <p><u>Exemplo:</u> Nesta família, que está indo viajar, todos se dão bem e estão felizes. (L.21, menina, 13 anos)</p> |

A coalizão representa o estabelecimento de uma aliança de pelo menos dois membros de uma família, contra um terceiro. Entretanto, uma aliança pressupõe cooperação entre duas partes, algo que não existe na coalizão, caracterizada por arranjos de dois, às custas de um terceiro. Nas famílias sintomáticas, geralmente as coalizões são “geracionais cruzadas”, ou seja, um dos pais une-se a um filho, contra o outro pai (Nichols & Schwartz, 2007). Quando coalizões estão presentes, há que se avaliar a inadequação das fronteiras estabelecidas na família, que por algum motivo não definem de maneira clara e adequada o papel de cada um na dinâmica e estrutura familiares (Minuchin, 1982). Assim como outras categorias de análise, a presença ou ausência de coalizões auxilia na compreensão dos padrões de funcionamento e relacionamento adotados pela família, informação útil para sua compreensão e, quando for o caso, para nortear uma intervenção.

Quadro 10. Definições operacionais da Categoria Relações Abusivas

| CATEGORIA 7: RELAÇÕES ABUSIVAS |
|--|
| <p>As relações abusivas serão pontuadas quando houver, na história do sujeito, algum tipo de abuso contra a família ou componentes dela, como abuso físico (com lesões físicas definidas), maltrato emocional (criança constantemente aterrorizada ou menosprezada), exploração sexual. Podem ser identificados e assinalados mais de um tipo de relações abusivas, que podem ser classificadas como:</p> |
| <p>Abuso físico/ psicológico: Menção ou indicativo de algum tipo de maus-tratos, incluindo abuso físico e/ou psicológico e negligência (abandono, omissão, desatenção) de uma criança, por parte dos personagens pais ou de outro adulto.</p> <p><u>Exemplos:</u> A mãe dele bateu nele e pôs ele de castigo. Ela estava tão estressada com ele que bateu de cinto. (L.3, menina, 9 anos)</p> <p>Neste dia os pais das crianças foram viajar. Primeiro elas ficaram felizes, mas depois viram que eles não voltavam, não voltavam e, no fim, eles não apareceram mais. As crianças passaram até fome, ficaram com medo sozinhas em casa, até que elas tiveram que ir para um orfanato. (L.21, menina, 7 anos)</p> |
| <p>Abuso sexual: Menção ou indicativo de algum tipo de abuso sexual de uma criança, por parte dos personagens pais, outro adulto ou crianças mais velhas. Abuso sexual caracteriza-se por condutas sexuais inadequadas com uma criança, levadas a cabo por um adulto ou criança mais velha.</p> <p><u>Exemplo:</u> Esta menina chegou na delegacia para dar queixa de um vizinho dela, que vinha tentando pegar ela. Neste dia ele pegou e a estuprou. Ela gritou, mas ele disse que queria e a obrigou a fazer sexo com ele. (L.19, menina, 13 anos)</p> |
| <p>Abuso de substâncias: Presença de abuso de álcool e/ou outras drogas, em qualquer caráter, por qualquer um dos personagens.</p> <p><u>Exemplo:</u> O pai da família foi mandado embora do serviço, porque ele voltou lá e foi alcoolizado pro serviço... Era culpa dele ter ido bêbado pra trabalhar. (L.18, menino, 13 anos)</p> |

A presença de relações abusivas entre os membros de uma família é, por si só, um sinal de disfuncionalidade. Histórias que apontem para abuso físico, psicológico ou sexual, e para o uso abusivo de substâncias, tais como álcool e/ou drogas, chamam a atenção para outros processos e padrões de funcionamento que, provavelmente, também estarão inadequados e pouco adaptativos. Sendo assim, esta categoria toma sua relevância no sistema de categorização das respostas dadas ao FAT, pois, se estiver presente, traz consigo a clarificação e a ilustração da disfuncionalidade familiar. Para Nichols e Schwartz (2007), a abordagem dos diferentes tipos de violência que podem acometer uma família caracteriza um dos desafios da terapia familiar no século XXI. A identificação de

comportamentos emocionalmente destrutivos e fisicamente abusivos, marcas registradas da violência intrafamiliar, sinalizam para a forma e a qualidade dos relacionamentos estabelecidos entre seus membros.

Quadro 11. Definições operacionais da Categoria Modulação Emocional

| CATEGORIA 8: MODULAÇÃO EMOCIONAL |
|---|
| <p>Refere-se ao “tom” emocional presente em cada uma das histórias contadas pelo sujeito. É esperado que as histórias contenham modulações emocionais diferentes, demarcando a presença de estados emocionais ou sentimentos, que expressam o estado subjetivo dos personagens ou da história como um todo. A modulação emocional pode ser classificada como:</p> |
| <p>Depressão: Presença de uma modulação emocional marcada por sentimentos depressivos, tais como tristeza, falta de energia, desânimo, prostração.</p> <p><u>Exemplo:</u> A menina estava muito triste e desanimada, porque ela e sua mãe nunca conseguiam chegar a um acordo na hora de comprar uma roupa, e acabava que ela sempre tinha que ceder. Isso a deixava muito triste. (L.4, menina, 11 anos)</p> |
| <p>Alegria: Presença de uma modulação emocional marcada por sentimentos alegres, tais como entusiasmo, vitalidade, felicidade, vigor, dinamismo, disposição.</p> <p><u>Exemplo:</u> Esta família está muito animada, porque eles vão ver um filme juntos. Todos estão chegando e sentando. Faz tempo que eles tentam alugar um filme que queriam muito ver. Finalmente conseguiram. Fizeram até pipoca, e estão todos super animados. (L.5, menino, 14 anos)</p> |
| <p>Raiva: Presença de uma modulação emocional marcada por sentimentos de raiva, tais como competitividade, impulsividade, agressividade, hostilidade.</p> <p><u>Exemplo:</u> A mãe está com raiva de todos os outros, porque ela queria ir para um lugar, mas os outros eram a maioria e decidiram ir para outro lugar. Ela ficou sem falar com ninguém quase toda a viagem, e quando falava era sempre gritando. (L. 18, menina, 9 anos)</p> |
| <p>Ansiedade: Presença de uma modulação emocional marcada por sentimentos de ansiedade, tais como medo, preocupação, angústia, hesitação, receio.</p> <p><u>Exemplo:</u> O menino está olhando para cima, com medo de uns barulhos que está escutando. Ele sempre sente medo quando fica sozinho em casa, quando os pais saem e deixam ele. Ele sempre pensa que alguma coisa ruim vai acontecer e fica preocupado. (L.7, menino, 8 anos)</p> |

O tom emocional presente nas relações estabelecidas e nas experiências vividas pelos membros de uma família tem importante relação com a percepção que estes têm do ambiente que os cerca. Walsh (2005) argumenta que famílias emocionalmente adequadas e integradas, com fortes laços afetivos, tendem a lidar de maneira mais positiva, mesmo com acontecimentos negativos. Diferentemente das outras categorias, que são pontuadas, a modulação emocional apenas assinala para o “clima emocional” que está presente nas

histórias contadas para as lâminas do FAT. É sabido que expressar as emoções de maneira adequada só é possível em um ambiente familiar que se mostra acolhedor e que oferece suporte aos seus membros (Olson, 2000; Walsh, 2005). Assim, identificar o tipo de emoção mais freqüentemente presente na percepção que o sujeito tem de sua família, bem como analisar a adequação desta emoção, em relação à história narrada, geram informações que, somadas às demais, auxiliam na composição e no entendimento da dinâmica familiar.

Quadro 12. Definições operacionais da Categoria Tipo de Comunicação

| CATEGORIA 9: TIPO DE COMUNICAÇÃO |
|--|
| A comunicação diz respeito à capacidade de uma família de discutir ou trocar idéias, de dialogar, com vistas a um bom entendimento entre as pessoas, relacionando-se à transmissão e recepção de mensagens. Esta categoria pode ser classificada em: |
| Aberta/clara: Os membros da família manifestam seus sentimentos e questionamentos sem se sentirem ameaçados, demarcando a existência de uma comunicação aberta, profunda, responsável e afetiva. |
| <u>Exemplo:</u> Aqui é o pai conversando com a filha sobre o relacionamento dos amigos, falando que não pode usar drogas. Está conversando com ela, e ela está achando bom, pois gosta de poder contar com a família para enfrentar as coisas. (L.13, menino, 14 anos) |
| Fechada/confusa: Não há espaço para que os membros da família comuniquem-se. Não há a possibilidade de expressar ou compartilhar sentimentos ou questionamentos. As pessoas sentem-se ameaçadas, demarcando a existência de desentendimentos. |
| <u>Exemplo:</u> A família está jantando. Todos estão calados. Eles nunca conversam, porque um não se preocupa muito com o outro, até porque quando um tenta contar alguma coisa, pedir uma opinião, logo vira briga. Então, melhor mesmo é ficar quieto e não falar nada para ninguém. (L.1, menino, 10 anos) |

A capacidade de comunicação de uma família é um fator importante para avaliação e compreensão desta, pois se sabe que famílias com bom nível de comunicação tendem a ser mais hábeis na resolução de problemas. Assim, a comunicação é entendida como mediadora e facilitadora de muitos outros processos familiares (Olson, 2000; Walsh, 2005). Ter uma boa comunicação implica ser claro, escutar de forma empática e atenta, falar sobre si e sobre os outros, demonstrar respeito e consideração por todos, compartilhar e expressar sentimentos, oportunizando um enfrentamento positivo e cooperativo das dificuldades.

O papel da comunicação nos processos familiares e da boa comunicação na

funcionalidade da família são dados postos e inquestionáveis, por isso é que Minuchin (1982) refere que um dos focos de uma intervenção familiar é ajudar os membros da família a desenvolver suas habilidades de comunicação. Neste sentido é que o FAT analisa o tipo de comunicação estabelecido na família do indivíduo avaliado, verificando se esta é aberta e clara ou fechada e confusa.

Quadro 13. Definições operacionais da Categoria Respostas Incomuns e Rejeições

| CATEGORIA 10: RESPOSTAS INCOMUNS E REJEIÇÕES |
|---|
| Esta categoria diz respeito à presença de alguma resposta incomum ou de rejeição a alguma lâmina. Logo, as classificações possíveis nesta categoria são: |
| Resposta incomum: Distorção no tema do estímulo apresentado (com base nas características da imagem), distante do enredo organizado pela maioria dos sujeitos. <u>Exemplo:</u> Aqui o menino está vendo uma roupa pra jogar futebol com os amigos. A mãe apontou para uma e ele disse: Essa eu quero! Ele colocou e foi jogar futebol com os amigos. (L.6 - da faxina -, menina, 7 anos) |
| Rejeição: Sem reação ao estímulo. Manifestação que denota recusa ou impossibilidade de contar uma história para aquele estímulo. <u>Exemplo:</u> Não sei... Não vejo nada... (L.7, menino, 10 anos) |

A avaliação envolvendo a presença de resposta incomum para determinada lâmina do FAT, ou a rejeição do sujeito à lâmina, certamente aponta para dificuldades ou conflitos para com a temática subjacente à lâmina em questão. No caso de resposta incomum, na qual se observa uma inadequação no conteúdo da história, considerando o estímulo apresentado, Cunha e Nunes (1993) referem que a verbalização do sujeito, nestas situações, pode ter sido influenciada por interferências de origem externa ou interna, tais como ruídos, objetos presentes na sala de aplicação, interrupções. As interferências de origem interna, mais difíceis de controlar, dizem respeito ao mundo interno do sujeito, sua percepção singular, psicológica e simbólica sobre a temática evocada pela lâmina.

Mesmo o FAT não sendo um instrumento que avalia as respostas dos indivíduos sob uma perspectiva psicodinâmica, na qual o externo sempre é compreendido a partir do interno, seus autores (Sotile et al., 1991) acreditam que qualquer instrumento psicológico deve ser sensível a desajustes. Neste sentido, para eles, a identificação de respostas incomuns, aparentemente sem nexo lógico com o que a cena representada na lâmina evoca, bem como de rejeições a determinadas lâminas, é algo que, independentemente do

referencial teórico do teste, oferece material relevante para a compreensão do fenômeno estudado, sinalizando, provavelmente, para a disfuncionalidade da família ou do sujeito avaliado.

Quadro 14. Definições operacionais da Categoria Circularidade Disfuncional

| CATEGORIA 11: CIRCULARIDADE DISFUNCIONAL |
|--|
| Este item será pontuado <u>ao fim do protocolo de levantamento de respostas do sujeito</u> , sendo, portanto, pontuado uma única vez. A circularidade disfuncional diz respeito a ciclos de eventos que ocorrem repetidamente dentro de uma família, sem uma solução adequada. Este item é igualmente pontuado se a reação ao tema de determinada lâmina se repete em outras lâminas, durante a administração do teste. Assim, esta categoria é assinalada como: |
| Presente: Este item será pontuado quando, ao fim do levantamento de todas as histórias contadas pelo sujeito, for possível identificar seqüências, ciclos de acontecimentos disfuncionais. |
| Ausente: Este item será pontuado quando, ao fim do levantamento de todas as histórias contadas pelo sujeito, não for possível identificar seqüências, ciclos de acontecimentos disfuncionais. |

A circularidade disfuncional é um conceito importante para a avaliação de uma família, através da percepção de um de seus membros, pois, como referem Sotile e colegas (1991), através deste elemento pode-se identificar a família presa em uma seqüência repetitiva de comportamentos, em que cada tentativa de resolução só faz perpetuar ainda mais o funcionamento inadaptado e doentio. Esta circularidade de eventos refere-se a um ciclo de retroalimentação que acaba estabelecendo padrões inadequados e disfuncionais na família que, muitas vezes, sem ajuda, não consegue romper com os comportamentos e as estratégias para a resolução dos conflitos de maneira mais pró-ativa e sadia (Fish, Weakland & Segal, 1982).

Nesta mesma direção estão os postulados de Don Jackson, citados por Nichols e Schwartz (2007), que na década de 1950 estudou os sintomas esquizofrênicos de determinados indivíduos e sua interação familiar. Segundo este autor, uma das características mais presentes em todas as famílias é uma relativa constância de funcionamento interno, o que faz com que qualquer unidade comprometida (díade, tríade, grupo familiar maior) tenha padrões redundantes de comportamento, sejam estes adaptados ou não. Assim, o autor descreve que “famílias que procuram terapia podem ser vistas como aprisionadas em um leque muito estreito de opções ou regras desnecessariamente rígidas” (p. 45). Demarca-se, assim, a importância da identificação de padrões disfuncionais de comportamento e funcionamento – leia-se, circularidade disfuncional –, para a

compreensão e, eventualmente, o tratamento de uma família.

Alterações no sistema de categorização original

O sistema de categorização construído no presente estudo, em relação ao original, criado pelos autores do FAT e que consta do manual do instrumento (Sotile et al., 1991), apresenta diferenças quanto a algumas opções de resposta, mudanças estas definidas a partir do estudo da validade de conteúdo, aqui retratado. Nas categorias Conflito e Imposição de Limites, as opções de resposta foram mantidas, tal como constam do manual do teste. Na categoria Tipo de Resolução do Conflito, acrescentou-se a opção “Mágica”, pois as aplicações realizadas mostraram que muitas crianças e adolescentes brasileiros fazem uso do pensamento mágico para resolver os conflitos presentes na história relatada. Isso fica explícito nas histórias em que tudo se encaminha para um desfecho ruim, sem resolução do conflito ou com uma resolução negativa e, de repente, todos vivem felizes para sempre.

Nas categorias Qualidade do Relacionamento, Relações Abusivas e Modulação Emocional diminuiu-se o número de opções de resposta, pois no processo de construção deste sistema de categorização observou-se que algumas respostas geravam confusão aos avaliadores, e poderiam ser agrupadas em uma única opção de resposta. Especialmente na categoria Qualidade do Relacionamento, além da mudança no número de opções de resposta, utilizou-se outra terminologia: os termos aliado ou estressor (Sotile et al., 1991) foram substituídos por confortável ou desconfortável, respectivamente. Esta decisão fundamenta-se em autores da teoria sistêmica (Nichols & Schwartz, 2007), que atribuem a palavra aliado a aliança e coalizões, situações familiares em que há poucos vínculos produtivos. Na opção “relacionamento confortável”, que substituiu a opção “membros aliados”, fica clara a idéia de que não se fala de alianças, e sim do conforto na relação que os membros de uma família estabelecem entre si, informação que realmente se deseja investigar com a categoria Qualidade do Relacionamento.

A Coalizão, que no protocolo original consta como opção de resposta, dentro da categoria Fronteiras, foi considerada como uma categoria separada. A literatura especializada (Minuchin, 1982; Nichols & Schwartz, 2007) faz referência às coalizões como sendo fenômenos vinculados ao estabelecimento de fronteiras em uma família. Entretanto, podem ser entendidas e visualizadas separadamente e, por isso, compuseram uma categoria nova no sistema de categorização das respostas, aqui construído. Dessa

forma, a categoria Fronteiras passou a ter como opções de resposta apenas tipos específicos de fronteiras entre os membros de uma família, tais como, nítidas, difusas ou rígidas (Minuchin, 1982).

A categoria Tipo de Comunicação não consta do manual do teste, tendo sido criada no sistema de categorização construído no presente estudo. Nichols e Schwartz (2007) sustentam a idéia de que o tipo de comunicação estabelecida entre os membros de uma família é um importante indicador de sua saúde ou de sua disfuncionalidade. Daí o seu acréscimo no sistema de categorização das respostas. Por fim, a categoria Circularidade Disfuncional passou a ser avaliada como presente ou ausente não mais em cada história, mas uma única vez, ao fim do protocolo de categorização das respostas dadas ao FAT, pelo fato de este item referir-se a padrões de comportamento/funcionamento, que podem ser mais claramente analisados quando se tem o total de histórias contadas por cada sujeito.

Quanto ao protocolo utilizado para correção e interpretação das histórias contadas para cada uma das lâminas do FAT (ver Anexo G), também houve mudanças em comparação com o original, uma vez que algumas categorias de resposta foram modificadas. Para o preenchimento deste protocolo se encontram listadas, para cada lâmina, todas as possibilidades de resposta em cada categoria; cada caso deverá ser corrigido e pontuado de acordo com os conceitos estabelecidos no sistema de categorização. Assim, em cada categoria (são onze, no total: conflito, tipo de resolução do conflito, imposição de limites, qualidade do relacionamento, fronteiras, coalizão, relações abusivas, modulação emocional, tipo de comunicação, respostas incomuns e rejeições, circularidade disfuncional) deve-se assinalar a opção mais adequada, ou, se não for possível pontuar nada nesta categoria, basta não assinalar nenhuma das opções, deixando em branco as respostas para a mesma.

Nas colunas dos escores é apontado o número de vezes que cada item foi assinalado. Existem duas colunas em que estes números devem ser dispostos: a coluna cinza, em que são relacionados os itens que indicam presença de disfuncionalidade, e a coluna branca, em que são relacionados os itens que não indicam presença de disfuncionalidade. Ao fim, os escores da coluna cinza devem ser somados, gerando um Escore Total de Disfuncionalidade. A única categoria que não entra nesta soma é a “Modulação emocional”, assim como proposto por Sotile e colegas (1991), uma vez que se acredita que sua marcação é subjetiva. A utilidade clínica deste dado – tom emocional das histórias contadas por um sujeito – é inegável, mas incluí-lo na soma dos escores

indicativos de disfuncionalidade é algo complexo e, por isso, optou-se por manter esta categoria excluída da equação que resulta no escore total.

O escore total de disfuncionalidade é um índice composto pela soma de todas as categorias assinaladas, que indicam presença de disfuncionalidade na família (ver Quadro 15). Dessa forma, considerando que o número total deste tipo de categoria é 18, e que isso pode aparecer em 21 lâminas, quanto mais alto for o escore, maior a presença de disfuncionalidade, na percepção que o sujeito avaliado tem da estrutura e do funcionamento de sua família.

Quadro 15. Categorias de resposta que indicam presença ou ausência de disfuncionalidade na família, de acordo com a percepção do sujeito avaliado

| Categorias que indicam a presença de disfuncionalidade na família | | Categorias que indicam a ausência de disfuncionalidade na família | |
|---|--|---|--------------------------------|
| Conflito | Familiar Conjugal | Conflito | Outros Ausência de conflito |
| Tipo de resolução do conflito | Negativa ou sem resolução Mágica | Tipo de resolução do conflito | Positiva |
| Imposição de limites | Adequada/desobediente Inadequada/obediente Inadequada/desobediente | Imposição de limites | Adequada/obediente |
| Qualidade do relacionamento | Desconfortável | Qualidade do relacionamento | Confortável |
| Fronteiras | Difusas Rígidas | Fronteiras | Nítidas |
| Coalizão | Presente | Coalizão | Ausente |
| Relações abusivas | Abuso físico/psicológico Abuso sexual Abuso de substâncias | | |
| Tipo de comunicação | Fechada/confusa | Tipo de comunicação | Aberta/clara |
| Fenômenos especiais | Resposta incomum Rejeição | | |
| Circularidade disfuncional | Presente | Circularidade disfuncional | Ausente |

Ilustra-se, a seguir, um caso de aplicação e avaliação das respostas dadas ao FAT, de acordo com o sistema de categorização apresentado.

Caso Ilustrativo

Identificação: Ana (nome fictício)

Idade: 9 anos

Sexo: Feminino

Escolaridade: 3ª Série Ensino Fundamental – Escola Privada

Informações sobre o caso

Ana é a segunda filha, de um total de três, de um casal de classe média alta. Seus pais têm curso superior e desenvolvem atividades profissionais na área da saúde (pai médico, mãe nutricionista). O irmão mais velho tem 12 anos de idade e frequenta a sexta série na mesma escola que Ana, o irmão mais novo tem 2 anos de idade. A família parece ser bem estruturada e organizada, mas um pouco distante afetivamente. O pai trabalha praticamente o dia inteiro, ficando pouco em casa. A mãe demonstra ser mais presente, mas aparenta uma certa rigidez no trato com os filhos, sendo muito exigente e perfeccionista. Ana nunca foi reprovada na escola, tem rendimento escolar dentro da média, e os professores não têm qualquer queixa a seu respeito. Segundo os pais, Ana é uma criança carinhosa, amorosa, faz amigos com facilidade e é muito sociável. Seus principais interesses são bonecas e jogos de computador, e, além da educação física na escola, Ana pratica natação e faz aulas particulares de inglês. Sobre o comportamento de Ana, os pais referem que a acham um tanto infantilizada, carente, requerendo mais atenção do que o irmão menor, agitada, ansiosa, um tanto desobediente e teimosa. Os pais relatam grande preocupação com o excesso de peso de Ana, fato real – a menina deve estar uns cinco a oito quilos acima do ideal –, mas vivenciado com certo exagero pelos pais, especialmente pela mãe. Os pais, assim como os irmãos de Ana, não apresentam excesso de peso. Os pais também referem que têm percebido Ana mais triste nos últimos tempos.

Observações durante a testagem

No encontro com a menina, ela mostrou-se falante, com vocabulário rico, atenta e curiosa. Relatou que se acha gorda (perguntou à examinadora se a achava gorda), mas que logo vai emagrecer. No Teste Matrizes Progressivas de Raven – Escala Especial, Ana não demonstrou dificuldades, alcançando uma pontuação total de 32 pontos, correspondentes a um percentil 80, o que significa que sua capacidade intelectual e cognitiva está acima da média para sua faixa etária. No FAT, em aproximadamente 45 minutos, Ana contou as histórias com desenvoltura, demonstrando interesse e motivação com a tarefa.

Respostas para as lâminas

Lâmina 1

Todo mundo está sentado na mesa, para almoçar. Todo mundo só pode comer um pouquinho, porque não precisa comer demais. Daí o pai está achando ruim, porque tem pouca comida, mas a mãe diz que tem o suficiente. Que todo mundo vai comer o que precisa. Esta menina aqui, que é a filha, está com cara de quem ainda está com fome, ela queria comer mais. **Como ela se sente com isso?** Com fome, está se sentindo mal, comeu muito pouco. **Como esta história termina?** Termina com todo mundo saindo da mesa com fome, e também não teve sobremesa, porque durante a semana ninguém deve comer doce. **Como é o relacionamento desta família?** É bom, mas às vezes eles brigam e se desentendem, porque um acha uma coisa e o outro acha outra. O pai acha que podiam comer mais e a mãe acha que não.

Lâmina 2

São dois irmãos. Esta menina é mais velha e está pedindo para este daqui colocar um disco para ela. Ele diz que não vai colocar, que já está escutando outra coisa. Daí ela vai falar para a mãe dela. A mãe vai lá e diz para o filho que quando a música dele terminar ele é para colocar a da irmã. Ele diz que sim na frente da mãe, mas depois não coloca. Daí eles começam a brigar. A mãe chega e põe os dois de castigo. **Estes irmãos brigam?** Muito, muito mesmo. Cada um preferia que o outro não existisse. **E daí?** Os dois ficam de castigo, cada um no seu quarto. **E como eles se sentem com isso?** Mal.

Lâmina 3

Este menino deixou um vaso de flores cair no meio do tapete da sala. O pai logo viu e foi ajudar ele, porque eles sabiam que se a mãe chegasse e visse ela ia xingar. Mas enquanto eles estavam tentando arrumar tudo, para ela não perceber nada, a mãe chegou. Ela ficou furiosa, porque o vaso era o predileto dela e o tapete era novo. Ela nem quis escutar o que tinha acontecido, colocou logo o filho de castigo. **Como o menino se sentiu?** Mal, mas sabia que ia ser assim, a mãe nunca escuta. Então, ele já sabia. **Como foi o castigo?** Ficou no quarto, pensando, e mais dois dias sem poder jogar no computador. **Como é o relacionamento desta família?** Nem bom nem ruim, eles nunca conversam uns com os outros. **O que acontece no final?** O menino sai do castigo e vê que se não quer ficar de castigo de novo, precisa ter mais cuidado.

Lâmina 4

A mãe escolheu este vestido para a filha. Ela não gostou e falou para a mãe, mas ela disse que só ia comprar se fosse este. Daí a filha disse que então não queria nada. Foi isso. **A mãe costuma decidir coisas para a filha?** Bastante, ela sempre acha que sabe o que a filha quer, o que é melhor para ela, mas nem sempre é assim. A filha já sabe do que gosta e quer fazer do seu jeito. Mas a mãe não deixa. **E como ela se sente com isso?** Triste, nunca pode fazer nada, a mãe sempre tem que mandar nela. **O que acontece no final?** A filha fica sem ganhar o vestido novo, porque não quis aquele que a mãe escolheu, daí ela não comprou nada.

Lâmina 5

É um pai, uma mãe e três filhos. Eles estavam assistindo alguma coisa na TV quando o canal saiu do ar. A menina está mexendo na TV, mas acho que o problema é no cabo da NET. Como a TV não volta o filho mais velho diz que vai sair com os amigos. O filho

mais novo fica com os pais na sala, conversando, e esta menina, que parece a filha do meio, vai para o quarto dela, mexer nas coisas dela. Ela gosta muito de brincar de boneca, daí junta as bonecas dela e brinca, sozinha no quarto. Ela preferiu ir para o quarto, brincar. **Como acaba esta história?** O pai chama o técnico da NET e a TV volta, daí todo mundo pôde assistir TV de novo. **Como é o relacionamento desta família?** Nem bom nem ruim, normal.

Lâmina 6

O menino perdeu o caderno de ciências, e precisa levar ele para a escola amanhã. Daí ele está revirando o quarto inteiro, para ver se acha. Quando a mãe chega no quarto e vê a bagunça que ele fez, ela fica furiosa. O filho explica que depois vai arrumar tudo, que ele está procurando o caderno. Mas ela não quer nem saber, diz que ele é muito desorganizado, que precisa melhorar, que se fosse mais organizado não perderia o caderno. Acaba que ele não acha mesmo o caderno e tem que ir pra escola no outro dia, sem o material. A professora xinga ele e dá zero. **Como ele se sente?** Triste, porque não sabe onde deixou o caderno e sabe que devia ser mais cuidadoso. **Como é o relacionamento dele com a mãe?** A mãe é braba e como o filho é desorganizado, ela sempre está braba com ele. Ela faz assim porque quer o melhor pra ele.

Lâmina 7

São onze e meia da noite e o menino levanta da cama, porque está com fome. Ele não jantou direito, e não consegue dormir porque está com a barriga vazia. Daí ele escuta para ver se alguém ainda está acordado. Como ele não ouve nada ele vai bem devagar até a cozinha e faz um sanduíche. Para ninguém ver, ele guarda tudo de novo e vai comer lá no quarto dele, em silêncio. Depois que ele come a fome passa e ele consegue dormir. **Por que ninguém poderia vê-lo?** Porque a mãe dele diz que não é certo dormir de barriga cheia, logo depois que comeu. Mas ele estava com fome, se não comesse não ia conseguir dormir. **Se alguém o visse, o que iria acontecer?** Ele ia levar uma bronca, com certeza. **Como é o relacionamento deste menino com a família dele?** Normal.

Lâmina 8

Esta mãe tem três filhos, estes três aqui. Neste dia eles saíram para comprar umas coisas. Este que está na frente parece menor que os outros, por isso que ele está abraçado com ela. O menor sempre fica com a mãe. Os outros dois estão mais atrás, separados. Eles entram na loja e a mãe escolhe um tênis novo para todo mundo. Quando eles saem da loja os filhos que estão atrás começam a rir, porque o irmão menor está com um chiclete grudado no sapato. Daí a mãe xinga eles, dizendo que não podem rir assim do irmão. **Como eles se sentem?** Eles continuam rindo, porque é engraçado mesmo, nem ligam que a mãe não deixa rir do irmão menor. **E ela, o que acha disso?** Ela nem percebe, porque ela só está conversando com o filho da frente. **Como é o relacionamento da mãe com os filhos?** É mais ou menos, porque ela trabalha muito e quando tem tempo sempre fica mais com o menor. Sempre é assim. **Como termina esta história?** Eles voltam para casa e a mãe deixa os dois maiores de castigo, porque eles continuaram rindo. **Que castigo?** Ficar sem computador uma semana. **O que eles acharam disso?** Injusto, porque eles riram de uma coisa que era engraçada mesmo.

Lâmina 9

O pai está lendo para a mãe as notas do filho. Naquele bimestre ele foi muito mal. Lembra que em ciências ele tirou zero no caderno? Pois é, foi mal em tudo. A mãe está fazendo

alguma coisa no fogão e fica muito triste com as notas do filho. Eles não vêem que o filho está atrás da porta, escutando a conversa deles e ficam falando que acham que o filho é burro, que nunca terá notas melhores. O filho fica muito triste e pensa: “eles vão ver, no próximo bimestre eu vou tirar só nota boa!”. Daí é isso que acontece. Ele estuda, se esforça e no outro bimestre mostra as notas, imaginando que os pais vão ficar muito orgulhosos, e ver que ele não é burro, que é muito inteligente. Mas daí os pais nem dão muita bola, acham que ele deve estudar mesmo, que precisa se esforçar. **Como o menino se sente?** Muito triste. **Como ele se dá com os pais dele?** Mal, eles nunca conversam, os pais só trabalham, e nada que ele faz está bom. **O que acontece no final?** O menino continua estudando, porque vê que é melhor, mas nem liga mais para o que os pais dizem.

Lâmina 10

São dois irmãos jogando *baseball*. Este aqui, que está com a luva, que parece ser mais velho, está brigando com o menor, dizendo que ele parece burro, que não sabe jogar. Disse que ele ia ter que sair do time, senão por causa dele eles iam perder. Daí ele saiu e nunca mais jogou. O outro irmão continuou no time e eles foram campeões. **Como este que teve que sair ficou se sentindo?** Triste, porque se o irmão ensinasse para ele, ele também saberia jogar. **E o mais velho, como se sentiu?** Depois ele achou que tinha sido chato com o irmão, mas pelo menos eles ganharam, e o irmão jogava mal mesmo. **Como é o relacionamento deles?** Não são muito amigos, cada um prefere ficar com os seus amigos. Mas depois deste dia eles viram que não precisavam ser assim, inimigos um do outro, e decidiram ser amigos. Este daqui até ensinou o jogo para o outro e os dois começaram a jogar juntos, no mesmo time. E daí eles só ganhavam.

Lâmina 11

A mãe está sentada na sala lendo um livro, e os pais dela também estão ali. Daí o filho quer sair, e a mãe diz que não, que já é tarde. O menino diz que já tinha combinado com os amigos e sai mesmo assim. A mãe grita com ele e diz que se ele for, quando voltar vai ficar de castigo. Ele sai igual. Os avós dizem que a mãe está sendo muito braba, que os filhos precisam sair mesmo, se divertir. Quando o menino volta a mãe está esperando ele para aplicar o castigo, que é um mês sem ir no *shopping*. Ele fica furioso com a mãe e vai para o quarto dele. Daí ele fica um mês só em casa, sem poder ir no *shopping* encontrar os amigos. Vai só na escola. **O que acontece no final?** Quando o castigo acaba ele pode sair de novo, mas a mãe sempre acha um jeito de colocar ele de volta no castigo. **Por quê?** Porque ela acha o filho muito malcriado. **E ele é?** Um pouco, desobedece um pouco, mas ele já é um adolescente, adolescente sempre faz isso. **E como ele se sente?** Mal, fica triste. **Mas ele faz alguma coisa para não ficar sempre de castigo?** Mais ou menos... Ele podia obedecer mais, mas não obedece.

Lâmina 12

O pai e a mãe estão decepcionados com a filha, porque ela não entende o exercício de ciências que precisa fazer. Eles dizem que o irmão dela nunca teve estas dificuldades, que não entendem porque ela não entende, deve ser porque ela é burra ou não presta atenção na aula. Ela tenta explicar que se esforça, mas que o conteúdo é muito difícil, tanto que ela começa a chorar. O pai diz que não precisa chorar por causa disso, e a mãe diz que ela é para parar de fazer drama e estudar. Acaba que ela faz o exercício sem entender mesmo e no outro dia pede para a professora explicar melhor para ela. Daí ela entende. **Como ela se sente?** Mal, queria entender tudo rápido, que nem o irmão dela. **Como é o relacionamento dela com os pais?** Ruim, eles sempre comparam ela com o irmão, e dizem que ele é

sempre melhor que ela. Ela fica muito triste.

Lâmina 13

A filha não está conseguindo dormir, porque está chovendo e ela está com medo. Daí o pai vai no quarto dela e explica que ela não precisa ter medo, que a chuva está lá fora, que dentro de casa ela está segura, não precisa ter medo. Depois disso que ele fala ela fica melhor e consegue dormir. **Como ela se sente?** Estava com medo, mas depois que o pai veio viu que não precisava ter medo e conseguiu dormir. **O pai costuma ir ao quarto dela, como fez neste dia?** Sim, ele é bem carinhoso com ela, eles se dão bem.

Lâmina 14

Eles estão no sítio da família deles, jogando *baseball*. Todo mundo queria jogar, mas o pai só joga com um de cada vez, e agora era a vez desse. Enquanto isso os outros dois ficam ali, esperando. Eles não entendem porque sempre o Marcos (que é este que está jogando) é que começa jogando. Daí começou a chover e eles não puderam mais jogar e, como sempre acontece, só deu tempo para o Marcos jogar. **Como eles se sentiram com isso?** Tristes, queriam ter jogado também, eles acham que dava para todo mundo jogar ao mesmo tempo, mas o pai e o Marcos acham que não. **Como termina esta história?** Como está chovendo eles ficam dentro de casa, assistindo TV. No outro dia eles voltam para casa e os outros dois irmãos ficam sem jogar. **Como é o relacionamento dos filhos com o pai?** O pai prefere o Marcos, porque ele é mais velho, sabe fazer tudo. Os outros dois são menores, então não ficam muito com o pai.

Lâmina 15

Nesta casa são cinco irmãos. É Natal e cada um ganhou muitos presentes. Três irmãos estão jogando um jogo de tabuleiro, mas este daqui, que é o mais velho e por isso, mais esperto, estava roubando, inventando as regras. Estes outros dois estavam ficando brabos e dizendo para ele parar. Ele não parou, está até rindo. Daí eles decidiram parar de jogar, porque com ele roubando não tinha graça. Daí ele disse: “tem graça sim, mas vocês não acham porque estão perdendo!”. Aí pararam de jogar e cada um foi fazer outra coisa. **Como os que estavam perdendo se sentiram?** Brabos, porque eles estavam jogando sério, e não pararam porque estavam perdendo, mas porque o outro estava roubando. **Como é o relacionamento destes irmãos?** São amigos, mas também brigam. Eles têm muita diferença de idade, daí brigam mais.

Lâmina 16

O pai deu um carro de presente para o filho mais velho, quando ele fez 18 anos. Logo ele tirou carteira de motorista e começou a dirigir por aí. Fazia tudo de carro, até levava os irmãos para a escola, de vez em quando. Foi o melhor presente que ele já ganhou. Ele agradeceu muito o pai. Estava muito feliz, ele era um dos únicos da turma dele que tinha carro, daí ele sempre dava carona para todo mundo. **Como é o relacionamento dele com o pai?** É ótimo. **Como termina esta história?** Como o pai viu que o filho ficou muito feliz e cuidava do carro, quando os outros filhos fizeram 18 anos ele deu um carro para eles também.

Lâmina 17

A filha está vendo a mãe se arrumar, porque ela vai sair. A filha acha a mãe muito bonita e um dia ela quer ser como ela. A mãe sempre foi bonita, ela via nas fotos de quando a mãe era jovem. Ela não é nada parecida com a mãe, mas ela queria ser. Daí a mãe sai com o pai

e a menina fica em casa, assistindo TV. **A menina falou para a mãe que ela estava bonita?** Falou e a mãe agradeceu. **Como é o relacionamento delas?** É bom, são amigas. **Como a menina ficou se sentindo por ficar em casa?** Bem, os pais iam num jantar com outros casais, não era programa para ela.

Lâmina 18

É uma família com três filhos. O mais novo e a filha do meio estão brigando, e o mais velho está só olhando. A mãe está com uma cara ruim, acho que ela não queria ir viajar. O pai não está gostando de os filhos estarem brigando, mas não fala nada, só vai dirigindo. Até que de repente a mãe dá um grito, fala que se eles não pararem com aquilo eles iam voltar para casa. Depois disso eles param, porque não queriam ter que voltar. No fim eles chegam no lugar para onde estavam indo, um sítio que eles têm fora da cidade, para passar o fim de semana. Aí eles aproveitam o sítio e no outro dia, domingo, eles voltam, sem dar um pio no carro, para a mãe não xingar. **Como esta família está se sentindo?** A mãe está braba, porque não queria ir e ainda por cima os filhos ficam só brigando. O pai queria ir, então, está achando bom, e os filhos sempre gostam de ir, mas não gostaram de a mãe ter gritado com eles. **Como é o relacionamento desta família?** Não é muito bom. **Por quê?** Não conversam, brigam às vezes, cada um fica no seu canto.

Lâmina 19

A menina foi falar com o pai dela, porque precisava que ele assinasse uma autorização da escola dela. No outro dia a turma dela da escola ia visitar o zoológico, e só podia ir quem trouxesse a autorização assinada e 10 reais. Daí ela explicou isso para o pai e ele deu o dinheiro e assinou o papel. No outro dia ela foi no zoológico com os colegas dela. **Como ela se sentiu?** Feliz, queria muito ir. **Como é o relacionamento dela com o pai?** Bom.

Lâmina 20

É uma menina se vendo no espelho. Ela está se achando gorda e na verdade ela está mesmo. A mãe dela sempre fala pra ela comer menos, que ela está comendo muita porcaria, que vai ficar gorda e feia. Ela se sente muito mal com isso, triste mesmo. Ninguém mais na casa dela é gorda, só ela. Os irmãos são todos magros, e ela é gorda. **Como ela se sente com isso?** Mal, triste, não quer ser gorda, quer ser magra. **E daí, o que acontece?** A mãe dela faz uma dieta para ela, mas ela não consegue comer pouco e não consegue emagrecer. A mãe dela xinga, diz que ela precisa comer menos, mas ela não consegue. **Como é o relacionamento dela com a mãe?** Mais ou menos. A mãe dela acha que ela não emagrece porque não quer, mas ela não consegue. **Como termina esta história?** A menina continua gorda.

Lâmina 21

O pai e a mãe estavam meio brigados. Na hora da janta, ontem, eles tinham discutido na mesa. Daí nesta hora, no outro dia de manhã, os filhos já estavam saindo para a escola quando viram que os dois estavam fazendo as pazes. Eles ficaram muito felizes, porque os pais estão brigando demais. **E por que eles estão brigando?** Sei lá, coisa de marido e mulher, um fica reclamando do outro, estas coisas de casal... **Como acaba esta história?** Os dois fazem as pazes e na hora do almoço eles almoçam em paz, sem o pai e a mãe brigar. **Como é o relacionamento desta família?** Não era muito bom, mas está melhorando, os pais brigavam muito, mas estão parando e daí tudo fica melhor em casa.

JUIZ 1

TESTE DE APERCEÇÃO FAMILIAR – PROTOCOLO DE ESCORES

Nome: Ana

Idade: 9 anos

Data: 13/09/2008

| Categorias | Número de cada lâmina | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | Escores |
|---------------------------------------|-----------------------|-----|---------|---------|---------------|--------|----------------|-----------------|---------|----------|--------|----------------|----------------|-------------|------|--------|-----------|--------|----------|---------|--|-----------|
| | Jantar | Som | Castigo | Vestido | Assistindo TV | Faxina | Andar superior | Shopping center | Cozinha | Baseball | Atraso | Tarefa escolar | Hora de dormir | Brincadeira | Jogo | Chaves | Maquiagem | Viagem | Trabalho | Espelho | Encontro/despedida | |
| Conflito | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Familiar | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 14 |
| Conjugal | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 1 |
| Outros | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 0 |
| Ausência de conflito | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 6 |
| Tipo de resolução do conflito | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Positiva | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 2 |
| Negativa ou sem resolução | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 13 |
| Mágica | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 0 |
| Imposição de limites | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Adequada/obediente | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 2 |
| Adequada/desobediente | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 2 |
| Inadequada/obediente | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 7 |
| Inadequada/desobediente | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 2 |
| Qualidade relacionamento | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Confortável | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 6 |
| Desconfortável | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 13 |
| Fronteiras | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Nítidas | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 7 |
| Difusas | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 0 |
| Rígidas | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 12 |
| Coalizão | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Presente | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 2 |
| Ausente | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 8 |
| Relações abusivas | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Abuso físico/psicológico | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 2 |
| Abuso sexual | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 0 |
| Abuso de substâncias | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 0 |
| Modulação emocional | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Depressão | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 6 |
| Alegria | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 3 |
| Raiva | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 0 |
| Ansiedade | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 4 |
| Tipo de comunicação | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Aberta/clara | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 3 |
| Fechada/confusa | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 12 |
| Respostas incomuns e rejeições | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Resposta incomum | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 0 |
| Rejeição | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 0 |
| Circularidade disfuncional | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Presente | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | 1 |
| Ausente | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | 0 |
| | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | Índice total de disfuncionalidade | 81 |

JUIZ 2

TESTE DE APERCEÇÃO FAMILIAR – PROTOCOLO DE ESCORES

Nome: Ana

Idade: 9 anos

Data: 13/09/2008

| Categorias | Número de cada lâmina | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | Escores |
|---------------------------------------|-----------------------|-----|---------|---------|---------------|--------|----------------|-----------------|---------|----------|--------|----------------|----------------|-------------|------|--------|-----------|--------|----------|---------|--|-----------|
| | Jantar | Som | Castigo | Vestido | Assistindo TV | Faxina | Andar superior | Shopping center | Cozinha | Baseball | Atraso | Tarefa escolar | Hora de dormir | Brincadeira | Jogo | Chaves | Maquiagem | Viagem | Trabalho | Espelho | Encontro/despedida | |
| Conflito | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Familiar | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 14 |
| Conjugal | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 1 |
| Outros | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 0 |
| Ausência de conflito | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 6 |
| Tipo de resolução do conflito | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Positiva | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 2 |
| Negativa ou sem resolução | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 13 |
| Mágica | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 0 |
| Imposição de limites | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Adequada/obediente | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 2 |
| Adequada/desobediente | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 2 |
| Inadequada/obediente | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 7 |
| Inadequada/desobediente | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 2 |
| Qualidade relacionamento | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Confortável | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 6 |
| Desconfortável | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 13 |
| Fronteiras | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Nítidas | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 7 |
| Difusas | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 0 |
| Rígidas | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 12 |
| Coalizão | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Presente | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 2 |
| Ausente | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 8 |
| Relações abusivas | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Abuso físico/psicológico | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 2 |
| Abuso sexual | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 0 |
| Abuso de substâncias | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 0 |
| Modulação emocional | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Depressão | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 6 |
| Alegria | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 3 |
| Raiva | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 0 |
| Ansiedade | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 4 |
| Tipo de comunicação | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Aberta/clara | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 3 |
| Fechada/confusa | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 12 |
| Respostas incomuns e rejeições | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Resposta incomum | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 0 |
| Rejeição | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 0 |
| Circularidade disfuncional | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Presente | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | 1 |
| Ausente | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | Índice total de disfuncionalidade | 81 |

Interpretação dos resultados

Após a categorização das respostas é possível organizar uma síntese dos resultados, seguindo “guias de interpretação”, conforme sugerido por Sotile e colegas (1991). Estes autores destacam algumas perguntas que devem ser feitas sobre o protocolo do sujeito que respondeu ao FAT, visando à integração dos dados encontrados.

Quão extensa é a presença de conflitos?

Em 15 das 21 histórias há presença de algum tipo de conflito.

Que tipo de conflito é mais presente?

Das 15 histórias em que há algum tipo de conflito, em 14 o conflito é familiar e em apenas um o conflito é conjugal. Mais preocupante do que o nível elevado de conflitos é o fato de que em apenas dois deles há uma resolução positiva, o que aponta para uma dificuldade no enfrentamento dos problemas.

Como é o processo familiar típico? Como esta família funciona e se relaciona?

A partir da análise das histórias contadas por Ana foi possível observar o predomínio da percepção de uma família com fronteiras rígidas e papéis excessivamente definidos. A mãe aparece como uma figura dominadora e autoritária. O pai é apresentado como sendo mais disponível afetivamente, mas passivo. A imposição e aceitação de limites tende a ser inadequada, demarcando o desconforto e a falta de proximidade presentes nas relações familiares e, conseqüentemente, a comunicação entre seus membros é falha, havendo pouco espaço para a interação e para o diálogo.

Há indicadores de extrema disfuncionalidade?

O protocolo de Ana aponta, de maneira geral, para a presença de disfuncionalidade. O contexto das histórias gira em torno de conflitos de forma expressiva e em poucas situações vislumbra-se a possibilidade de buscar uma alternativa satisfatória para eles. Em duas ocasiões apareceu algum grau de abuso psicológico, uma vez que Ana retrata nas histórias figuras parentais que desqualificam os filhos, visualizando-os e chamando-os de “burros”. O índice total de disfuncionalidade encontrado no protocolo foi de 81, pontuação que pode ser considerada alta, uma vez que há 18 itens que sinalizam para a presença de elementos disfuncionais, que são analisados em cada uma das 21 lâminas.

Há temas particulares em histórias que apontem para hipóteses clínicas?

O tema da comida, do comer muito ou pouco, aparece em três histórias. A insatisfação e a tristeza nos relacionamentos também ficam evidenciadas nas histórias, uma vez que a modulação emocional predominante é a depressão.

Síntese Final do Caso

Através da análise do protocolo de Ana, parece ser possível afirmar que ela percebe as cenas familiares do FAT inseridas num contexto conflituoso, hostil e pouco acolhedor, com escassos recursos para o enfrentamento das dificuldades e dos problemas. A figura materna é retratada como autoritária, exigente, rígida e pouco afetiva, e os filhos, de maneira geral, como incapazes de atingir as expectativas que esta figura de autoridade lhes impõe. A figura paterna é vista como mais participativa e menos distante afetivamente, mas, ao mesmo tempo, é uma figura passiva e com baixa iniciativa, tendo pouco poder de neutralização da mãe, que é, em última instância, quem realmente decide as coisas na casa. Mesmo em situações em que a figura materna hiperdimensiona um determinado evento, o personagem pai não tem energia para se posicionar de outra forma ou mudar a situação. Em relação às figuras fraternas (irmãos), a personagem principal (que representa a pessoa que conta a história) tende a se sentir menos amada pelos pais e, em muitos momentos preterida, especialmente pelos personagens caçulas. Isso fica acentuado com a percepção de que os irmãos são mais inteligentes e mais magros, características valorizadas pela personagem mãe, na perspectiva da filha. As histórias mostram que as fronteiras que separam os membros da família são extremamente rígidas (ocorrência em 12 de 21 lâminas), tendo cada um seu papel, nada movimentam as pessoas de seus lugares, nem frente à necessidade do(s) outro(s). Neste contexto, o tom emocional mais predominante na família é, por um lado, a tristeza e a depressão, que parecem estar relacionadas à baixa auto-estima de Ana, que nunca acerta, que nunca faz nada direito; por outro, a ansiedade, gerada pela tensão constante presente nas tentativas de ir ao encontro dos desejos e expectativas da mãe e, eventualmente, ser novamente punido e castigado por não os ter alcançado. A comunicação parece ser falha (em 12 lâminas é fechada/confusa), pois não há reciprocidade entre os membros, não há diálogo, há uma percepção de que, quando alguém quer falar, não será escutado. Mesmo quando o indivíduo se manifesta, sente que não adianta, o que, em próximas ocasiões, pode fazer com que nem tente mais falar, pois ele já tem a crença de que não será ouvido. Por fim, é possível entender que Ana percebe-se como um membro pouco aceito e pouco amado em sua família.

A partir desta síntese é possível identificar alguns postulados da teoria sistêmica que sustentam o sistema de categorização do FAT e que são, justamente, a base para a avaliação da estrutura e do funcionamento da família, sob o ponto de vista e a percepção de Ana. De acordo com diferentes autores (Minuchin, 1982; Walsh, 2005; Nichols &

Schwartz, 2007), um importante indicador da saúde de uma família é a sua capacidade para resolver conflitos, e não a ausência destes. Ana identifica seu ambiente familiar como sendo conflituoso e contando com poucos recursos para o enfrentamento dos problemas, resultado que já sinaliza para algum grau de disfuncionalidade. A definição clara de papéis é extremamente importante para o bom funcionamento da família (Minuchin, 1982), entretanto, quando as fronteiras que os determinam são demasiadamente fixas e rígidas, os indivíduos sentem-se “à deriva”, uma vez que não há movimento de um em prol do outro; cada um segue apenas o que as regras que regem a família prescrevem para si. Assim, facilmente os sujeitos podem se sentir pouco apoiados e acolhidos, estabelecendo-se um sentimento de “cada um por si”. Na família de Ana há um aparente distanciamento afetivo entre os membros, que desempenham papéis rigidamente definidos, havendo, conseqüentemente, pouca permeabilidade entre as fronteiras que separam uns dos outros. Finalmente, a falta de comunicação entre os indivíduos, demarcando não apenas uma dificuldade para a conversa e o diálogo, mas para a escuta, e não apenas de fatos, mas especialmente de sentimentos e necessidades, contribui para o distanciamento, o isolamento e a falta de cooperatividade e pró-atividade entre os membros, tanto nas relações cotidianas quanto na resolução das dificuldades (Olson, 2000; Walsh, 2005; Nichols & Schwartz, 2007).

Considerações Finais

A descrição do processo de investigação da validade de conteúdo do sistema de categorização, proposto para a análise das respostas dadas ao FAT, demonstra que tal procedimento não é apenas possível, mas de extrema utilidade para métodos projetivos. Para este tipo de instrumento, um sistema de categorização de respostas bem fundamentado é, justamente, um dos elementos que garante a adequação da análise das respostas do teste e, conseqüentemente, dos resultados produzidos pelo mesmo.

Considerando que as técnicas projetivas são alvo de críticas, em função de suas qualidades psicométricas, oferecer subsídios para seu uso, de maneira sólida e teoricamente fundamentada, torna-se uma ação de extrema relevância e importância. Avaliações psicológicas são empreendidas com a intenção de subsidiar a tomada de decisão e, neste contexto, instrumentos com boas evidências de validade ganham destaque. Assim, o Teste de Apercepção Familiar recebe um *status* diferente, figurando como uma ferramenta útil na avaliação da estrutura e da dinâmica familiar, sob a ótica de um de seus

membros – o sujeito avaliado.

SEÇÃO III

Estudo de fidedignidade entre avaliadores do Teste de Apercepção Familiar – FAT

Introdução

Instrumentos psicológicos existem para aferir, de forma precisa, informações essenciais, tais como padrões de comportamento, traços de personalidade ou a forma com que um indivíduo percebe determinado fenômeno. Para que possam ser considerados e tomados como legítimos e precisos, justificando a confiança que é depositada nos resultados que produzem, os mesmos precisam obedecer a alguns critérios de elaboração e uso. O Conselho Federal de Psicologia (CFP), com a Resolução nº 002/2003 (CFP, 2003), determinou que são requisitos mínimos e obrigatórios para todos os instrumentos de avaliação psicológica, a especificação do constructo que o instrumento em questão pretende avaliar, a caracterização fundamentada na literatura da área, evidências empíricas de validade, de fidedignidade e das propriedades psicométricas dos itens, buscando garantir, assim, a legitimidade da representação do processo psicológico que se quer medir, através dos itens ou estímulos específicos do instrumento. Dessa forma, todo instrumento de avaliação psicológica, psicométrico ou projetivo, antes de ser editado, comercializado e utilizado, deve passar por um exame de suas qualidades psicométricas (CFP, 2007).

Especificamente para as técnicas projetivas, tais exigências podem criar alguns impasses. Macfarlane e Tuddenham (1976) argumentam que não se pode transformá-las em instrumentos psicométricos, pois, considerando requisitos mais estritos, é difícil harmonizar o tipo de abordagem projetiva com certos critérios rígidos e tradicionais da psicometria mais ortodoxa. Desta dificuldade surgem muitas críticas, responsáveis, em parte, por um certo declínio no uso deste tipo de instrumento, apesar de sua popularidade. Em função disso, a tendência é que se mantenham vigentes apenas aquelas que passarem por estudos de fidedignidade e validade. Villemor-Amaral e Pasqualini-Casado (2006) são ainda mais enfáticas, salientando a necessidade de se investir em estudos que trabalhem, especialmente, com a fidedignidade dos sistemas de avaliação e interpretação dos resultados gerados por este tipo de instrumento.

Dentre as qualidades psicométricas exigidas, uma delas é a validade, que pode ser

demonstrada de diferentes formas e se preocupa em saber se um teste realmente avalia aquilo que se propõe a avaliar (Pasquali, 2001, 2003; Fachel & Camey, 2002). Comprova-se a validade de um teste psicométrico estabelecendo ligações entre variáveis, conforme os ditames estatísticos. Nas técnicas projetivas, esta estratégia é contrária à natureza deste tipo de instrumento, que investiga a dinâmica de diferentes elementos em intercorrelação (personalidade, percepção da estrutura familiar, entre outros). Daí a importância do conceito de validade clínica dos instrumentos, através do qual o psicólogo demonstra a validade das informações produzidas, circunstanciando as afirmações por meio de exemplos e observações confirmatórias externas aos instrumentos utilizados (Tavares, 2003). Villemor-Amaral (2008) destaca, além disso, o papel da teoria que respalda o teste em questão, argumentando a favor da validade teórica dos instrumentos. Isso significa que “determinados pressupostos teóricos são, por si mesmos, suficientes para legitimar o uso e a validade de certos métodos de investigação, bem como as inferências e as interpretações extraídas da produção de cada indivíduo” (p. 100).

Um segundo quesito de análise é a fidedignidade, que se refere à homogeneidade do instrumento, e é definida pela estabilidade das respostas de um mesmo sujeito, em aplicações sucessivas, pela concordância entre “juízes”, ao corrigirem e interpretarem protocolos dos mesmos sujeitos, de maneira independente (interpretação às cegas), ou por sua consistência interna. A fidedignidade pode ser apurada através de diferentes técnicas, envolvendo tratamentos estatísticos diferenciados. Para estabelecer a estabilidade temporal do instrumento utiliza-se o método de teste-reteste, que consiste em calcular a correlação existente entre os escores de um mesmo sujeito, no mesmo teste, em ocasiões diferentes. Para este tipo de investigação, alguns cuidados devem ser tomados quanto ao intervalo de tempo adotado entre a primeira e a segunda aplicação do teste, e quanto à influência da maturação do traço que está sendo avaliado; se o instrumento em questão avalia um constructo que amadurece com o passar do tempo, isso, certamente, afetará a análise de comparação entre o teste e o reteste (Pasquali, 2001, 2003; Fachel & Camey, 2002; Urbina, 2007). O emprego deste método de investigação da fidedignidade precisa ser avaliado no caso de técnicas projetivas aperceptivas, pois como Cramer (1999) bem enfatizou, a maioria das pessoas tende a contar uma história diferente, quando vê as lâminas pela segunda vez. Entretanto, destaca-se que não necessariamente as histórias contadas precisam ser as mesmas, em uma segunda ocasião de testagem, mas sim o conteúdo da história e os significados que emergem da análise deste.

Outra forma de avaliação da fidedignidade de um instrumento psicológico é através da verificação de sua consistência interna, que se baseia na idéia de que se os itens individuais de determinada escala ou instrumento medem realmente o mesmo constructo, eles devem estar altamente correlacionados entre si. O coeficiente de fidedignidade que determina a consistência interna do instrumento como um todo é o Coeficiente Alfa de Cronbach. Esta forma de verificação da fidedignidade não é adequada para instrumentos projetivos, pois cada lâmina ou mancha de tinta foi escolhida para eliciar diferentes temas e áreas de conflito, e a resposta dada para cada uma delas não é o mesmo que a escolha de cada um dos itens em um inventário (Fachel & Camey, 2002; Urbina, 2007).

Fica evidente, então, que é preciso contar com um método de investigação da fidedignidade que seja realmente adequado para testes que se baseiam na interpretação do avaliador, em algum grau, tal como os projetivos. Em relação a isso, vários autores (Harrison, 1965; Macfarlane & Tuddenham, 1966; Cramer, 1999; Alves, 2004; Urbina, 2007) são unânimes ao afirmar que a técnica mais utilizada para este fim é a que se baseia na consistência das avaliações feitas por diferentes examinadores. Isso quer dizer que dois ou mais juízes avaliam o protocolo do instrumento em questão, respondido por um sujeito e, posteriormente, estas avaliações são comparadas através do cálculo do grau de concordância entre elas. Bons níveis deste tipo de fidedignidade são encontrados frente a altos índices de correlações entre as avaliações feitas por diferentes avaliadores. Pressupõe-se, então, que quanto maior for a concordância, maior é a fidedignidade do instrumento. Existem diferentes coeficientes capazes de mensurar o grau de concordância entre diferentes avaliadores, tais como o Coeficiente de Concordância de Kendall e o Coeficiente Kappa (Landis & Koch, 1977; Bisquerra, Sarriera & Martinez, 2004). Para este método de investigação, a maneira com que cada examinador avalia o protocolo não pode ser diferente, o que sinaliza para a importância de o juiz ser ou estar devidamente treinado na técnica em questão, fator fundamental para o estudo da fidedignidade.

Neste contexto insere-se o *Family Apperception Test* (FAT), um teste projetivo, desenvolvido nos Estados Unidos, por Sotile, Julian III, Henry e Sotile (1991). O FAT é um instrumento fundamentado na teoria sistêmica e destina-se, principalmente, a crianças e adolescentes entre 06 e 15 anos de idade. Seu objetivo é avaliar, do ponto de vista de quem responde ao teste, o processo de funcionamento e a estrutura familiar e conta, para isso, com a apercção do indivíduo, que é convidado a contar uma história para um conjunto de imagens (lâminas-estímulo), denunciando, assim, dados sobre a natureza de seus

vínculos afetivos, a qualidade de suas relações familiares e a presença de conflitos. A premissa básica de técnicas projetivas é de que o psiquismo nunca produz algo totalmente novo, “pois em toda produção presente encontram-se as marcas dos registros anteriores, que, por associação, dão significado ao que foi percebido agora” (Villemor-Amaral, 2008, p. 107). Isso sinaliza para a idéia de que nenhuma criação parte do zero, não podendo estar desvinculada dos registros mentais e de suas cargas afetivas, conteúdos que “povoam” a vida interna dos indivíduos.

Considerando que é de fundamental importância poder dispor de instrumentos adequados e confiáveis em relação ao que se quer avaliar, e que o FAT pode ser um valioso auxílio para o psicólogo clínico que trabalha com crianças e adolescentes em processos de avaliação psicológica, julga-se pertinente verificar suas qualidades psicométricas, adequando-o à nossa população e realidade. Para isso, esta seção apresenta um estudo de fidedignidade entre avaliadores, no qual diferentes juízes analisaram os mesmos protocolos, de forma a investigar se, a partir do sistema de categorização das respostas proposto para o FAT, havia concordância entre eles, ou seja, se sua avaliação apontava para a mesma direção, sinalizando, conseqüentemente, para o grau de fidedignidade dos resultados produzidos pelo instrumento. Para que este objetivo pudesse ser alcançado desenvolveu-se uma pesquisa quantitativa, de tipo transversal.

Método

Amostra

Para definir o número total de sujeitos deste estudo, calculou-se uma amostra que maximizasse a variância, com um nível de confiança de 95% e um erro máximo de 8%, chegando-se, então, a 160 sujeitos. Esta amostra foi composta por 80 crianças e adolescentes da cidade de Belo Horizonte e 80 da cidade de Porto Alegre. Em cada uma das cidades, estes 80 indivíduos foram organizados a partir dos critérios sexo (masculino ou feminino), tipo de escola (pública ou privada) e idade dos indivíduos (de 6 a 10 anos e de 11 a 15 anos). Para melhor compreensão da organização da amostra, ver Figura 1, na página 23.

Instrumentos para a coleta de dados

A fim de obter dados para caracterização dos participantes, foi utilizada uma Ficha de Dados Sociodemográficos (ver Anexo E), elaborada para uso específico deste estudo e

do projeto maior em que está inserido. A ficha tem itens para registrar informações sobre sexo, idade, escolaridade, composição do núcleo familiar, dados sócio-econômicos, entre outros.

Para excluir casos com suspeita de comprometimento intelectual foi administrado, de forma individual, o Teste Matrizes Progressivas Coloridas de Raven – Escala Especial (Angelini et al., 1999), para os sujeitos com idade entre 6 e 11 anos e meio, e o Teste Matrizes Progressivas – Escala Geral (Raven, 2003), para os de 11 anos e 7 meses a 15 anos. A administração foi realizada seguindo as instruções usuais que constam dos manuais, prevendo-se uma duração média de 20 a 30 minutos. O Teste de Matrizes Progressivas foi desenvolvido originariamente pelo psicólogo J. C. Raven como medida do fator "g" de inteligência, com base no referencial de Charles Spearman. Como uma tarefa a ser cumprida, este instrumento pode ser descrito como um teste de completamento e, em termos do tipo de item, oferece uma escolha entre soluções alternativas (Cunha, 2002). O caderno utilizado é dividido em séries de matrizes ou desenhos que apresentam um problema introdutório, cuja solução é clara, fornecendo um padrão para a tarefa, que se torna progressivamente mais difícil. A Escala Especial compreende três séries (A, Ab, e B) e a Escala Geral cinco séries (A, B, C, D e E). As respostas são classificadas como corretas ou incorretas, e para cada resposta certa o indivíduo recebe um ponto, sendo o total de pontos obtidos o escore do sujeito. Este escore é transformado em percentil, através do uso de uma tabela específica constante do manual deste instrumento, em associação com a idade do sujeito, para que assim se pudesse estimar o nível intelectual de cada participante da amostra.

O instrumento alvo deste estudo foi o Teste de Apercepção Familiar – FAT, organizado por Sotile, Julian III, Henry e Sotile, e publicado pela *Western Psychological Services*, em 1991. O FAT compreende 21 lâminas (Jantar, Som, Castigo, Vestido, Assistindo televisão, Faxina, Andar superior, *Shopping center*, Cozinha, *Baseball*, Atraso, Tarefas escolares, Hora de dormir, Brincadeira, Jogo, Chaves, Maquiagem, Viagem, Trabalho, Espelho e Encontro/Depedida), que são apresentadas uma a uma ao sujeito, em dois encontros. Para cada uma delas o participante deverá elaborar uma história sobre o que está ocorrendo, enfatizando que acontecimentos levaram àquela situação e qual será o desfecho, caracterizando-se como uma história com início, meio e fim. Ao final de cada história é realizado um inquérito para aprofundar e esclarecer aspectos da narrativa. As histórias dadas ao FAT são coletadas em administrações individuais, em dois encontros de

aproximadamente 30 minutos, sendo as verbalizações gravadas em áudio, com a devida autorização do sujeito. O sistema de categorização de respostas utilizado foi o organizado e apresentado na Seção II desta tese (ver Quadro 3, na página 54).

Procedimentos para a coleta de dados

Para o desenvolvimento deste estudo foram realizados contatos com doze escolas públicas e seis privadas da cidade de Belo Horizonte-MG, e de nove escolas públicas e seis privadas da cidade de Porto Alegre-RS, que possuíssem alunos com idades entre 06 e 15 anos, para obter a autorização necessária para a testagem dos estudantes. A coleta dos dados foi realizada após aprovação do projeto maior de pesquisa (em que este estudo está inserido), junto ao Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (ver Anexo B).

Previamente à administração dos instrumentos foi encaminhada uma carta aos pais e/ou responsáveis dos alunos (ver Anexo C), acompanhada de uma Ficha de Dados Sociodemográficos e de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ver Anexos E e D, respectivamente), com o objetivo de explicar a natureza e a relevância do trabalho a ser desenvolvido, bem como obter (dos pais e/ou responsáveis) autorização de participação da criança ou adolescente. De posse do consentimento de participação e da ficha sociodemográfica, a administração dos instrumentos foi realizada de forma individual, em dois encontros (um para o Teste Raven e 10 lâminas do FAT e outro para as outras 11 lâminas), na própria instituição, durante o período escolar. A coleta dos dados foi seguida da transcrição das histórias de cada participante, da compilação e organização dos dados em programas específicos, para processamento posterior.

Procedimentos para a análise dos dados

Para a análise dos dados, três psicólogos clínicos, com experiência em avaliação psicológica, atuaram como juízes (J1, J2 e J3). Cada um deles recebeu as histórias contadas para as lâminas do FAT das 160 crianças e adolescentes, além do sistema de categorização das respostas, no qual constam diretrizes para a análise e pontuação das verbalizações. A avaliação dos juízes para as 21 histórias contadas por cada participante foi registrada em um protocolo específico (ver Anexo G) e realizada de maneira independente.

Após esta etapa, a classificação das respostas feita pelos juízes foi organizada em um banco de dados, para que pudesse ser aplicada a estatística Kappa, do programa

STATA (2005), com o objetivo de verificar o índice de concordância entre os três avaliadores. As comparações foram assim delineadas:

| J1-J2 | J1-J3 | J2-J3 | J1-J2-J3 |
|--------------|--------------|--------------|-----------------|
|--------------|--------------|--------------|-----------------|

Para avaliar os resultados levou-se em conta que a medida de concordância (Kappa) pode adquirir valores escalares de 0 (zero) a 1 (um). Para medidas intermediárias foi utilizada a interpretação seguida por Landis e Koch (1977):

| Valor | Interpretação |
|---------------|----------------------|
| abaixo de 0,0 | Mau |
| 0,00 – 0,20 | Leve |
| 0,21 – 0,40 | Regular |
| 0,41 – 0,60 | Moderado |
| 0,61 – 0,80 | Substancial |
| 0,81 – 1,00 | Quase perfeito |

Resultados

A amostra desta pesquisa foi constituída por 160 crianças e adolescentes, com idade entre 06 e 15 anos ($M = 10,28$; $DP = 2,39$), divididas em igual número em relação à cidade onde residem (80 de Belo Horizonte e 80 de Porto Alegre), ao sexo (80 do sexo masculino e 80 do sexo feminino) e ao tipo de escola (80 freqüentam escolas públicas e 80 escolas privadas). Em relação à série escolar freqüentada pelos participantes do estudo, verificou-se que a grande maioria está entre a 1ª e a 8ª série do Ensino Fundamental, havendo uma distribuição praticamente igualitária entre elas (1,9% na Pré-escola, 10% na 1ª série, 11,9% na 2ª série, 13,8% na 3ª série, 8,1% na 4ª série, 15% na 5ª série, 13,8% na 6ª série, 14,4% na 7ª série, 9,4% na 8ª série e 1,9% no 1º ano do Ensino Médio). Este dado justifica-se, uma vez que constituía critério de inclusão na amostra deste estudo, ter idade entre 06 e 15 anos, faixa etária que normalmente corresponde a alunos de Ensino Fundamental.

Outros dados sociodemográficos foram obtidos através da ficha preenchida por aqueles que participaram deste estudo, e os mesmos revelam que a grande maioria dos estudantes tem um desempenho escolar entre ótimo e bom, segundo seus pais ou responsáveis. A maioria também não repetiu nenhuma série – apenas 9 (5,6%), do total de 160. Em relação ao núcleo familiar dos participantes, observou-se que a quase totalidade

destes reside com os pais e com os irmãos. Em raras exceções há outros membros da família, tais como avós, tios e primos, morando com as crianças e adolescentes pesquisados.

Para definição da classe econômica dos participantes utilizou-se o critério de Classificação Econômica Brasil, publicado pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP, disponível em www.abep.org/codigosguias/ABEP_CCEB.pdf), em 2008. Neste sistema de classificação é considerada a posse de itens como televisão em cores, rádio, banheiro, carro, dentre outros, e são distribuídos pontos de acordo com o grau de instrução do chefe da família. Assim, chega-se a uma soma de pontos que representa a classe econômica ao qual pertence o indivíduo. Considerando, então, uma escala que tem como valor mínimo o zero, e máximo o 46, a distribuição dos 80 participantes de Belo Horizonte e Porto Alegre, no que diz respeito à este quesito, pode ser observada na Tabela 4. No que diz respeito à renda familiar mensal dos participantes, não houve diferença entre as duas cidades, e 6,3% recebem até 1 salário mínimo, 23,7% de 1 a 3, 24,4% de 3 a 5, 44,3% acima de 5 salários mínimos e 1,3% não informaram.

Tabela 4. Distribuição em termos de frequência e porcentagem da classe econômica dos participantes, nas cidades de Belo Horizonte e Porto Alegre (n=160)

| Classe Econômica | Belo Horizonte | | Porto Alegre | |
|------------------|----------------|------|--------------|------|
| | f | % | f | % |
| A1 | 1 | 1,3 | 1 | 1,3 |
| A2 | 19 | 23,7 | 14 | 17,5 |
| B1 | 10 | 12,5 | 14 | 17,5 |
| B2 | 22 | 27,5 | 19 | 23,7 |
| C1 | 14 | 17,5 | 18 | 22,5 |
| C2 | 8 | 10 | 9 | 11,2 |
| D | 6 | 7,5 | 5 | 6,3 |
| Total | 80 | 100 | 80 | 100 |

Quanto à presença de doenças físicas ou psicológicas, dos 160 participantes, 7 (4,3%) sofrem de doenças respiratórias (asma, bronquite) ou de algum tipo de alergia, como a rinite, e 15 (9,3%) fazem uso de anti-histamínicos, medicamentos indicados para o tratamento destes quadros patológicos. Dentre os indivíduos que constituíram a amostra não há menção à presença de transtornos psicológicos; 4 (2,5%) fazem psicoterapia com um psicólogo, porém, sem especificar o motivo.

Para a verificação da fidedignidade entre avaliadores, calculou-se o índice de concordância entre os três juízes que categorizaram e classificaram as respostas de maneira independente, baseados no sistema de categorização proposto e registrando suas avaliações em um protocolo específico. Os resultados observados em cada uma das categorias de análise, nas 21 lâminas do FAT, podem ser visualizados nas Tabelas a seguir.

Tabela 5. Sumário do resultado da medida de concordância entre J1-J2, J1-J3, J2-J3 e J1-J2-J3, em todas as 10 categorias, na Lâmina 1 (n=160)

| Categorias | Avaliadores | Kappa | P |
|--------------------------------|--------------------|--------------|----------|
| Conflito | J1-J2 | 0,99 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,97 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,99 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,98 | <0,001 |
| Tipo de resolução de conflito | J1-J2 | 0,98 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,98 | <0,001 |
| | J2-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,98 | <0,001 |
| Imposição de limites | J1-J2 | 0,85 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,94 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,91 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,90 | <0,001 |
| Qualidade do relacionamento | J1-J2 | 0,96 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,95 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,95 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,95 | <0,001 |
| Fronteiras | J1-J2 | 0,88 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,87 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,92 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,89 | <0,001 |
| Coalizão | J1-J2 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J2-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 1,0 | <0,001 |
| Relações abusivas | J1-J2 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J2-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 1,0 | <0,001 |
| Modulação emocional | J1-J2 | 0,95 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,94 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,94 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,95 | <0,001 |
| Tipo de comunicação | J1-J2 | 0,93 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,92 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,93 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,92 | <0,001 |
| Respostas incomuns e rejeições | J1-J2 | 0,79 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,79 | <0,001 |
| | J2-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,87 | <0,001 |

Tabela 6. Sumário do resultado da medida de concordância entre J1-J2, J1-J3, J2-J3 e J1-J2-J3, em todas as 10 categorias, na Lâmina 2 (n=160)

| Categorias | Avaliadores | Kappa | P |
|--------------------------------|--------------------|--------------|----------|
| Conflito | J1-J2 | 0,93 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,96 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,97 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,95 | <0,001 |
| Tipo de resolução de conflito | J1-J2 | 0,96 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,96 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,96 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,96 | <0,001 |
| Imposição de limites | J1-J2 | 0,95 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,92 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,96 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,94 | <0,001 |
| Qualidade do relacionamento | J1-J2 | 0,90 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,89 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,96 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,92 | <0,001 |
| Fronteiras | J1-J2 | 0,87 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,89 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,96 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,90 | <0,001 |
| Coalizão | J1-J2 | 0,93 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,93 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,95 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,94 | <0,001 |
| Relações abusivas | J1-J2 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J2-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 1,0 | <0,001 |
| Modulação emocional | J1-J2 | 0,96 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,94 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,93 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,94 | <0,001 |
| Tipo de comunicação | J1-J2 | 0,92 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,89 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,94 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,92 | <0,001 |
| Respostas incomuns e rejeições | J1-J2 | 0,92 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,90 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,96 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,92 | <0,001 |

Tabela 7. Sumário do resultado da medida de concordância entre J1-J2, J1-J3, J2-J3 e J1-J2-J3, em todas as 10 categorias, na Lâmina 3 (n=160)

| Categorias | Avaliadores | Kappa | P |
|--------------------------------|--------------------|--------------|----------|
| Conflito | J1-J2 | 0,98 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,98 | <0,001 |
| | J2-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,98 | <0,001 |
| Tipo de resolução de conflito | J1-J2 | 0,96 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,97 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,98 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,97 | <0,001 |
| Imposição de limites | J1-J2 | 0,91 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,95 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,93 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,93 | <0,001 |
| Qualidade do relacionamento | J1-J2 | 0,89 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,89 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,97 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,92 | <0,001 |
| Fronteiras | J1-J2 | 0,89 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,89 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,96 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,91 | <0,001 |
| Coalizão | J1-J2 | 0,98 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,97 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,98 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,98 | <0,001 |
| Relações abusivas | J1-J2 | 0,88 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,90 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,90 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,89 | <0,001 |
| Modulação emocional | J1-J2 | 0,98 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,95 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,97 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,96 | <0,001 |
| Tipo de comunicação | J1-J2 | 0,91 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,89 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,91 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,90 | <0,001 |
| Respostas incomuns e rejeições | J1-J2 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,85 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,85 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,89 | <0,001 |

Tabela 8. Sumário do resultado da medida de concordância entre J1-J2, J1-J3, J2-J3 e J1-J2-J3, em todas as 10 categorias, na Lâmina 4 (n=160)

| Categorias | Avaliadores | Kappa | P |
|--------------------------------|--------------------|--------------|----------|
| Conflito | J1-J2 | 0,96 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,96 | <0,001 |
| | J2-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,98 | <0,001 |
| Tipo de resolução de conflito | J1-J2 | 0,98 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,98 | <0,001 |
| | J2-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,98 | <0,001 |
| Imposição de limites | J1-J2 | 0,96 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,96 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,97 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,96 | <0,001 |
| Qualidade do relacionamento | J1-J2 | 0,93 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,91 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,95 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,93 | <0,001 |
| Fronteiras | J1-J2 | 0,95 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,93 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,97 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,95 | <0,001 |
| Coalizão | J1-J2 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,98 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,98 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,99 | <0,001 |
| Relações abusivas | J1-J2 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J2-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 1,0 | <0,001 |
| Modulação emocional | J1-J2 | 0,94 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,89 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,94 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,92 | <0,001 |
| Tipo de comunicação | J1-J2 | 0,94 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,97 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,96 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,96 | <0,001 |
| Respostas incomuns e rejeições | J1-J2 | 0,96 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,92 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,98 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,95 | <0,001 |

Tabela 9. Sumário do resultado da medida de concordância entre J1-J2, J1-J3, J2-J3 e J1-J2-J3, em todas as 10 categorias, na Lâmina 5 (n=160)

| Categorias | Avaliadores | Kappa | P |
|--------------------------------|--------------------|--------------|----------|
| Conflito | J1-J2 | 0,94 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,94 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,97 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,95 | <0,001 |
| Tipo de resolução de conflito | J1-J2 | 0,96 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,95 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,96 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,96 | <0,001 |
| Imposição de limites | J1-J2 | 0,94 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,96 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,94 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,95 | <0,001 |
| Qualidade do relacionamento | J1-J2 | 0,88 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,92 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,94 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,91 | <0,001 |
| Fronteiras | J1-J2 | 0,95 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,92 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,94 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,94 | <0,001 |
| Coalizão | J1-J2 | 0,85 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,92 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,92 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,89 | <0,001 |
| Relações abusivas | J1-J2 | 0,92 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,95 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,96 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,94 | <0,001 |
| Modulação emocional | J1-J2 | 0,95 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,95 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,93 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,94 | <0,001 |
| Tipo de comunicação | J1-J2 | 0,83 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,84 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,87 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,85 | <0,001 |
| Respostas incomuns e rejeições | J1-J2 | 0,96 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,92 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,85 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,91 | <0,001 |

Tabela 10. Sumário do resultado da medida de concordância entre J1-J2, J1-J3, J2-J3 e J1-J2-J3, em todas as 10 categorias, na Lâmina 6 (n=160)

| Categorias | Avaliadores | Kappa | P |
|--------------------------------|--------------------|--------------|----------|
| Conflito | J1-J2 | 0,96 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,96 | <0,001 |
| | J2-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,96 | <0,001 |
| Tipo de resolução de conflito | J1-J2 | 0,96 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,96 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,97 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,96 | <0,001 |
| Imposição de limites | J1-J2 | 0,94 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,95 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,94 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,95 | <0,001 |
| Qualidade do relacionamento | J1-J2 | 0,91 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,92 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,96 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,93 | <0,001 |
| Fronteiras | J1-J2 | 0,95 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,94 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,98 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,96 | <0,001 |
| Coalizão | J1-J2 | 0,95 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,98 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,96 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,96 | <0,001 |
| Relações abusivas | J1-J2 | 0,85 | <0,001 |
| | J1-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,85 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,90 | <0,001 |
| Modulação emocional | J1-J2 | 0,95 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,97 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,95 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,96 | <0,001 |
| Tipo de comunicação | J1-J2 | 0,92 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,95 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,94 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,94 | <0,001 |
| Respostas incomuns e rejeições | J1-J2 | 0,92 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,92 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,94 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,92 | <0,001 |

Tabela 11. Sumário do resultado da medida de concordância entre J1-J2, J1-J3, J2-J3 e J1-J2-J3, em todas as 10 categorias, na Lâmina 7 (n=160)

| Categorias | Avaliadores | Kappa | P |
|--------------------------------|--------------------|--------------|----------|
| Conflito | J1-J2 | 0,96 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,90 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,98 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,96 | <0,001 |
| Tipo de resolução de conflito | J1-J2 | 0,97 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,96 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,99 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,97 | <0,001 |
| Imposição de limites | J1-J2 | 0,95 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,94 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,98 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,96 | <0,001 |
| Qualidade do relacionamento | J1-J2 | 0,94 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,94 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,95 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,94 | <0,001 |
| Fronteiras | J1-J2 | 0,96 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,94 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,97 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,96 | <0,001 |
| Coalizão | J1-J2 | 0,96 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,98 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,97 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,97 | <0,001 |
| Relações abusivas | J1-J2 | 0,98 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,92 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,95 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,94 | <0,001 |
| Modulação emocional | J1-J2 | 0,91 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,96 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,95 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,94 | <0,001 |
| Tipo de comunicação | J1-J2 | 0,94 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,91 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,96 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,94 | <0,001 |
| Respostas incomuns e rejeições | J1-J2 | 0,91 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,95 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,95 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,94 | <0,001 |

Tabela 12. Sumário do resultado da medida de concordância entre J1-J2, J1-J3, J2-J3 e J1-J2-J3, em todas as 10 categorias, na Lâmina 8 (n=160)

| Categorias | Avaliadores | Kappa | P |
|--------------------------------|--------------------|--------------|----------|
| Conflito | J1-J2 | 0,96 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,96 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,97 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,98 | <0,001 |
| Tipo de resolução de conflito | J1-J2 | 0,98 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,98 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,96 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,97 | <0,001 |
| Imposição de limites | J1-J2 | 0,92 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,92 | <0,001 |
| | J2-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,94 | <0,001 |
| Qualidade do relacionamento | J1-J2 | 0,97 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,94 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,96 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,96 | <0,001 |
| Fronteiras | J1-J2 | 0,89 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,85 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,88 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,87 | <0,001 |
| Coalizão | J1-J2 | 0,94 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,98 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,92 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,95 | <0,001 |
| Relações abusivas | J1-J2 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J2-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 1,0 | <0,001 |
| Modulação emocional | J1-J2 | 0,94 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,93 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,93 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,93 | <0,001 |
| Tipo de comunicação | J1-J2 | 0,94 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,87 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,89 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,90 | <0,001 |
| Respostas incomuns e rejeições | J1-J2 | 0,90 | <0,001 |
| | J1-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,90 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,93 | <0,001 |

Tabela 13. Sumário do resultado da medida de concordância entre J1-J2, J1-J3, J2-J3 e J1-J2-J3, em todas as 10 categorias, na Lâmina 9 (n=160)

| Categorias | Avaliadores | Kappa | P |
|--------------------------------|--------------------|--------------|----------|
| Conflito | J1-J2 | 0,90 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,92 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,96 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,95 | <0,001 |
| Tipo de resolução de conflito | J1-J2 | 0,96 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,98 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,98 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,97 | <0,001 |
| Imposição de limites | J1-J2 | 0,90 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,94 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,96 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,93 | <0,001 |
| Qualidade do relacionamento | J1-J2 | 0,93 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,93 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,94 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,93 | <0,001 |
| Fronteiras | J1-J2 | 0,93 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,93 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,95 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,94 | <0,001 |
| Coalizão | J1-J2 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J2-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 1,0 | <0,001 |
| Relações abusivas | J1-J2 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J2-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 1,0 | <0,001 |
| Modulação emocional | J1-J2 | 0,94 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,95 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,96 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,95 | <0,001 |
| Tipo de comunicação | J1-J2 | 0,94 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,96 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,93 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,95 | <0,001 |
| Respostas incomuns e rejeições | J1-J2 | 0,93 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,87 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,93 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,91 | <0,001 |

Tabela 14. Sumário do resultado da medida de concordância entre J1-J2, J1-J3, J2-J3 e J1-J2-J3, em todas as 10 categorias, na Lâmina 10 (n=160)

| Categorias | Avaliadores | Kappa | P |
|--------------------------------|--------------------|--------------|----------|
| Conflito | J1-J2 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J2-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 1,0 | <0,001 |
| Tipo de resolução de conflito | J1-J2 | 0,99 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,99 | <0,001 |
| | J2-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,99 | <0,001 |
| Imposição de limites | J1-J2 | 0,88 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,79 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,71 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,79 | <0,001 |
| Qualidade do relacionamento | J1-J2 | 0,90 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,88 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,94 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,91 | <0,001 |
| Fronteiras | J1-J2 | 0,95 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,86 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,91 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,90 | <0,001 |
| Coalizão | J1-J2 | 0,92 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,97 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,95 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,95 | <0,001 |
| Relações abusivas | J1-J2 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J2-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 1,0 | <0,001 |
| Modulação emocional | J1-J2 | 0,94 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,96 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,97 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,96 | <0,001 |
| Tipo de comunicação | J1-J2 | 0,93 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,93 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,93 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,93 | <0,001 |
| Respostas incomuns e rejeições | J1-J2 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J2-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 1,0 | <0,001 |

Tabela 15. Sumário do resultado da medida de concordância entre J1-J2, J1-J3, J2-J3 e J1-J2-J3, em todas as 10 categorias, na Lâmina 11 (n=160)

| Categorias | Avaliadores | Kappa | P |
|--------------------------------|--------------------|--------------|----------|
| Conflito | J1-J2 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J2-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 1,0 | <0,001 |
| Tipo de resolução de conflito | J1-J2 | 0,99 | <0,001 |
| | J1-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,99 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,99 | <0,001 |
| Imposição de limites | J1-J2 | 0,95 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,96 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,99 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,97 | <0,001 |
| Qualidade do relacionamento | J1-J2 | 0,95 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,96 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,94 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,95 | <0,001 |
| Fronteiras | J1-J2 | 0,97 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,94 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,94 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,95 | <0,001 |
| Coalizão | J1-J2 | 0,95 | <0,001 |
| | J1-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,95 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,96 | <0,001 |
| Relações abusivas | J1-J2 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,96 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,96 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,97 | <0,001 |
| Modulação emocional | J1-J2 | 0,95 | <0,001 |
| | J1-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,95 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,97 | <0,001 |
| Tipo de comunicação | J1-J2 | 0,96 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,95 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,96 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,96 | <0,001 |
| Respostas incomuns e rejeições | J1-J2 | 0,88 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,88 | <0,001 |
| | J2-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,92 | <0,001 |

Tabela 16. Sumário do resultado da medida de concordância entre J1-J2, J1-J3, J2-J3 e J1-J2-J3, em todas as 10 categorias, na Lâmina 12 (n=160)

| Categorias | Avaliadores | Kappa | P |
|--------------------------------|--------------------|--------------|----------|
| Conflito | J1-J2 | 0,98 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,98 | <0,001 |
| | J2-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,99 | <0,001 |
| Tipo de resolução de conflito | J1-J2 | 0,98 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,98 | <0,001 |
| | J2-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,98 | <0,001 |
| Imposição de limites | J1-J2 | 0,94 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,94 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,97 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,95 | <0,001 |
| Qualidade do relacionamento | J1-J2 | 0,95 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,97 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,94 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,95 | <0,001 |
| Fronteiras | J1-J2 | 0,94 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,92 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,97 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,94 | <0,001 |
| Coalizão | J1-J2 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J2-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 1,0 | <0,001 |
| Relações abusivas | J1-J2 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J2-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 1,0 | <0,001 |
| Modulação emocional | J1-J2 | 0,91 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,95 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,91 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,92 | <0,001 |
| Tipo de comunicação | J1-J2 | 0,95 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,94 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,92 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,94 | <0,001 |
| Respostas incomuns e rejeições | J1-J2 | 0,87 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,93 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,93 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,91 | <0,001 |

Tabela 17. Sumário do resultado da medida de concordância entre J1-J2, J1-J3, J2-J3 e J1-J2-J3, em todas as 10 categorias, na Lâmina 13 (n=160)

| Categorias | Avaliadores | Kappa | P |
|--------------------------------|--------------------|--------------|----------|
| Conflito | J1-J2 | 0,98 | <0,001 |
| | J1-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,98 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,99 | <0,001 |
| Tipo de resolução de conflito | J1-J2 | 0,97 | <0,001 |
| | J1-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,97 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,98 | <0,001 |
| Imposição de limites | J1-J2 | 0,87 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,93 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,91 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,90 | <0,001 |
| Qualidade do relacionamento | J1-J2 | 0,93 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,91 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,96 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,93 | <0,001 |
| Fronteiras | J1-J2 | 0,90 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,94 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,93 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,92 | <0,001 |
| Coalizão | J1-J2 | 0,96 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,98 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,97 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,97 | <0,001 |
| Relações abusivas | J1-J2 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J2-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 1,0 | <0,001 |
| Modulação emocional | J1-J2 | 0,95 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,97 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,95 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,96 | <0,001 |
| Tipo de comunicação | J1-J2 | 0,93 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,97 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,91 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,94 | <0,001 |
| Respostas incomuns e rejeições | J1-J2 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J2-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 1,0 | <0,001 |

Tabela 18. Sumário do resultado da medida de concordância entre J1-J2, J1-J3, J2-J3 e J1-J2-J3, em todas as 10 categorias, na Lâmina 14 (n=160)

| Categorias | Avaliadores | Kappa | P |
|--------------------------------|--------------------|--------------|----------|
| Conflito | J1-J2 | 0,98 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,98 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,97 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,98 | <0,001 |
| Tipo de resolução de conflito | J1-J2 | 0,98 | <0,001 |
| | J1-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,98 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,99 | <0,001 |
| Imposição de limites | J1-J2 | 0,87 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,93 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,87 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,89 | <0,001 |
| Qualidade do relacionamento | J1-J2 | 0,92 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,94 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,95 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,94 | <0,001 |
| Fronteiras | J1-J2 | 0,92 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,95 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,90 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,92 | <0,001 |
| Coalizão | J1-J2 | 0,87 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,93 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,93 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,91 | <0,001 |
| Relações abusivas | J1-J2 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J2-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 1,0 | <0,001 |
| Modulação emocional | J1-J2 | 0,91 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,92 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,90 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,91 | <0,001 |
| Tipo de comunicação | J1-J2 | 0,96 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,94 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,94 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,94 | <0,001 |
| Respostas incomuns e rejeições | J1-J2 | 0,92 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,92 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,96 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,93 | <0,001 |

Tabela 19. Sumário do resultado da medida de concordância entre J1-J2, J1-J3, J2-J3 e J1-J2-J3, em todas as 10 categorias, na Lâmina 15 (n=160)

| Categorias | Avaliadores | Kappa | P |
|--------------------------------|--------------------|--------------|----------|
| Conflito | J1-J2 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J2-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 1,0 | <0,001 |
| Tipo de resolução de conflito | J1-J2 | 0,98 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,98 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,99 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,98 | <0,001 |
| Imposição de limites | J1-J2 | 0,92 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,90 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,98 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,93 | <0,001 |
| Qualidade do relacionamento | J1-J2 | 0,95 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,96 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,98 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,97 | <0,001 |
| Fronteiras | J1-J2 | 0,89 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,92 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,93 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,91 | <0,001 |
| Coalizão | J1-J2 | 0,91 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,88 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,87 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,92 | <0,001 |
| Relações abusivas | J1-J2 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J2-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 1,0 | <0,001 |
| Modulação emocional | J1-J2 | 0,95 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,95 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,95 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,95 | <0,001 |
| Tipo de comunicação | J1-J2 | 0,89 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,92 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,91 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,91 | <0,001 |
| Respostas incomuns e rejeições | J1-J2 | 0,96 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,94 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,94 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,94 | <0,001 |

Tabela 20. Sumário do resultado da medida de concordância entre J1-J2, J1-J3, J2-J3 e J1-J2-J3, em todas as 10 categorias, na Lâmina 16 (n=160)

| Categorias | Avaliadores | Kappa | P |
|--------------------------------|--------------------|--------------|----------|
| Conflito | J1-J2 | 0,98 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,98 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,99 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,98 | <0,001 |
| Tipo de resolução de conflito | J1-J2 | 0,97 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,98 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,99 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,98 | <0,001 |
| Imposição de limites | J1-J2 | 0,98 | <0,001 |
| | J1-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,98 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,99 | <0,001 |
| Qualidade do relacionamento | J1-J2 | 0,91 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,94 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,94 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,93 | <0,001 |
| Fronteiras | J1-J2 | 0,95 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,95 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,95 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,95 | <0,001 |
| Coalizão | J1-J2 | 0,97 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,97 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,97 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,97 | <0,001 |
| Relações abusivas | J1-J2 | 0,85 | <0,001 |
| | J1-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,85 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,90 | <0,001 |
| Modulação emocional | J1-J2 | 0,94 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,92 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,92 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,93 | <0,001 |
| Tipo de comunicação | J1-J2 | 0,97 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,93 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,96 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,95 | <0,001 |
| Respostas incomuns e rejeições | J1-J2 | 0,89 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,92 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,90 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,90 | <0,001 |

Tabela 21. Sumário do resultado da medida de concordância entre J1-J2, J1-J3, J2-J3 e J1-J2-J3, em todas as 10 categorias, na Lâmina 17 (n=160)

| Categorias | Avaliadores | Kappa | P |
|--------------------------------|--------------------|--------------|----------|
| Conflito | J1-J2 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J2-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 1,0 | <0,001 |
| Tipo de resolução de conflito | J1-J2 | 0,99 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,96 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,95 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,97 | <0,001 |
| Imposição de limites | J1-J2 | 0,91 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,93 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,97 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,94 | <0,001 |
| Qualidade do relacionamento | J1-J2 | 0,89 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,95 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,94 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,92 | <0,001 |
| Fronteiras | J1-J2 | 0,98 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,97 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,95 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,97 | <0,001 |
| Coalizão | J1-J2 | 0,98 | <0,001 |
| | J1-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,98 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,99 | <0,001 |
| Relações abusivas | J1-J2 | 0,99 | <0,001 |
| | J1-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,99 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,99 | <0,001 |
| Modulação emocional | J1-J2 | 0,90 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,95 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,93 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,93 | <0,001 |
| Tipo de comunicação | J1-J2 | 0,94 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,96 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,94 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,95 | <0,001 |
| Respostas incomuns e rejeições | J1-J2 | 0,89 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,87 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,89 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,88 | <0,001 |

Tabela 22. Sumário do resultado da medida de concordância entre J1-J2, J1-J3, J2-J3 e J1-J2-J3, em todas as 10 categorias, na Lâmina 18 (n=160)

| Categorias | Avaliadores | Kappa | P |
|--------------------------------|--------------------|--------------|----------|
| Conflito | J1-J2 | 0,92 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,90 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,98 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,93 | <0,001 |
| Tipo de resolução de conflito | J1-J2 | 0,93 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,94 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,95 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,94 | <0,001 |
| Imposição de limites | J1-J2 | 0,93 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,93 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,96 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,94 | <0,001 |
| Qualidade do relacionamento | J1-J2 | 0,95 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,95 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,95 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,95 | <0,001 |
| Fronteiras | J1-J2 | 0,94 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,95 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,95 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,95 | <0,001 |
| Coalizão | J1-J2 | 0,95 | <0,001 |
| | J1-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,95 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,96 | <0,001 |
| Relações abusivas | J1-J2 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,85 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,85 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,89 | <0,001 |
| Modulação emocional | J1-J2 | 0,93 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,93 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,92 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,93 | <0,001 |
| Tipo de comunicação | J1-J2 | 0,88 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,91 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,90 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,90 | <0,001 |
| Respostas incomuns e rejeições | J1-J2 | 0,93 | <0,001 |
| | J1-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,93 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,95 | <0,001 |

Tabela 23. Sumário do resultado da medida de concordância entre J1-J2, J1-J3, J2-J3 e J1-J2-J3, em todas as 10 categorias, na Lâmina 19 (n=160)

| Categorias | Avaliadores | Kappa | P |
|--------------------------------|--------------------|--------------|----------|
| Conflito | J1-J2 | 0,99 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,97 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,97 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,98 | <0,001 |
| Tipo de resolução de conflito | J1-J2 | 0,94 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,96 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,94 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,94 | <0,001 |
| Imposição de limites | J1-J2 | 0,98 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,97 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,98 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,98 | <0,001 |
| Qualidade do relacionamento | J1-J2 | 0,95 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,97 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,97 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,96 | <0,001 |
| Fronteiras | J1-J2 | 0,95 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,96 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,94 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,95 | <0,001 |
| Coalizão | J1-J2 | 0,98 | <0,001 |
| | J1-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,98 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,99 | <0,001 |
| Relações abusivas | J1-J2 | 0,94 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,94 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,90 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,92 | <0,001 |
| Modulação emocional | J1-J2 | 0,90 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,95 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,90 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,92 | <0,001 |
| Tipo de comunicação | J1-J2 | 0,93 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,92 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,94 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,93 | <0,001 |
| Respostas incomuns e rejeições | J1-J2 | 0,96 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,94 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,89 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,93 | <0,001 |

Tabela 24. Sumário do resultado da medida de concordância entre J1-J2, J1-J3, J2-J3 e J1-J2-J3, em todas as 10 categorias, na Lâmina 20 (n=160)

| Categorias | Avaliadores | Kappa | P |
|--------------------------------|--------------------|--------------|----------|
| Conflito | J1-J2 | 0,92 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,95 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,96 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,96 | <0,001 |
| Tipo de resolução de conflito | J1-J2 | 0,94 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,93 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,94 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,94 | <0,001 |
| Imposição de limites | J1-J2 | 0,91 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,91 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,91 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,91 | <0,001 |
| Qualidade do relacionamento | J1-J2 | 0,84 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,89 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,91 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,88 | <0,001 |
| Fronteiras | J1-J2 | 0,91 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,86 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,92 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,90 | <0,001 |
| Coalizão | J1-J2 | 0,97 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,98 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,98 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,98 | <0,001 |
| Relações abusivas | J1-J2 | 0,99 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,99 | <0,001 |
| | J2-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,99 | <0,001 |
| Modulação emocional | J1-J2 | 0,94 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,92 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,91 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,92 | <0,001 |
| Tipo de comunicação | J1-J2 | 0,91 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,88 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,93 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,91 | <0,001 |
| Respostas incomuns e rejeições | J1-J2 | 0,91 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,89 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,90 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,87 | <0,001 |

Tabela 25. Sumário do resultado da medida de concordância entre J1-J2, J1-J3, J2-J3 e J1-J2-J3, em todas as 10 categorias, na Lâmina 21 (n=160)

| Categorias | Avaliadores | Kappa | P |
|--------------------------------|--------------------|--------------|----------|
| Conflito | J1-J2 | 0,97 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,97 | <0,001 |
| | J2-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,99 | <0,001 |
| Tipo de resolução de conflito | J1-J2 | 0,98 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,97 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,98 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,98 | <0,001 |
| Imposição de limites | J1-J2 | 0,96 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,89 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,92 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,92 | <0,001 |
| Qualidade do relacionamento | J1-J2 | 0,92 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,96 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,93 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,94 | <0,001 |
| Fronteiras | J1-J2 | 0,94 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,96 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,98 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,96 | <0,001 |
| Coalizão | J1-J2 | 0,82 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,90 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,76 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,82 | <0,001 |
| Relações abusivas | J1-J2 | 0,94 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,94 | <0,001 |
| | J2-J3 | 1,0 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,96 | <0,001 |
| Modulação emocional | J1-J2 | 0,95 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,96 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,94 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,95 | <0,001 |
| Tipo de comunicação | J1-J2 | 0,90 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,90 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,90 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,90 | <0,001 |
| Respostas incomuns e rejeições | J1-J2 | 0,85 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,89 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,82 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,85 | <0,001 |

Tabela 26. Sumário do resultado da medida de concordância entre J1-J2, J1-J3, J2-J3 e J1-J2-J3, em todo o teste, na categoria Circularidade Disfuncional (n=160)

| Categorias | Avaliadores | Kappa | P |
|----------------------------|--------------------|--------------|----------|
| Circularidade disfuncional | J1-J2 | 0,81 | <0,001 |
| | J1-J3 | 0,84 | <0,001 |
| | J2-J3 | 0,83 | <0,001 |
| | J1-J2-J3 | 0,83 | <0,001 |

Tabela 27. Sumário do resultado da medida de concordância entre os juízes em cada uma das 10 categorias, considerando todas as 21 lâminas (n=160)

| Categorias | Kappa | P | Grau de concordância |
|--------------------------------|--------------|----------|-----------------------------|
| Conflito | 0,96 | <0,001 | Quase perfeita |
| Tipo de resolução de conflito | 0,96 | <0,001 | Quase perfeita |
| Imposição de limites | 0,92 | <0,001 | Quase perfeita |
| Qualidade do relacionamento | 0,92 | <0,001 | Quase perfeita |
| Fronteiras | 0,92 | <0,001 | Quase perfeita |
| Coalizão | 0,93 | <0,001 | Quase perfeita |
| Relações abusivas | 0,95 | <0,001 | Quase perfeita |
| Modulação emocional | 0,93 | <0,001 | Quase perfeita |
| Tipo de comunicação | 0,91 | <0,001 | Quase perfeita |
| Respostas incomuns e rejeições | 0,91 | <0,001 | Quase perfeita |

As Tabelas 5 a 26 apresentam o nível de concordância atingido em cada uma das categorias analisadas, lâmina por lâmina, assim como na categoria circularidade disfuncional, avaliada uma vez em cada protocolo, e a Tabela 27 apresenta o nível geral de concordância entre os juízes, em cada uma das 10 categorias de análise. Considerando que a medida de concordância pode variar entre 0 e 1, sendo que 0 (zero) representa uma concordância ruim, ou mesmo a ausência de concordância, e 1 (um) uma concordância perfeita, a partir dos resultados obtidos é possível dizer que eles foram altamente satisfatórios, uma vez que a concordância alcançada foi substancial em algumas categorias, e quase perfeita na grande maioria delas. Isso significa que os três psicólogos que atuaram como juízes concordaram quase que integralmente em suas avaliações, o que aponta para a adequação do sistema de categorização construído e desenvolvido para a análise das respostas dadas ao FAT. É possível dizer, igualmente, que os profissionais que atuaram

como juízes entenderam o sistema de categorização proposto, trabalhando adequadamente com ele. Vale ressaltar que os três têm experiência em avaliação psicológica e no uso de técnicas projetivas, concordaram em participar de um treinamento para análise e pontuação dos protocolos do FAT, assim como se dispuseram a estudar o referencial sistêmico, base teórica do instrumento. A associação de altos índices de fidedignidade entre avaliadores com a experiência e o adequado treinamento do avaliador, no papel de juiz, é mencionada e destacada por diferentes autores (Harrison, 1965; Macfarlane & Tuddenham, 1966; Cramer, 1999; Alves, 2004). A única forma de garantir que examinadores distintos interpretem um mesmo protocolo de maneira semelhante é certificando-se de que eles partirão do mesmo ponto, e para isso, bom conhecimento e compreensão do sistema de categorização das respostas são fundamentais.

Em relação à identificação da presença de circularidade disfuncional (ver conceito no Quadro 14, na página 70), em 26 protocolos (16,25%) os três juízes concordaram com a avaliação que aponta para a presença desta categoria. É interessante salientar que as 160 crianças e/ou adolescentes que participaram deste estudo pertencem à população geral, pois através da Ficha de Dados Sociodemográficos, preenchida por suas famílias, não houve informações que indicassem a presença de psicopatologias. Isso significa que mesmo em indivíduos da população geral é possível haver algum nível de percepção ou mesmo de um funcionamento que indique a presença de disfuncionalidade na família. Dado que se associa a este e contribui para que se reflita sobre esse resultado é o fato de que em aproximadamente 70% dos conflitos familiares a resolução foi positiva; ou seja, pode até haver recorrência e repetição de conflitos nas histórias, mas o que realmente deve preocupar é a dificuldade para resolvê-los, e não a sua simples presença. Dessa forma, reforça-se a idéia de que o problema não é ter problemas, mas sim, não conseguir enfrentá-los. A disfuncionalidade de uma família atesta-se por sua inabilidade e incapacidade de buscar estratégias para o enfrentamento das adversidades, e não pela quantidade das mesmas (Minuchin, 1982; Olson, 2000; Walsh, 2005; Nichols & Schwartz, 2007).

Através das análises dos juízes foi possível perceber que as histórias contadas para as 21 lâminas estão em consonância com a descrição temática das mesmas (ver Quadro 1, nas páginas 50 e 51), realizada pelos autores do FAT (Sotile et al., 1991). As lâminas que mais evocaram os conflitos familiares foram a 1 (Jantar), a 3 (Castigo), a 6 (Faxina), a 9 (Cozinha) e a 18 (Viagem); as lâminas 10 (*Baseball*) e 20 (Espelho) são as que mais evocam outros tipos de conflito, tais como com amigos e/ou colegas, e consigo mesmo.

Com estes dados podem ir se delineando caminhos para, por exemplo, aplicações reduzidas do FAT, que visem à investigação de questões pontuais. Para isso, clareza nos conteúdos evocados por cada lâmina é de grande relevância.

O último dado oferecido pelo FAT é um escore de disfuncionalidade, produzido pela soma dos itens disfuncionais presentes nas histórias contadas pelos indivíduos (para mais detalhes sobre itens pontuados ou não como disfuncionais, ver Quadro 15, na página 73). O manual original do instrumento (Sotile et al., 1991) não apresenta indicações claras a respeito de como manejar e interpretar estas informações. Uma referência importante é a de que há 18 itens no sistema de categorização das respostas do FAT que sinalizam para a presença de elementos disfuncionais, e eles são analisados em cada uma das 21 lâminas. Considerando, novamente, que a amostra desta pesquisa foi constituída por sujeitos da população geral, entende-se por que em apenas 12 protocolos o escore de disfuncionalidade tenha sido superior a 50 pontos. Assim, é possível pensar que este escore funciona como uma medida mais objetiva e geral do grau de disfuncionalidade percebido pelo indivíduo avaliado, em sua família; porém, ele em nada se compara com a riqueza dos dados analisados um a um. A utilidade do FAT não está, certamente, no fato de oferecer um escore para a disfuncionalidade dos processos vividos dentro de um sistema familiar, mas sim por fornecer dados sobre a percepção que um de seus integrantes tem sobre o funcionamento e a estrutura de sua família, valendo-se, para isso, de uma das principais características e pontos positivos das técnicas projetivas: a possibilidade de falar de si e de sua percepção de mundo sem censura e sem “ameaças”, uma vez que, até prova em contrário, o sujeito está, simplesmente, inventando uma história para uma cena.

Conclusões

Os seres humanos vivem em interação com outras pessoas e, neste contexto, a família tem um papel de destaque, pois é nela e em constante relação com ela que os indivíduos se constroem e se constituem como identidades singulares, como sujeitos. É na e da família que os mesmos adotam modelos, referências em que se espelham. O FAT enuncia-se como um elo de ligação entre o individual e o familiar, oportunizando novas perspectivas para o processo de avaliação de determinada pessoa, e os resultados encontrados e apresentados no presente estudo sinalizam para a adequada adaptação deste instrumento à realidade brasileira. A partir de um sistema sólido e fundamentado de categorização das respostas chegou-se a índices altamente satisfatórios na investigação da

fidedignidade entre avaliadores.

A importância de se ter à disposição instrumentos psicológicos confiáveis reside, principalmente, no fato de que eles representam ferramentas auxiliares na coleta de dados sobre um sujeito, que juntamente com as demais informações obtidas e organizadas pelo psicólogo, auxiliam na compreensão do problema estudado, de forma a facilitar a tomada de decisões, objetivo-fim dos processos de avaliação. Além disso, para o profissional da área de avaliação psicológica, um dos principais desafios é realizar julgamentos clínicos de forma segura e profunda a respeito do sujeito que está avaliando, e para isso, contar com instrumentos adequados é condição necessária. Neste cenário é que a investigação da fidedignidade torna-se primordial, pois ela busca atestar o grau de precisão da medida, no momento em que pretende garantir que a quantidade de erros presente nos resultados de determinado teste seja pequena, oferecendo maior confiança e certeza ao profissional.

Cabe salientar que do material coletado ainda podem ser extraídos outros resultados que contribuirão, igualmente, para a consolidação das propriedades psicométricas do FAT e, conseqüentemente, de seu *status* de técnica projetiva com significativa utilidade em avaliações clínicas. Um passo importante em direção à validação deste instrumento foi dado no presente estudo, e o esforço em adaptá-lo e qualificá-lo firma-se e encontra justificativas nas hipóteses que podem ser levantadas sobre o sistema familiar do indivíduo testado, através do FAT. A ampliação da compreensão dos processos vividos em uma família é peça-chave para o entendimento do papel que ela tem no surgimento e na manutenção dos sintomas de seus integrantes. É justamente para isso que o FAT pode oferecer valiosas informações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS DA TESE

Atualmente, muito se tem falado sobre a necessidade e a importância de se qualificar os instrumentos psicológicos, entendidos estes como uma das ferramentas utilizadas pelos psicólogos na avaliação dos indivíduos, com diferentes objetivos e em circunstâncias e contextos variados, visando, conseqüentemente, ao aprimoramento da qualidade dos serviços prestados à sociedade. Através da Resolução nº 002/2003, o CFP obrigou a classe profissional a tomar nas mãos a responsabilidade pela qualidade dos testes e técnicas utilizados. Assim, mais do que nunca tem sido oportuno empreender esforços em prol da investigação das propriedades psicométricas dos instrumentos.

Avaliar um sujeito, em toda a sua complexidade e diversidade, não é tarefa fácil. Os testes e métodos psicológicos figuram neste cenário como uma das formas de apreender alguns dos aspectos que constituem e determinam cada indivíduo avaliado. De um lado, testes psicométricos, que “medem” traços e estados, propondo-se, verdadeiramente, a quantificar determinado fenômeno ou processo psicológico; de outro, técnicas projetivas, que se detêm menos em medidas e mais na possibilidade de compreensão do sujeito, gerando dados e informações sobre os mesmos traços e estados, porém agregando-lhes um adjetivo, uma qualidade, mais do que uma quantidade. Essas técnicas surgem, então, como forma de análise e apreensão de fenômenos psíquicos de difícil mensuração, calcando-se, para isso, em sólido respaldo teórico. Ao se concordar com isso, enfrenta-se, naturalmente, um impasse: se esses dois tipos de instrumentos forem considerados, em essência, distintos, as estratégias para a validação de ambos certamente não poderão ser as mesmas. E é justamente aí que se origina grande parte das críticas às técnicas projetivas.

É certo que, como bem salientou Villemor-Amaral (2008), a comprovação da validade de certos procedimentos diagnósticos ainda representa um desafio e exige investimento na área, especialmente na atualidade, em que se vive sob o “imperativo ético de se chegar a conclusões confiáveis, fidedignas e, sobretudo, úteis” (p. 99). Logo, as dificuldades na investigação das propriedades psicométricas das técnicas projetivas não deve constituir motivo para abandoná-las, pois, se existem autores que crêem em sua “morte”, há, em contrapartida, aqueles que acreditam veementemente em sua perenidade, fundamentados em sua grande utilidade no contexto clínico.

A intenção de conhecer e compreender o sujeito ganha novos contornos quando se considera que cada indivíduo organiza e estrutura sua vida mental e sua personalidade a partir da construção de significados e conexões singulares com os outros e com o mundo externo, tecendo uma trama que lhe é não apenas única, mas própria. As técnicas projetivas, como ferramentas de acesso a este simbolismo psíquico, denunciam que tudo que se encontra em uma pessoa não está lá por acaso, tudo possui um significado, pois o que parece insignificante cobre-se de significados quando apresentado no contexto em que foi vivido, e justamente por isso contém, geralmente, a chave para sua interpretação (Augras, 1998). A dificuldade de capturar, através da expressão verbal, o mundo simbólico de cada indivíduo é, em parte, suplantada pelo uso de técnicas projetivas que possibilitam que o sujeito revele e “fale” de seu mundo psíquico e de sua realidade pessoal.

Com estes apontamentos, ficam ilustrados alguns dos elementos que documentam e atestam o *status* dos instrumentos de caráter projetivo na atualidade; e, neste panorama, a possibilidade de os psicólogos poderem contar com mais uma técnica projetiva sem seu repertório é auspiciosa. O *Family Apperception Test* (FAT), alvo do estudo desta tese de doutorado representa, justamente, esta possibilidade, figurando como elemento de ligação entre a avaliação individual e familiar.

Um dos principais desafios do FAT é a idéia de se trabalhar a projeção em uma teoria que não é a psicanalítica. Como o termo foi introduzido na área da Psicologia por Freud, historicamente ele tem suas raízes fortemente assentadas na psicanálise. Em função disso, a designação de projetivo parece obrigar o pesquisador a partir de um referencial teórico básico, alicerçado na idéia de que, por tratar-se do fenômeno da projeção, automaticamente as técnicas só pudessem ser consideradas pela vertente da psicanálise. Entretanto discussões têm sido feitas sobre a possibilidade da utilização de técnicas que se fundamentam no conceito de projeção, assim como postulado pela psicanálise freudiana, mas submetendo-as à luz de outras abordagens teóricas, tais como a *gestalt*, a transacional, a humanista-existencial e a sistêmica.

No momento em que as técnicas projetivas colocam o sujeito frente a uma tarefa que precisa ser realizada, é preciso que ele lance mão de recursos próprios, construindo, a partir de seu mundo interno, um sentido para a tarefa, fazendo uso não apenas da projeção, mas da percepção e da cognição. Assim, o avaliador obtém uma medida do funcionamento do indivíduo sem, necessariamente, recorrer à sua compreensão intrapsíquica e inconsciente. Nesta direção, o Teste de Apercepção Familiar propõe que as histórias

contadas para cada lâmina sejam analisadas à luz de pressupostos da teoria sistêmica, tais como existência de conflito, capacidade de resolução do conflito, estabelecimento de fronteiras e comunicação. É certo que isso representa um desafio, mas as experiências e estudos apresentados nesta tese sinalizam para a importância de se assumir a tarefa de adaptá-lo e qualificá-lo para o uso em nossa realidade, investindo esforços. E mais, com os resultados obtidos, vislumbra-se a idéia de que é possível trabalhar com uma técnica projetiva de referencial sistêmico, a partir de um sistema sólido de análise e categorização das respostas produzidas pela mesma, gerando informações úteis, especialmente para a prática clínica. Dessa forma, a possibilidade de se ter em mãos um instrumento que possa avaliar a influência de variáveis de ordem familiar na dinâmica e, eventualmente, nos sintomas de um indivíduo, legitima e justifica o interesse por este instrumento.

Assim como toda pesquisa, esta também tem suas limitações e fragilidades, tal como o fato de se ter trabalhado com uma amostra constituída por indivíduos de apenas duas cidades distintas, o que traz algumas particularidades e regionalismos para os dados. Entretanto, pode-se pensar que a identificação e o contato com esta diversidade já representam um importante ensaio na adequação e adaptação do FAT a diferentes populações. Outro ponto que merece destaque é o fato de que estudos das qualidades psicométricas dos instrumentos psicológicos consolidam-se com a investigação de diferentes tipos de validade e fidedignidade, através de técnicas distintas. Na presente tese foram contempladas apenas algumas destas estratégias. Por isso, sugere-se a aplicação do FAT em crianças e adolescentes da população clínica, bem como a investigação de sua validade convergente, comparando os resultados obtidos nesta técnica com, por exemplo, os encontrados através da Entrevista Familiar Estruturada (EFE), ou mesmo com outros instrumentos que avaliem questões familiares. Todas estas possibilidades revelam-se importantes para um processo crescente de qualificação das propriedades psicométricas do FAT, ação que se respalda e se ancora na premissa de que a família é co-participante na formação e manutenção dos sintomas de seus membros; e, por isso, ter acesso à sua forma de estruturação e funcionamento é de grande valia para a avaliação e conseqüente acompanhamento psicoterápico daquele que busca a ajuda de um psicólogo. Em contextos como este, o FAT apresenta-se como uma ferramenta interessante e promissora.

Para finalizar, parece relevante salientar que todo estudo de propriedades psicométricas de testes psicológicos, e especificamente de técnicas projetivas, precisa levantar uma questão que vai muito além dos dados objetivos: bons instrumentos não

prescindem de bons profissionais. A atualidade é marcada por normas que são, sim, muito importantes para a padronização e referência de processos de avaliação psicológica. Entretanto, muitos procedimentos e condutas não estão explícitos nem registrados em resoluções, especialmente no que tange ao preparo técnico e à competência do profissional, que tem a obrigação de resguardar, com suas ações, a ética e a qualidade de seu trabalho. Neste sentido, talvez seja possível dizer que uma tese que buscou estudar a pertinência e a utilidade de uma nova técnica projetiva, demonstrando os resultados de seu aprimoramento em termos psicométricos, tem como principal compromisso a divulgação de um processo de avaliação que sempre contemple a complexidade e a diversidade dos seres humanos e de seus comportamentos. A proposição que se apresenta, então, como tese, é mais do que a validação e adaptação de um instrumento, é o entrever de outros e novos caminhos que podem auxiliar no e para o desenvolvimento sadio dos indivíduos, principal interesse e objetivo do trabalho e dos esforços em Psicologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abt, L. E. (1984). Una teoría de la psicología proyectiva. In L. E. Abt & L. Bellak. Psicología Proyectiva: enfoque clínico de la personalidad total, (pp. 37-59). Buenos Aires: Paidós.
- Abt, L. E. & Bellak, L. (1984). Introducción a los Fundamentos teóricos de la Psicología Proyectiva. In L. E. Abt & L. Bellak. Psicología Proyectiva: enfoque clínico de la personalidad total, (pp. 23-24). Buenos Aires: Paidós.
- Alarcão, M. (2000). (Des)Equilíbrios familiares: Uma visão sistémica. Coimbra: Quarteto Editora.
- Alarcão, M. & Gaspar, M. F. (2007). Imprevisibilidade familiar e suas implicações no desenvolvimento individual e familiar. Paidéia, 17 (36), 89-102.
- Alvarenga, P. & Piccinini, C. (2001). Práticas educativas maternas e problemas de comportamento em pré-escolares. Psicologia: Reflexão e Crítica, 14 (3), 449-459.
- Alves, I. C. B. (2004). Técnicas projetivas: questões atuais na psicologia. In C. E. Vaz & R. L. Graeff (Orgs.). III Congresso Nacional da Sociedade Brasileira de Rorschach e outros métodos projetivos: Técnicas Projetivas: produtividade em pesquisa, (pp. 361-366). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Anastasi, A. & Urbina, S. (2000). Testagem psicológica, (7ª ed.). Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- Angelini, A. L. et al. (1999). Matrizes Progressivas Coloridas de Raven: Escala Especial. São Paulo: Centro Editor de Testes e Pesquisas em Psicologia.
- Anzieu, D. (1981). Os métodos projetivos. Rio de Janeiro: Campus.
- Augras, M. (1998). A dimensão simbólica: o simbolismo nos testes psicológicos. Petrópolis: Vozes.
- Azevedo, D. C. de (2002). Análise situacional ou psicodiagnóstico infantil: uma abordagem humanista-existencial. In V. A. Angerami-Camon (Org.). Psicoterapia fenomenológico-existencial, (pp. 93-121). São Paulo: Pioneira Thompson Learning Ltda.
- Beck, A. T., Rush, A. J., Shaw, B. F. & Emery, G. (1997). Terapia cognitiva da depressão. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bisquerra, R., Sarriera, J. C. & Martínez, F. (2004). Introdução à estatística: enfoque informático com o pacote estatístico SPSS. Porto Alegre: Artmed.

- Bloch, D. A. & Rambo, A. (1998). O início da terapia familiar: temas e pessoas. In M. Elkaïm (Org.). Panorama das Terapias Familiares, (Vol. 1, pp. 25-56). São Paulo: Summus.
- Bolsoni-Silva, A. & Marturano, E. (2002). Práticas educativas parentais e problemas de comportamento: Uma análise à luz das habilidades sociais. Estudos de Psicologia, 7 (2), 227-235.
- Bowen, M. (1989). La terapia familiar en la práctica clínica: Fundamentos teóricos, (Vol. 2). Bilbao, Spain: Desclee de Brouwer.
- Bowlby, J. (1984). Apego e perda. São Paulo: Martins Fontes.
- Bradburry, T. N., Finchman, F. D. & Beach, S. R. H. (2000). Research on the nature and determinants of marital satisfaction: a decade in review. Journal of Marriage and the Family, 62, 964-980.
- Breitman, S. & Porto, A. C. (2001). Mediação Familiar: uma intervenção em busca da paz. Porto Alegre: Criação Humana.
- Buchanan, S. M. (1987). A comparison of clinic and non-clinic children on the Family Apperception Test. Unpublished masters thesis. Wake Forest University, Winston-Salem, NC.
- Bunchaft, G. & Vasconcellos, V. L. P. (2006). Os testes projetivos em uma perspectiva não-psicanalítica. [On-line]. Disponível em: <<http://www.psicometria.psc.br/artigo4.htm>>. Acesso em: 01 mar. 2007.
- Calil, V. L. L. (1987). Terapia familiar e de casal. São Paulo: Summus.
- Carter, B. & McGoldrick, M. (2001). As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar. In B. Carter & M. McGoldrick. As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar, (2ª ed, pp. 7-29). Porto Alegre: Artmed.
- Conselho Federal de Psicologia (2007). Cartilha sobre Avaliação Psicológica. Brasília, agosto de 2007.
- Cramer, P. (1999). Future Direction for the Thematic Apperception Test. Journal of Personality Assessment, 72 (1), 74-92.
- Cunha, J. A. (2002). Catálogo de técnicas úteis. In J. A. Cunha. Psicodiagnóstico-V, (5ª ed. rev., pp. 202-290). Porto Alegre: Artmed.
- Cunha, J. A. & Nunes, M. L. T. (1993). Teste das Fábulas: forma verbal e pictórica. São Paulo: Centro Editor de Testes e Pesquisas em Psicologia.
- Dessen, M. A. & Polónia, A. da C. (2007). A família e a escola como contextos de desenvolvimento. Paidéia, 17 (36), 21-32.

- Eaton, C. B. (1988). The Family Apperception Test: A study of the construt validity of a long and short form. Unpublished masters thesis. Wake Forest University, Winston-Salem, NC.
- Elkaïm, M. (Org.) (1998). Panorama das Terapias Familiares. São Paulo: Summus.
- Fachel, J. & Camey, S. (2002). Avaliação psicométrica: a qualidade das medidas e o entendimento dos dados. In J. A. Cunha (Org.). Psicodiagnóstico-V, (5ª ed. rev., pp. 158-170). Porto Alegre: Artmed.
- Fensterseifer, L. & Werlang, B. S. G. (2008). Apontamentos sobre o *status* científico das técnicas projetivas. In A. E. de Villemor-Amaral & B. S. G. Werlang (Orgs.). Atualizações em Métodos Projetivos para Avaliação Psicológica, (pp. 15-33). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.
- Fish, R., Weakland, J. & Segal, L. (1982). The tatics of change. San Francisco: Josey-Bass.
- Freud, S. (1986a). Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa. In J. Strachey (Ed. e Trad.), Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, (Vol. 3, pp. 154-173). Rio de Janeiro: Imago. (Obra Original publicada em 1896).
- Freud, S. (1986b). Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada Neurose de Angústia. In J. Strachey (Ed. e Trad.), Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, (Vol. 3, pp. 91-112). Rio de Janeiro: Imago. (Obra Original publicada em 1894).
- Freud, S. (1994). Totem e Tabu. In J. Strachey (Ed. e Trad.), Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, (Vol. 13, pp. 13-163). Rio de Janeiro: Imago. (Obra Original publicada em 1913).
- Frosch, C. A., Mangelsdorf, S. C. & McHale, J. L. (2000). Marital behavior and the security os preeschooler-parent attachment relationships. Journal of Family Psychology, 14, 144-161.
- Garb, H. N., Wood, J. M., Lilienfeld, S. O. & Nezworski, M. T. (2002). Effective use of projective techniques in clinical practice: Let the data help with selection and interpretation. Professional Psychology: Research and Praticce, 33 (5), 454-463.
- Gingrich, N. E. (1987). Interrater reliability of the family apperception test: A preliminary study. Unpublished masters thesis. Wake Forest University, Winston-Salem, NC.
- Goldbeter-Merinfeld, E. (1998). A abordagem estrutural na terapia familiar. In M. Elkaïm (Org.). Panorama das Terapias Familiares, (Vol. 1, pp. 225-258). São Paulo: Summus.
- Haley, J. (1978). Problem-solving therapy. San Francisco: Josey-Bass.
- Harrison, R. (1965). Thematic Apperception Methods. In B. B. Wolman (Ed.). Handbook of Clinical Psychology, (pp. 562-620). New York: McGraw-Hill Book Company.

- Hill, R. (1949). Families under stress. New York: Harper.
- Landis, J. R. & Koch, G. G. (1977). The measurement of observer agreement for categorical data. Biometrics, *33*, 159-174.
- Lilienfeld, S. O. (1999). Projective measures of personality and psychopathology: How well do they work? Skeptical Inquirer, *23*, 32-39.
- Lilienfeld, S. O., Wood, J. M. & Garb, H. N. (2000). The Scientific status of Projective Techniques. Psychological Science in the Public Interest, *1* (2), 26-66.
- Lowenstein, L. F. (1987). Are projective techniques dead? British Journal of Projective Psychology, *32* (2), 2-21.
- Lundquist, A. (1987). A projective approach to family systems assessment: A preliminary validity study of the Family Apperception Test. Unpublished masters thesis. Wake Forest University, Winston-Salem, NC.
- Macfarlane, J. W. & Tuddenham, R. D. (1976). Problemas planteados en la validación de las técnicas proyectivas. In H. H. Anderson & G. L. Anderson. Técnicas proyectivas de diagnostico psicológico, (pp. 54-87). Madrid: Rialp.
- McCubbin, H. I. & Patterson, J. M. (1982). Family Adaptation to Crises. In H. I. McCubbin, A. E. Cauble & J. M. Patterson (Eds.). Family Stress, Coping and Social Support, (pp. 26-47). Springfield: Charles C. Thomas.
- Minuchin, S. & Fishman, H. C. (1990). Técnicas de Terapia Familiar. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Minuchin, S. (1982). Famílias: funcionamento e tratamento. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Montagna, M. E. (1989). Análise e interpretação do CAT: Teste de Apercepção Temática Infantil. São Paulo: EPU.
- Nichols, M. P. & Schwartz, R. C. (2007). Terapia Familiar: conceitos e métodos, (7ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- O'Connor, T., Deater-Deckard, K., Fulker, D., Rutter, M. & Plomin, R. (1998). Genotype-environment correlations in late childhood and early adolescence: Antisocial-behavioral problems and coercive parenting. Developmental Psychology, *34*, 970-981.
- Oliveira, M. L. S. & Bastos, A. C. de S. (2000). Práticas de atenção à saúde no contexto familiar: um estudo comparativo de casos. Psicologia: Reflexão e Crítica, *13* (1), 97-107.
- Olson, D. H. (2000). Circumplex Model of Marital and Family Systems. Journal of Family Therapy, *22*, 144-167.
- Papero, D. V. (1998). A teoria sobre os sistemas familiares de Bowen. In: M. Elkaim

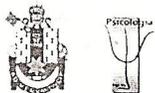
- (Org.). Panorama das Terapias Familiares, (Vol. 1, pp. 71-100). São Paulo: Summus.
- Pasquali, L. (2001). Parâmetros psicométricos dos testes psicológicos. In L. Pasquali (Org.). Técnicas de Exame Psicológico – TEP, (pp. 11-136). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pasquali, L. (2003). Psicometria: teoria dos testes na Psicologia e na Educação. Petrópolis: Vozes.
- Pontes, F. A. R., Silva, S. S. da C., Garotti, M. & Magalhães, C. M. C. (2007). Teoria do apego: elementos para uma concepção sistêmica da vinculação humana. Aletheia, 26, 67-79.
- Rapaport, D. (1971). Testes de diagnóstico psicológico. Buenos Aires: Paidós.
- Raven, J. C. (2003). Matrizes Progressivas: Escala Geral, Séries A, B, C, D e E. Rio de Janeiro: Centro Editor de Psicologia Aplicada.
- Regulamentação do uso, elaboração e comercialização de Testes Psicológicos, Resolução CFP Nº 002/2003, Conselho Federal de Psicologia. (2003). Acesso em 27 de maio de 2006. [On-line]. Disponível em: <http://www.pol.org.br/resolucoes/002_2003.doc>. Acesso em: 27 maio 2006.
- Ribeiro, R. L., Pompéia, S. & Bueno, O. F. A. (2005). Comparison of Brazilian and American norms for the International Affective Picture System (IAPS). Revista Brasileira de Psiquiatria, 27 (3), 208-215.
- Ross, L. & Hill, E. (2000). The family unpredictability scale: Reliability and validity. Journal of Marriage and the Family, 62 (2), 549-561.
- Roudinesco, E. (2003). A família em desordem. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Seitz, J. A. (2001). A cognitive-perceptual analysis of projective tests in children. Perceptual and Motor Skills, 93, 505-522.
- Sendín, M. C. (2000). Bases conceptuales y guía práctica en los contextos clínico y educativo. Madrid: Psimática.
- Serpa, M. N. (1999). Teoria e prática na mediação de conflitos. Rio de Janeiro: Lúmen Júris.
- Silva, E. F., Ebert, T. H. & Miller, L. M. (1984). O Teste de Apercepção Temática de Murray (TAT) na cultura brasileira: manual de aplicação e interpretação. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas.
- Sotile, W. M., Julian III, A., Henry, S. E. & Sotile, M. O. (1991). Family Apperception Test: Manual. Los Angeles: Western Psychological Services.
- STATA Corporation. (2005). Stata base reference manual: release 9. College Station: Stata

Press.

- Tavares, M. (2003). Validade clínica. Psico USF, 8 (2), 125-136.
- Telles, V. S. (2000). A desvinculação do TAT do conceito de “projeção” e a ampliação de seu uso. Psicologia USP, 11 (1), 63-83.
- Urbina, S. (2007). Fundamentos da Testagem Psicológica. Porto Alegre: Artmed.
- Vane, J. B. & Guarnaccia, V. J. (1989). Personality theory and personality assessment measures: how helpful to the clinicians? Journal of Clinical Psychology, 45 (1), 5-19.
- Vasconcelos, M. J. E. (2002). Pensamento Sistêmico: Novo Paradigma da Ciência. Campinas: Papirus.
- Villemor-Amaral, A. E. (2008). A validade teórica em avaliação psicológica. Psicologia: Ciência e Profissão, 28 (1), 98-109.
- Villemor-Amaral, A. E. & Pasqualini-Casado, L. (2006). A cientificidade das técnicas projetivas em debate. Psico-USF, 11 (2), 185-193.
- Walsh, F. (2002). Casais Saudáveis e Casais Disfuncionais: Qual a diferença? In M. Andolfi (Org.). A Crise do Casal: Uma Perspectiva Sistêmico-Relacional, (pp. 13-28). Porto Alegre: Artmed.
- Walsh, F. (2003). Normal family processes: growing diversity and complexity, (3ª ed.). New York: Guildford Press.
- Walsh, F. (2005). Fortalecendo a resiliência familiar. São Paulo: Roca.
- Werlang, B. G. (2002a). Avaliação inter e transgeracional da família. In J. A. Cunha (Org.). Psicodiagnóstico-V, (5ª ed. rev., pp. 141-150). Porto Alegre: Artmed.
- Werlang, B. G. (2002b). TAT, conforme o modelo de Bellak. In J. A. Cunha (Org.). Psicodiagnóstico-V, (5ª ed., pp. 409-415). Porto Alegre: Artmed.
- Werlang, B. S. G. & Fensterseifer, L. (2008). Teste de Apercepção Familiar: estudo preliminar de fidedignidade. Actas da XIII Conferência Internacional, Avaliação Psicológica: Formas e Contextos. Psiquilibros Edições. Universidade do Minho, Braga, Portugal, CD.
- Winter, J. E. (1998). O modelo processual de Virginia Satir: fundamentos teóricos. In M. Elkaïm (Org.). Panorama das terapias familiares, (Vol. 2, pp. 96-132). São Paulo: Summus.

ANEXOS

Anexo A – Aprovação da Comissão Científica da Faculdade de Psicologia da PUCRS



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Faculdade de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Ofício 029/2006 – RM

Porto Alegre, 13 de setembro de 2006.

Senhor(a) Pesquisador(a)

A Comissão Científica da Faculdade de Psicologia da PUCRS apreciou e aprovou seu protocolo intitulado “*Teste Familiar: Estudo de Fidedignidade*”.

Sua investigação está autorizada a partir da presente data, sem precisar passar pelo Comitê de Ética, pelas características específicas da pesquisa ou seja, participa de projeto mais amplo a nível de Pós-Graduação em Psicologia intitulado “*Teste de Apercepção Familiar: Estudo de Fidedignidade e Validade*” orientado pela Profa. Blanca Susana Guevara Werlang.

Atenciosamente



Prof. Dra. Margareth da Silva Oliveira
Coordenadora da Comissão Científica da FAPSI

Ilmo(a) Sr(a)

Profa. Dra. Profa. Blanca Susana Guevara Werlang e Dout. Liza Fensterseifer

Faculdade de Psicologia

Nesta Universidade

PUCRS

Campus Central
Av. Ipiranga, 6681 - P. 11- 9º andar - CEP 90619-900
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax (51) 3320 - 3633
E-mail: psicologia-pg@pucrs.br
www.pucrs.br/psipos

Anexo B – Aprovação do Comitê de Ética da PUCRS

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP - PUCRS



Ofício nº 152/05-CEP

Porto Alegre, 23 de fevereiro de 2005.

Senhor(a) Pesquisador(a):

O Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS apreciou e aprovou seu protocolo de pesquisa intitulado: "Teste de apercepção familiar: estudo de fidedignidade e validade".

Sua investigação está autorizada a partir da presente data, com a recomendação de que as cartas de autorização das Instituições onde será realizada a pesquisa deverá ser apresentada dentro de 90 dias.

Atenciosamente,

Prof. Dr. Délio José Kipper
COORDENADOR DO CEP-PUCRS

Ilmo(a) Sr(a)
Profa Blanca Suzana Guevara Werlang
N/Universidade

Anexo C – Carta aos pais**CARTA AOS PAIS OU RESPONSÁVEIS**

Belo Horizonte, _____ de _____ de 200__.

Senhores Pais ou Responsáveis,

Através desta, gostaríamos de lhes explicar que estamos realizando um trabalho de pesquisa com crianças e adolescentes entre 06 e 15 anos, estudantes de escolas públicas e privadas, do sexo masculino e feminino. Este estudo está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, aqui representado pelas psicólogas Blanca Guevara Werlang e Liza Fensterseifer. Sabemos, através de nossa experiência profissional, que para que um instrumento de avaliação psicológica possa ser utilizado com segurança, ele deve apresentar características que possibilitem confiança nos dados que produz, sendo necessária, então, a adaptação do mesmo para a realidade brasileira. Assim sendo, o objetivo deste estudo é a adaptação do Teste de Apercepção Familiar – FAT (originariamente americano), com o intuito de poder ter um instrumento confiável para a identificação do funcionamento e da estrutura familiar, na percepção de quem responde ao instrumento.

Gostaríamos, então, de contar com sua valiosa colaboração, no sentido de autorizar a participação de seu filho(a) na pesquisa. Para isso, ele(a) deverá responder, a dois instrumentos (Teste Matrizes Progressivas de Raven e Teste de Apercepção Familiar – FAT). Os instrumentos serão aplicados dentro do próprio contexto escolar, em dois encontros, com a respectiva autorização institucional, não devendo acarretar danos ao andamento normal das atividades curriculares. A princípio, o maior incômodo a que seu filho(a) estará submetido será a disposição de tempo para responder aos instrumentos, e o maior benefício será a participação em um trabalho científico.

As informações obtidas através dos instrumentos serão de caráter confidencial; a elas só terão acesso os pesquisadores diretamente envolvidos na pesquisa, que analisarão os dados do ponto de vista estatístico de sua representatividade para o grupo de crianças e adolescentes em estudo. Com isso, pretendemos manter o caráter científico, ético e profissional da referida pesquisa.

Desde já agradecemos muito por sua colaboração e solicitamos que a Ficha de Dados Demográficos e o Termo de Consentimento, em anexo, sejam enviados através de seu filho(a), para a escola, em um prazo de dois dias. Esta carta fica com você, bem como uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Prof^a. Dr^a. Blanca Guevara Werlang
Orientadora

Liza Fensterseifer
Psicóloga

Anexo D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Estamos solicitando sua autorização para que seu filho(a) possa participar da presente pesquisa, que tem como principal objetivo a adaptação do Teste de Apercepção Familiar – FAT (originariamente americano) para a realidade brasileira. O intuito é ter um instrumento confiável para a identificação do funcionamento e da estrutura familiar, na percepção de quem responde ao instrumento. Tal estudo prevê a participação de crianças e adolescentes entre 06 e 15 anos, estudantes de escolas públicas e privadas, do sexo masculino e feminino. Para tanto é necessário que as crianças e os adolescentes respondam a dois instrumentos (Teste Matrizes Progressivas de Raven e Teste de Apercepção Familiar – FAT). Essa atividade será realizada na própria instituição escolar, sem prejuízo das atividades escolares, em 2 encontros de aproximadamente 30 minutos, sob a coordenação da psicóloga responsável pelo estudo. Os dados obtidos através destes instrumentos serão mantidos em sigilo e colocados anonimamente à disposição dos pesquisadores responsáveis pelo estudo. O maior desconforto para as crianças e os adolescentes será o tempo de que deverão dispor para responder aos instrumentos. O benefício será a contribuição pessoal para o desenvolvimento de um estudo científico.

Eu, _____ (nome do pai, mãe ou responsável pela criança ou adolescente) fui informado dos objetivos especificados acima, de forma clara e detalhada. Recebi informações específicas sobre o procedimento no qual meu filho(a) estará envolvido(a), do desconforto previsto, tanto quanto do benefício esperado. Todas as minhas dúvidas foram respondidas com clareza e sei que poderei solicitar novos esclarecimentos a qualquer momento através do telefone (31) 9199-0355, da psicóloga Liza Fensterseifer. Sei que novas informações obtidas durante o estudo me serão fornecidas e que terei liberdade de retirar o consentimento de participação do meu filho(a) na pesquisa, em face dessas informações. Fui certificado de que as informações por meu filho(a) fornecidas terão caráter confidencial.

Declaro que recebi cópia do presente termo de consentimento livre e esclarecido.

Nome do Responsável: _____

| | |
|--|------|
| Assinatura do Responsável | Data |
| Prof ^ª . Dr ^ª . Blanca Guevara Werlang – PUCRS | Data |
| Psicóloga Liza Fensterseifer – PUCMinas | Data |

Anexo E – Ficha de Dados Sociodemográficos

FICHA DE DADOS

Instituição: _____ Data: _____

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) CRIANÇA/ADOLESCENTE

Nome: _____

Data de Nascimento: ____/____/____ Idade: _____ Série atual: _____

Repetiu alguma série?

Não Sim Quantas vezes? _____

Qual série? _____

Como tem sido, atualmente, seu desempenho na escola?

Ótimo Bom Regular Ruim

Já foi suspenso(a) ou expulso(a) da escola? Por quê?

Os professores têm queixas a seu respeito?

Não Sim

Quais são as queixas?

Falta de atenção Desorganização Falta de interesse

Não realiza as tarefas escolares Conduta inadequada: palavrões, brigas

Outras

Desde quando? _____

Apresenta alguma doença física? Não Sim Qual? _____

Apresenta alguma doença psicológica? Não Sim Qual? _____

Faz ou fez algum tipo de tratamento? Não Sim Quais? _____

Toma medicamentos? Não Sim Quais? _____

DADOS FAMILIARES:

Com quem mora o (a) aluno (a)?

Pai Idade: _____ Ocupação: _____ Escolaridade: _____

Mãe Idade: _____ Ocupação: _____ Escolaridade: _____

Madrasta/Padrasto Idade: _____ Ocupação: _____ Escolaridade: _____

() Irmãos: Quantos? _____

Idade: _____ Sexo: _____ Escolaridade: _____

Idade: _____ Sexo: _____ Escolaridade: _____

Idade: _____ Sexo: _____ Escolaridade: _____

() Avô/Avó

() **Outros:** _____ (Especifique)

RENDA FAMILIAR:

Até 1 salário mínimo ()

1 a 3 salários mínimos ()

3 a 5 salários mínimos ()

Acima de 5 salários mínimos ()

DOS ITENS ABAIXO, ASSINALE QUAIS E QUANTOS VOCÊ POSSUI EM SUA RESIDÊNCIA.

| Itens | Não tem | Tem | | | |
|--|---------|-----|---|---|--------|
| | | 1 | 2 | 3 | 4 ou + |
| Televisão a cores | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 ou + |
| Rádio | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 ou + |
| Banheiro | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 ou + |
| Automóvel | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 ou + |
| Empregada mensalista | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 ou + |
| Aspirador de pó | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 ou + |
| Máquina de lavar | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 ou + |
| Videocassete e/ou DVD | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 ou + |
| Geladeira | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 ou + |
| Freezer (aparelho independente ou parte da geladeira duplex) | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 ou + |

Anexo F – Aprovação no Exame de Qualificação



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Faculdade de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Ata 13ª / 2007

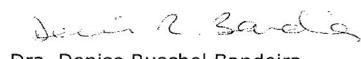
Aos dezenove dias do mês de dezembro de dois mil e sete, no Auditório do Prédio 11 – 9º andar, do Campus Universitário da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, após sessão de apresentação e defesa das 14 h e 00 min às 16 h e 00 min, reuniu-se a **décima terceira** Comissão de Avaliação, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, para arguir e avaliar os trabalhos apresentados pela doutoranda **Liza Fensterdeifer** com o objetivo de satisfazer os requisitos do **Exame de Qualificação de Doutorado**. A Comissão esteve constituída pelos professores **Dra. Blanca Susana Guevara Werlang (PUCRS)**, **Dr. Anna Elisa de Villemor-Amaral – (USF)**, **Denise Ruschel Bandeira e Dra. Maria Lucia Tiellet Nunes – (PUCRS)**. A Comissão deliberou pela () **APROVAÇÃO** / () **NÃO APROVAÇÃO** do Projeto de Tese intitulado "Teste de Apercepção Familiar: estudo de fidedignidade", e seu Ensaio Temático "Reflexões sobre o Status das Técnicas Projetivas na Atualidade". Nada mais a constar, lavrei a presente ata, que vai assinada pela Comissão de Avaliação, Coordenadora e Secretária.

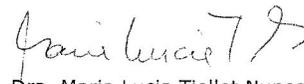
Obs.: _____

Porto Alegre, 19 de dezembro de 2007.


Dra. Blanca Susana Guevara Werlang
(Orientadora-Presidente)


Dra. Anna Elisa Villemor-Amaral
(USF)


Dra. Denise Ruschel Bandeira
(UFRGS)


Dra. Maria Lucia Tiellet Nunes
PUCRS


Dra. Maria Lucia Tiellet Nunes
Coordenadora


Claudia A. de Los Angeles Silveira
Secretária



PUCRS

Campus Central
Av. Ipiranga, 6681 – P. 11- 9º andar – CEP 90619-900
Porto Alegre – RS – Brasil
Fone: (51) 3320-3500 – Fax (51) 3320 – 3633
E-mail: psicologia-pg@pucrs.br
www.pucrs.br/psipos

Anexo G – Protocolo de categorização das respostas do FAT

TESTE DE APERCEPÇÃO FAMILIAR – PROTOCOLO DE ESCORES

Nome: _____ Idade: _____ Data: _____

| Categorias | Número de cada lâmina | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | Escores |
|---------------------------------------|-----------------------|-----|---------|---------|---------------|--------|----------------|-----------------|---------|----------|--------|----------------|----------------|-------------|------|--------|-----------|--------|----------|---------|--|---------|
| | Jantar | Som | Castigo | Vestido | Assistindo TV | Faxina | Andar superior | Shopping center | Cozinha | Baseball | Atraso | Tarefa escolar | Hora de dormir | Brincadeira | Jogo | Chaves | Maquiagem | Viagem | Trabalho | Espelho | Encontro/despedida | |
| Conflito | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Familiar | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | |
| Conjugal | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | |
| Outros | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | |
| Ausência de conflito | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | |
| Tipo de resolução do conflito | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Positiva | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | |
| Negativa ou sem resolução | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | |
| Mágica | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | |
| Imposição de limites | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Adequada/obediente | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | |
| Adequada/desobediente | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | |
| Inadequada/obediente | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | |
| Inadequada/desobediente | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | |
| Qualidade relacionamento | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Confortável | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | |
| Desconfortável | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | |
| Fronteiras | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Nítidas | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | |
| Difusas | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | |
| Rígidas | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | |
| Coalizão | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Presente | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | |
| Ausente | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | |
| Relações abusivas | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Abuso físico/psicológico | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | |
| Abuso sexual | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | |
| Abuso de substâncias | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | |
| Modulação emocional | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Depressão | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | |
| Alegria | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | |
| Raiva | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | |
| Ansiedade | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | |
| Tipo de comunicação | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Aberta/clara | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | |
| Fechada/confusa | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | |
| Respostas incomuns e rejeições | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Resposta incomum | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | |
| Rejeição | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | |
| Circularidade disfuncional | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Presente | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Ausente | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | Índice total de disfuncionalidade | |

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F341t Fensterseifer, Liza

Teste de apercepção familiar: sistema de categorização das respostas e fidedignidade entre avaliadores / Liza Fensterseifer. – Porto Alegre, 2008.
137 f.

Tese (Doutorado) – Faculdade Psicologia, Pós-Graduação em Psicologia, PUCRS.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Blanca Susana Guevara Werlang.

1. Relações Familiares. 2. Instrumentos Psicológicos.
3. Teste de Apercepção Familiar (FAT). 4. Família – Psicologia. I. Werlang, Blanca Susana Guevara. II. Título.

CDD 158.2

Bibliotecário Responsável

Ginamara Lima Jacques Pinto
CRB 10/1204